

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação e Docência

Rosiene Cristina Rosa

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: trajetórias de egressos da Licenciatura em
Educação do Campo/UFMG na/da Escola do Carioca**

Belo Horizonte - MG
2024

Rosiene Cristina Rosa

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: trajetórias de egressos da Licenciatura em
Educação do Campo/UFMG na/da Escola do Carioca**

Dissertação de Mestrado apresentada ao PROMESTRE – Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação do Campo

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida Martins

Belo Horizonte - MG
2024

R788e T	<p>Rosa, Rosiene Cristina, 1985- Educação do campo [manuscrito] : trajetórias de egressos da Licenciatura em Educação do Campo--UFMG na--da Escola do Carioca / Rosiene Cristina Rosa. -- Belo Horizonte, 2024. 110 f. : enc, il., color.</p> <p>Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientadora: Maria de Fátima Almeida Martins. Bibliografia: f. 99-102. Apêndices: f. 103-110.</p> <p>1. Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel (Piranga, MG) -- Estudantes -- Teses. 2. Universidade Federal de Minas Gerais -- Faculdade de Educação -- Licenciatura em Educação do Campo -- Teses. 3. Universidade Federal de Minas Gerais -- Faculdade de Educação -- Professores de educação do campo -- Formação -- Teses. 4. Educação -- Teses. 5. Educação do campo -- Teses. 6. Educação rural -- Teses. 7. Camponeses -- Educação -- Teses. 8. Jovens -- Camponeses -- Educação -- Teses. 9. Escolas do campo -- Teses. 10. Professores de educação do campo -- Formação -- Teses. 11. Piranga (MG) -- Educação do campo -- Teses. I. Título. II. Martins, Maria de Fátima Almeida, 1961-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p>
	CDD- 370.19346

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAE - COLEGIADO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA ROSIENE CRISTINA ROSA

Realizou-se, no dia 25 de junho de 2024, às 14:00 horas, Rua Jose Pedro Paiva Araujo, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 537ª defesa de dissertação, intitulada EDUCAÇÃO DO CAMPO: trajetórias de egressos da Licenciatura em Educação do Campo/ UFMG da/na Escola do Carioca, apresentada por ROSIENE CRISTINA ROSA, número de registro 2022659052, graduada no curso de GEOGRAFIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Maria de Fatima Almeida Martins - Orientador (UFMG), Prof(a). Eliano de Souza Martins Freitas (UFMG), Prof(a). Erica Fernanda Justino de Freitas (Secretaria de estado da Educação).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 25 de junho de 2024.

Prof(a). Maria de Fatima Almeida Martins (Doutora)

Prof(a). Eliano de Souza Martins Freitas (Doutor)

Prof(a). Erica Fernanda Justino de Freitas (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Érica Fernanda Justino de Freitas, Usuária Externa**, em 08/07/2024, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria de Fatima Almeida Martins, Professora do Magistério Superior**, em 08/07/2024, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliano de Souza Martins Freitas, Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 08/07/2024, às 12:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3347655** e o código CRC **B2F8E8FF**.

Dedico este trabalho a todos os (as) camponeses (as) que lutam pela educação dos seus filhos. Aos meus pais José Geraldo Rosa e Maria Zélia Santana de Paiva Rosa camponeses que não mediram esforços para que eu pudesse tornar o meu sonho uma realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui. Sem a sua presença em minha vida e a certeza de que eu estava tomando a melhor decisão eu não teria percorrido todo este caminho.

A grandeza da vida é poder partilhar sorrisos, conquistas, medos, anseios, desafios e vitórias. Sou imensamente grata a cada um que direta e indiretamente contribuíram para a realização desta etapa tão importante na minha vida.

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais José Geraldo Rosa e Maria Zélia Santana de Paiva Rosa, camponeses que não mediram esforços para que eu pudesse trilhar o meu caminho e realizar os meus sonhos. Sou imensamente grata à vida dos senhores e pelos pais maravilhosos que são.

Ao meu marido Cláudio que compartilha a vida comigo e sempre me encoraja a seguir em frente. Com certeza somos muito melhores juntos.

Ao meu filho Benício por ser este SER de luz e a maior razão para que eu enfrente os meus medos. Filho você é o presentinho que Deus me deu.

Às minhas irmãs Rosimeri, Roseni, Rosilainy, Rosinéia e ao meu irmão Robson que sempre estão ao meu lado partilhando todos os momentos. Vocês são minhas jóias raras.

Aos meus sobrinhos, cunhadas, cunhados obrigada pelo carinho, pelo abraço, pelas risadas. Em especial a Rosária e a Madalena que me acolheram com tanto carinho nesta jornada. À minha sogra D. Neguita. A senhora é sinônimo de força, de garra. Obrigada por cada palavra.

Aos colegas de trabalho, do Departamento da Assistência Social de Piranga e do Cras Vila do Carmo, vocês foram importantíssimos na minha trajetória.

Aos colegas e diretores da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel e da Apae Piranga gratidão pela parceria.

À equipe do Afirmção na Pós-UFMG, em especial a Rócio que pegou na minha mão no início desta jornada. Gratidão minha querida.

Aos meus amigos do PROMESTRE, gratidão por toda troca, apoio, desafios vividos e superados. Em especial a Keziah Polianna que me acolheu como se acolhe a uma irmã. Você

mora em meu coração. A Geize, a Vera, a Jaqueline por toda conexão nesta trajetória.

À minha orientadora Maria de Fátima Almeida Martins , pela orientação, correção, apoio e por ser esta pessoa maravilhosa. Que nos momentos de incerteza, com poucas palavras solucionava um turbilhão de problemas. Obrigada pela confiança na construção deste trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha jornada desde a Educação Básica, em especial aos professores do PROMESTRE que nos levam a reflexões inimagináveis. Com vocês me tornei pesquisadora.

À minha irmã Roseni de Fátima Rosa e à minha querida amiga e ex-aluna da Educação Básica, Luciene de Paula, não tenho palavras para agradecer toda a parceria, escuta, ajuda neste processo. Vocês são meus anjos aqui na Terra. Que Deus abençoe imensamente a vida de vocês.

Aos sujeitos da pesquisa por terem aceitado embarcar neste projeto comigo. Este trabalho não é meu. Ele é nosso. Gratidão por todo cuidado e carinho durante todo este percurso.

A todos vocês, o meu mais sincero agradecimento.

Para finalizar, eu não poderia deixar de registrar aqui a letra da música que virou meu mantra nesta Jornada. Obrigada Gabi por apresentá-la a mim.

Mire as estrelas - Rosa de Saron

Eu sei... Que as vezes dá vontade de parar!

Mas, se você desistir, quem vai lutar por você?

Tanta luta... Pra chegar até aqui! Tanta história... Pra agora desistir?

Caso aconteça, deixe o cansaço pra trás

E nunca se esqueça: por aqui não há tarde demais!

Então mire as estrelas e salte o mais alto que der!

Tome distância, e faça o melhor que puder!

Só não se permita viver na sombra do talvez...

Aqui só se vive uma vez!

Com esta música, como camponesa, convido a todos os camponeses e as camponesas a mirarem as estrelas e saltarem o mais alto que puder.

RESUMO

Esta pesquisa contempla a Educação do Campo e diz respeito ao estudo sobre a trajetória de Egressos da Licenciatura em Educação do Campo/ UFMG na/da Escola do Carioca. Tem como objetivo identificar se a Educação do Campo contribui para o processo de quebra de paradigmas e identificação dos sujeitos como camponês, a partir do entendimento dos egressos da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel (Escola do Carioca) localizada no município de Piranga - MG que cursaram a LeCampo- UFMG entre os anos de 2017 a 2020. Inicialmente fizemos um levantamento documental com base de dados da escola pesquisada e uma discussão teórica sobre a Educação do Campo, Educação Rural, Licenciatura em Educação do Campo, Egressos e Campesinato. Destacamos que foram encontradas lacunas na literatura sobre egressos da Educação Básica. Deste modo, observou-se a necessidade de discutir e aprofundar os estudos nesta temática com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o tema e fortalecer a literatura. Afim de chegarmos aos resultados foi desenvolvida uma análise qualitativa dos dados do questionário que possibilitou traçar o perfil dos egressos e a entrevista semiestruturada submetida ao método de análise de conteúdo estabelecidas por Bardin (2011). A pesquisa evidencia a importância em desenvolver um trabalho pautado nos conceitos da Educação do Campo desde Educação Básica assim como a necessidade de termos mais profissionais com formação específica na área. Para além, demonstra a importância da formação continuada dos professores que atuam nas escolas do/no campo.

Palavras chave: Educação do Campo, Educação Rural, Licenciatura em Educação do Campo, Egressos e Campesinato

ABSTRACT

This research contemplates Rural Education and concerns the study of the trajectory of Graduates of the Degree in Rural Education/UFMG in/from the Escola do Carioca. Its objective is to identify whether Rural Education contributes to the process of breaking paradigms and identifying subjects as peasants, based on the understanding of graduates of the Francisco Ferreira Maciel State School (School of the Carioca) located in the municipality of Piranga - MG who attended LeCampo-UFMG between 2017 and 2020. Initially, we carried out a documentary survey with a database from the researched school and a theoretical discussion on Rural Education, Rural Education, Degree in Rural Education, Graduates and Peasantry. We emphasize that gaps were found in the literature on graduates of Basic Education. Thus, the need was observed to discuss and deepen studies on this theme in order to expand knowledge on the subject and strengthen the literature. In order to reach the results, a qualitative analysis of the questionnaire data was developed, which made it possible to outline the profile of the graduates and the semi-structured interview was submitted to the content analysis method established by Bardin (2011). The research highlights the importance of developing work based on the concepts of Rural Education since Basic Education, as well as the need for more professionals with specific training in the area. In addition, it demonstrates the importance of continuing education for teachers who work in rural schools.

Keywords: Field Education, Rural Education, Degree in Rural Education, Graduates and Peasantry

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do município de Piranga- MG	46
Figura 2 - Mapa da Localização da Escola do Carioca no Município de Piranga – MG.....	47
Figura 3 - Imagem parcial da Comunidade de Carioca.....	48
Figura 4 - Imagem do Primeiro endereço em que a escola funcionou (Porão da Fazenda Paracatu)	54
Figura 5 - Imagem do segundo endereço em que a escola funcionou: Paiol na propriedade do Sr. Roque Felisberto	55
Figura 6 - Imagem do terceiro endereço da Escola Municipal “Paracatu” na propriedade do Sr. José Campos	55
Figura 7 - Imagem atual do local onde funcionou a Escola Municipal de Paracatu na propriedade do Sr. José Campos	56
Figura 8 - Imagem do Quarto endereço da Escola Estadual “Paracatu” na comunidade de Carioca	57
Figura 9 - Imagem da Ampliação da E.E. Francisco Ferreira Maciel	58
Figura 10 - Imagem atual da Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”	59
Figura 11 - Imagem atual da Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero do egressos	67
Gráfico 2 - Cor/Raça dos egressos	67
Gráfico 3 - Naturalidade dos egressos	68
Gráfico 4 - Faixa etária dos egressos	68
Gráfico 5 - Ano em que os egressos concluíram o Ensino Médio / Ano de ingresso na LeCampo	69
Gráfico 6 - Renda pessoal/Renda Familiar dos Egressos	70
Gráfico 7 - Quem indicou o curso de Licenciatura em Educação do Campo / Porque o egresso optou por esse curso	71
Gráfico 8 - Nota sobre curso no quesito reconhecimento como sujeito camponês	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento da produção acadêmica na pós-graduação strictu sensu (Dissertações e Teses)	40
Quadro 2 - Escolas Municipais de Piranga – MG	47
Quadro 3 - Escolas de Educação Infantil de Piranga – MG	48
Quadro 4 - Escolas Estaduais de Piranga – MG	48

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CSH	Ciências Sociais e Humanidades
CVN	Ciências da Vida e da Natureza
EEFFM	Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel
FaE	Faculdade de Educao
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educao Básica
LAL	Letras, Arte e Literatura
LeCampo	Licenciatura em Educao do Campo
MAT	Matemática
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais
PIB	Produto Interno Bruto
PROCAMPO	Programa de Apoio  Formação Superior em Licenciatura em Educao do Campo
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SER	Superintendência Regional de Ensino
TC	Tempo Comunidade
TE	Tempo Escola
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	27
1.1 Educação Rural e Educação do/no Campo: projeto de mudanças	27
1.2 Licenciatura em Educação do Campo	34
1.3 Estudos sobre egressos.....	38
1.4 Campesinato	43
CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PIRANGA E DA COMUNIDADE DE CARIOCA	46
2.1 O município de Piranga/MG.....	46
2.2 A comunidade de Carioca	49
2.3 Identificação da escola pesquisada.....	54
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	61
3.1 Caminhos metodológicos	61
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS COLETADOS	66
4.1. Aspectos gerais	66
4.1.1 Perfil dos Egressos da Escola do Carioca que cursaram a Licenciatura em Educação do Campo - UFMG	66
4.2 Categorias de análises.....	72
4.2.1 Qual o olhar dos egressos sobre o campo antes e depois do curso de licenciatura em Educação do Campo?.....	72
4.2.2 Ficar ou sair do campo? O que dizem os egressos?	76
4.2.3 Qual é a visão dos egressos sobre a escola do carioca antes e depois da Lecampo? Que papel esta escola exerceu na vida desses sujeitos?	80
4.2.4 Atuação docente, a visão dos egressos sobre a prática pedagógica	85
4.2.5 A Educação do Campo contribuiu para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses?	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
PRODUTO EDUCACIONAL.....	98
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	103
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	103
APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA	106
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	107
APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMISSO	110

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a contribuição da Licenciatura em Educação do Campo – LeCampo - da Faculdade de Educação da UFMG, para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses. Os sujeitos desta pesquisa cursaram a educação básica; Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel (EEFFM), reconhecida como escola do/no campo onde

A escola está localizada na comunidade rural do Carioca no município de Piranga - Minas Gerais sendo a única instituição educacional existente na comunidade. Ela atende desde os anos iniciais até o Ensino Médio e representa a possibilidade de acesso à educação aos filhos e filhas dos camponeses.

Todos os sujeitos desta pesquisa estão cursando ou já cursaram a Licenciatura em Educação do Campo - UFMG; além disto, todos são egressos da escola citada acima que a partir deste momento será carinhosamente chamada de Escola do Carioca.

Para desenvolver esta pesquisa, aprofundamos a análise nos conceitos de Educação Rural, Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo, Egressos e Campesinato.

Ressalto que esta pesquisa teve uma profunda relação com as minhas vivências e experiência profissional. Sou filha de camponeses, moradores da comunidade de Quilombo, próxima à comunidade do Carioca. Meus pais sempre incentivaram os estudos, fui educada em um ambiente que me permitia sonhar e conquistar o meu espaço. Conclui o ensino médio em 2002 e ingressei no ensino superior no ano de 2005 por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni) para cursar a graduação em Licenciatura e bacharelado em Geografia pela instituição Faculdade Santa Rita- Fasar.

Em 2007, comecei a lecionar na Escola do Carioca; ela está distante 12 km da área urbana e o acesso a ela se dá por estrada de terra. A escola recebe educandos da comunidade do Carioca e das comunidades vizinhas. Os educandos são filhos de camponeses, agricultores, fazendeiros, pedreiros, lavradores, diaristas, professores, artesãos, barbeiros, comerciantes, carpinteiros entre outros, que moram nestas localidades. Grande parcela desta população apresenta baixa renda, o sustento é tirado do trabalho com a terra, pela prestação de serviços e também pelos auxílios do governo.

Lecionando nesta escola tive a oportunidade de conhecer um pouco mais da realidade da comunidade, seus costumes, modo de vida, tradição, acesso à educação escolar, atividades econômicas, lazer, religiosidade entre outros. Em relação aos estudos, uma parcela significativa da população cursou somente a educação primária (antiga 4ª série). Observamos que

atualmente, as novas gerações tem tido um maior acesso à educação. A escola está localizada dentro da comunidade e o acesso a ela é facilitado pela proximidade das residências e também pelo transporte escolar.

Foi na escola do Carioca que me tornei a mulher e profissional que sou hoje. Esta escola me aproxima das minhas raízes e me motiva a lutar por uma educação que transforma vidas. Ao lecionar, percebi que eu tinha a missão de contribuir para que os educandos tivessem mais acesso às oportunidades educacionais, profissionais e que pudessem fazer escolhas e quebrar ciclos.

Nesta luta diária e em meio às atividades e compromissos escolares, que em 2017, a Escola recebeu um e-mail da Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Conselheiro Lafaiete sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo ofertado pela UFMG para professores que atuavam em escolas do campo e para educandos do campo que haviam concluindo o ensino médio. Buscamos nos informar melhor sobre o curso e fizemos o repasse aos educandos do 3º ano do ensino médio. Os interessados se inscreveram no processo seletivo. Quando o resultado foi divulgado acompanhamos a lista de classificação. Eu, a Roseni servidora da escola e a Luciene egressa da escola do ano de 2017 havíamos sido aprovadas para o curso.

Na época, não tínhamos nenhuma informação precisa sobre como o curso funcionava. Era tudo muito novo para nós. Nos questionávamos... que curso é esse? Como seria esta dinâmica da alternância? O que de fato era este Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC)? Mesmo com muitas dúvidas decidimos fazer a nossa matrícula e iniciar esta nova jornada. Quando as aulas começaram fomos juntas. Malas prontas para uma temporada de mais de trinta dias de estudos na UFMG.

Recordo-me com muito carinho e emoção do meu primeiro contato com a Educação do Campo. Fomos recebidos com uma mística preparada pelos veteranos do curso com muitas músicas, bandeiras dos movimentos sociais e envolvimento do corpo docente e discente. Em suas falas eu sentia verdade, amor, luta e uma intensidade em toda aquela representação. Aquele momento mexeu profundamente comigo e me pôs a refletir que movimento era aquele, quem eram aquelas pessoas, de onde vinham. Era um misto de emoção, curiosidade e ao mesmo tempo de reflexão.

A mística é um elemento que unifica o povo camponês e em suas representações nos sentimos acolhidos, tocados e transformados.

Este primeiro contato me levou a refletir o que é ser camponês e acima de tudo a olhar para mim e me questionar. Sou camponesa? Faço parte deste grupo? Estas primeiras impressões

me motivaram a buscar conhecer mais sobre a Educação do Campo.

Ao iniciar as aulas, aos poucos foram nos apresentados as grades curriculares, as primeiras conversas, os primeiros textos e debates e foi neste processo que entendi o quanto o campo é importante. Somos muito mais do que a sociedade pregava, referiam ao campo como lugar de atraso, de poucas oportunidades para o crescimento pessoal e econômico. Palavras pesadas que nos instigava a sair do campo, a não acreditar que viver com qualidade no campo era possível. Na minha trajetória escolar, eu vivi uma ambiguidade, morava no campo, gostava de estar nele, mas ao mesmo tempo tinha a certeza que eu precisava sair do campo se eu quisesse dar sequência aos estudos e crescer profissionalmente. Na minha comunidade não havia escola, cursei toda a Educação Básica nas escolas localizadas na cidade de Piranga. Na época não tinha transporte escolar, íamos e voltava a pé todos os dias perfazendo um total de 14 km diariamente. A escola nos acolhia, mas não havia um olhar voltado para a realidade camponesa. Deste modo, desde muito cedo eu fui criando dentro de mim a possibilidade de por meio dos estudos sair da roça e ir morar na cidade.

Considero que o contato com a Educação do Campo foi um reencontro com a minha essência e com as minhas origens. Foi de fato um divisor de águas, pois, foi a primeira vez que tive a oportunidade de estar em um espaço que contemplava a luta dos povos camponeses. Era um ambiente de construção do saber, com práticas educacionais que condiziam com a realidade do campo e possibilitava que os educandos tivessem uma educação que respeitava e reconhecia suas especificidades.

O mais importante para mim foi entender que aquele curso conversava com a minha trajetória e com a realidade vivenciada pelos educandos da Escola do Carioca e que a inquietação que eu sentia, aos poucos ia se transformando em possibilidades reais em aplicar os conceitos da Educação do Campo em minha sala de aula e a refletir sobre a educação que estava sendo ofertada aos educandos da comunidade.

Ao término do primeiro Tempo Escola (TE) retornei à escola com um novo olhar e com a certeza que poderia contribuir de forma mais efetiva no processo educacional. Deste modo, implementei as abordagens da Educação do Campo no meu planejamento com o intuito de colocar em prática os novos conhecimentos que eu estava adquirindo. Para tanto, instigava os alunos a olharem para si e para a sua comunidade, afim de que fizessem uma releitura e que pudessem reconhecer a importância do seu povo, da cultura, de suas histórias e percebessem que é possível viver no campo e realizar sonhos. Além disto, apresentei o curso aos educandos do Ensino Médio incentivando-os a dar continuidade aos seus estudos, tendo a Licenciatura em Educação do Campo como uma nova possibilidade de inserção ao ensino superior.

Durante os anos subsequentes, foram desenvolvidos projetos junto à equipe pedagógica que foram essenciais no processo de formação dos educandos. Momentos de escuta e troca de experiências que reforçavam a importância dos estudos para o nosso processo de formação, crescimento pessoal e reconhecimento das nossas raízes, origens e identidade.

Como resultado deste trabalho tenho orgulho de dizer que o número de educandos que decidiram dar sequência aos seus estudos aumentou significativamente e que muitos desses optaram por cursar a Licenciatura em Educação do Campo. Esta maior inserção dos educandos aos cursos superiores nos levam a refletir quais são as reverberações das práticas pedagógicas norteadas a partir dos conceitos da Educação do Campo nesta escola; o que o curso de Licenciatura em Educação do Campo representa para esta escola e para a comunidade, qual é o papel que ela exerce na formação dos sujeitos, quais movimentos acontecem em seu interior.

Voltando um pouco à minha trajetória e contato com a Educação do Campo, digo que não concluí a licenciatura específica em Educação do Campo, porém, os conhecimentos adquiridos durante o tempo que estive no curso foram essenciais para o meu reconhecimento como camponesa e quebra de paradigmas para que hoje eu ocupasse esta cadeira no mestrado profissional na linha de Educação do Campo.

A minha trajetória para chegar até aqui foi intensa, tive o apoio da equipe do programa Afirmção na Pós, curso ofertado pela UFMG. Este curso foi decisivo para a escrita do meu projeto e submissão para pleitear uma vaga no PROMESTRE. A linha de pesquisa escolhida foi a de Educação do Campo a fim de possibilitar o aprofundamento nesta política pública e desenvolver um trabalho voltado para os camponeses.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa, é identificar se a Licenciatura em Educação do Campo contribui para o processo de quebra de paradigmas e identificação dos sujeitos como camponeses, a partir do entendimento dos egressos da Escola do Carioca que cursaram e /ou estão cursando a Licenciatura em Educação do Campo- Lecampo- UFMG.

Para tanto, os nossos objetivos específicos são:

Verificar junto aos egressos da Escola do Carioca, quais as contribuições que a formação específica em Educação do Campo trouxe para a sua vida.

Identificar se a Licenciatura em Educação do Campo possibilitou aos egressos reflexões sobre o Campo.

Compreender a visão dos Egressos sobre a Escola do Carioca antes e depois do contato com a Licenciatura em Educação do Campo

Analisar a visão dos egressos sobre a prática pedagógica na atuação docente.

Para o desenvolvimento da pesquisa primeiro esta, ancora-se no levantamento

documental e bibliográfico sobre a Educação do Campo, com autores que são representativos desta temática como: Caldart (2011, 2012). Além desta temática outra também importante é a discussão sobre Educação Rural com Fernandes e Molina (2004); Licenciatura em Educação do Campo com Molina e Sá (2012); Egressos com Molina e Pereira (2021) e Campesinato com Costa e Carvalho (2012) e Tardin (2012).

A motivação para a escolha deste tema decorreu da minha atuação como docente na Escola do Carioca, reconhecida como escola do/no campo e por ansiar investigar sobre a trajetória dos Egressos da Escola do Carioca ao curso de LeCampo e se ele contribuiu para a quebra de paradigmas e o reconhecimento dos sujeitos como camponeses.

O intuito foi desenvolver um trabalho que contemplasse os camponeses nas diferentes esferas da vida tendo a Educação do Campo como prática que valoriza os sujeitos.

A inserção dos sujeitos camponeses na LeCampo, é a possibilidade da manutenção do vínculo com os povos do campo e aprofundamento dos conhecimentos relativos ao modo de vida camponês e a luta pela permanência e conquista de novas políticas públicas além de fortalecer o indivíduo e sua coletividade.

Para Caldart (2004), a Educação do Campo assume a sua particularidade sem deixar de considerar a dimensão da universalidade, ou seja, ela preocupa com a educação da população do campo, mas de forma mais ampla preocupa-se com a formação humana. Deste modo entende-se que a Educação do Campo é uma construção coletiva com e para os camponeses. Esta afirmação pode ser confirmada nos dizeres de Caldart (2004):

A Educação do Campo assume sua particularidade, que é o vínculo com sujeitos sociais concretos, e com um recorte específico de classe, mas sem deixar de considerar a dimensão da universalidade: antes (durante e depois) de tudo ela é educação, formação de seres humanos. Ou seja, a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana. E, sobretudo, trata de construir uma educação do povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele. (Caldart, 2004, p. 17)

Deste modo a Educação do Campo representa um novo paradigma no campo educacional, sobretudo, em se tratando da educação rural que sempre esteve atrelada às forças produtivas e capitalista que não conversava com a necessidade educacional do povo camponês.

De acordo com Caldart (2012), a Educação do Campo se constitui como um novo paradigma que vai além do campo educacional incluindo em seu contexto as questões sociais, econômicas e políticas. Ela surge como um novo modelo de educação para os povos do campo.

Uma educação que valoriza o camponês, que colabora para que ele seja protagonista de sua história.

A Educação do Campo busca dar voz aos povos do campo e para isto luta pelos seus direitos. Essa luta emerge dos movimentos sociais, universidades, igrejas e associações que defendem os interesses do campo e de seus sujeitos.

Visando entender este novo paradigma de educação, faz-se necessário diferenciar os modelos educacionais. Neste trabalho uniremos esforços para entendermos estes paradigmas e esclarecer o que a Educação do Campo significa para os povos camponeses. Para dar corpo a discussão destes paradigmas Costa e Cabral (2016) concordam que:

[...] as discussões sobre os paradigmas da Educação Rural e da Educação do Campo apresentam diferenças substanciais entre essas duas propostas de ensino, quando analisadas pela perspectiva de educação pautada na igualdade de direitos, na valorização do ser humano, que dá lugar à aprendizagem crítica na perspectiva da emancipação dos camponeses. Esses atores sociais trazem propostas educativas diferenciadas, o que requer análise das diferentes concepções teóricas e metodológicas. (Costa e Cabral, 2016. p.181).

Deste modo, faz-se necessário entender e diferenciar os modelos de educação uma vez que a Educação do Campo tem em seus princípios a valorização do camponês e garantia de direitos. Ao fazer esta análise Costa e Cabral (2016) afirmam que:

O modelo educativo que subsidia a educação para os povos do campo distancia-se dos hábitos, das tradições, dos costumes, enfim, do modo de ser dessa realidade, e centra-se em bases que não fortalecem a sua cultura, vendo o campo apenas como espaço de produção e os camponeses como sujeitos desta produção, base que está fundamentada nos ideais do capitalismo que, por sua vez, negligência o desenvolvimento humano. (Costa e Cabral, 2016, p. 180).

Ao encontro desta realidade educacional dominante no campo e a necessidade de outra educação para os povos do campo é que surgiu este movimento de luta da Educação do Campo com o sentido de atender aos interesses dos camponeses e valorização de sua história, do seu processo de formação e cultura. Neste viés, Fernandes e Molina (2004) discutem este processo e diferenciam estes dois paradigmas educacionais: Educação Rural x Educação do Campo.

[...] historicamente, o conceito de educação rural esteve associado a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos ..., tinha como pano de fundo um espaço rural visto como inferior, arcaico. ... projeta um território alienado porque propõe para os grupos sociais que vivem do trabalho da terra, um modelo de desenvolvimento que os expropria.

(Fernandes e Molina, 2004, p. 36).

Em contrapartida, Kolling, Nery e Molina (1999, p. 26) citados por Caldart (2012, p. 258) essaltam que:

[...] quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural (Caldart, 2012, p. 260).

Seguindo nesta lógica, podemos afirmar que a Educação do Campo vai além da educação escolar, ela abrange todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos da sua própria história, ela se configura como um movimento de luta e tem como objetivo a educação de crianças, jovens e adultos que vivem no campo. Portanto, trata-se de uma política pública que possibilita o acesso ao direito à educação de milhares de pessoas que vivem fora do meio urbano e que precisam ter esse direito garantido nas mesmas proporções em que é garantido para a população urbana.

Esta efetivação torna-se possível à medida que, os sujeitos do campo tenham acesso à educação superior com propostas que valorizam o campo e os sujeitos do campo. Pois, somente a existência da política da Educação do Campo não garante o cumprimento do direito em si, é necessário que os atores, sujeitos e sujeitas do campo estejam munidos de conhecimentos específicos que abordem esta política pública para que ela seja aplicada nas escolas, nas comunidades rurais, nos assentamentos, nas aldeias, nas escolas urbanas que atendam educandos do campo, dentre tantos outros lugares, para que os sujeitos do campo reconheçam-se camponeses, valorizando sua cultura, costumes, religiosidade, dialetos, formas de trabalho, exaltando a identidade do povo camponês.

Neste sentido os egressos da Escola do Carioca, vem ocupando o seu espaço com o acesso à educação superior e neste caso específico, a uma Educação pensada para os povos do campo podendo contribuir com a comunidade e com a sociedade repassando este novo paradigma educacional para os camponeses e à toda sociedade visando fortalecer ainda mais as lutas dos povos do campo.

De acordo com Jesus (2004), a busca de alternativas a um paradigma agrário capitalista imposto durante décadas em nosso país procurou:

[...] procurou destituir o campo como território, tratou as pessoas como improdutivas porque não produzem para a exportação ou agronegócio e

desqualificou os conhecimentos e saberes da tradição dos que vivem no campo como atrasados, porque não funcionam na mesma lógica racionalizante de expropriação e extorsão dos conhecimentos para acúmulo de poucos em detrimento de muitos. (Jesus, 2004, p. 113)

É importante esclarecer que a Educação do Campo possui tal denominação não apenas por sua localização espacial e geográfica, mas também pela cultura que a população camponesa possui e que a diferencia da cultura das pessoas que vivem no meio urbano. O Decreto N° 7.352 de 4 de novembro de 2010, em seu artigo 1º, conceitua população do campo e escola do campo como:

I – **Populações do campo:** agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e

II – **Escola do Campo:** aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo. (Brasil, 2010, grifo nosso).

A Educação do Campo é uma modalidade de ensino pensada para os povos do campo; é também uma política pública que deseja garantir à população camponesa uma educação de qualidade, respeitando a cultura, religiosidade, identidade, enfim, as especificidades do campo. Frente a estas especificidades, os princípios da Educação do Campo de acordo com a RESOLUÇÃO SEE N° 2820, de 11 de dezembro de 2015, institui as Diretrizes para a Educação Básica nas escolas do campo de Minas Gerais:

Art. 3º São princípios da Educação do Campo:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III- desenvolvimento de política de valorização dos profissionais da Educação do Campo, que garanta uma remuneração digna, com a inclusão e reconhecimento dos diplomas das Licenciaturas do Campo pelos editais de concurso público;

IV – desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

V - valorização da identidade da escola do campo, considerando as práticas

socioculturais e suas formas específicas de organização do tempo, por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos estudantes do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola, às condições climáticas e às características socioculturais da região;

VI – implementação de gestão democrática das instituições escolares, por meio do controle social, sobretudo da qualidade da educação oferecida, mediante a efetiva participação das comunidades e dos movimentos sociais e sindicais do campo na definição do modelo de organização pedagógica e de gestão. (Minas Gerais, 2015).

Nossa pesquisa seguiu os princípios da Educação do Campo e pretendeu encontrar respostas sobre o reconhecimento dos sujeitos como camponeses.

Para chegarmos a esta resposta os caminhos percorridos contemplaram os princípios da Educação do Campo no que tange ao respeito à diversidade do campo; à formulação de projetos político- pedagógicos específicos para as escolas do campo; política de valorização dos profissionais da área de educação; políticas de formação de profissionais; valorização da identidade do campo e o desenvolvimento de gestão democrática das instituições escolares.

Esta pesquisa visou contribuir com a academia e com a sociedade, demos voz aos sujeitos do campo os quais versaram sobre diferentes temáticas que tocam a vida dos camponeses. Esperamos que este trabalho possa contribuir para a implementação de novas políticas públicas e aproximação da academia com o campo.

Investigamos os sujeitos do campo egressos da Escola do Carioca que ingressaram no curso de Licenciatura em Educação do Campo – LeCampo – da UFMG entre os anos de 2017 a 2020.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi aplicado um questionário online pela plataforma google forms e posteriormente uma entrevista semiestruturada a todos os sujeitos egressos da Escola do Carioca que cursaram a Lecampo afim de levantar dados substanciais para a pesquisa. Esclareço que a LeCampo (FaE) –UFMG contempla as quatro áreas do conhecimento a seguir: Letras, Arte e Literatura (LAL); Ciências Sociais e Humanidades (CSH), Ciências da Vida e da Natureza (CVN) e Matemática.

Em se tratando do recorte temporal da pesquisa, e a inserção dos egressos da Escola do Carioca na Licenciatura em Educação do Campo, em 2017 a LeCampo recebeu a primeira egressa da Escola do Carioca no curso da (CVN); em 2018 recebeu três egressas no curso da (LAL); em 2019 recebeu duas egressas e dois egressos no curso da (CSH) e em 2020 recebeu duas egressas no curso de Matemática. Neste trabalho, todos os egressos foram entrevistados visando encontrar respostas ao problema que se segue:

A Educação do Campo contribui para a quebra de paradigmas e a identificação do sujeito como camponeses?

Esta pergunta é relevante, pois nas entrelinhas ela já afirma que existem paradigmas e que esses devem ser quebrados, ao mesmo tempo, leva o sujeito a pensar se ele já se identificava como camponês ou se esta identificação se deu a partir do contato com a Educação do Campo ou até mesmo a não ter se identificado como camponês.

A Educação do campo é este movimento que nos move a pensar no coletivo e a nos fortalecer como pessoas afim de que a nossa luta seja uma luta plural e objetiva direcionada em prol de todos os camponeses.

A Educação do Campo vem nos apresentar um novo paradigma não apenas no campo educacional, mas também nas esferas políticas, econômicas, das ciências e das artes que valoriza o sujeito do campo e propõe uma educação pensada pelos movimentos sociais articulado com as forças políticas e educacionais na construção de uma educação específica que tem o camponês em sua centralidade e valorização dos seus saberes. Ela é fundamental para tirar as amarras e vedas que são impostas ao povo camponês. A escola tradicional não nos apresenta este campo que nos enche de orgulho, que nos motiva a ficar. Pelo contrário, ela nos estimula a sair do campo, pois ele é colocado como o lugar do “atraso”. Visando desenvolver esta pesquisa que vai ao encontro da valorização do povo camponês que no primeiro capítulo fizemos o levantamento do referencial teórico utilizado como base da nossa pesquisa. Abordamos a Educação Rural e a Educação do Campo apresentando os paradigmas para a construção destas duas políticas públicas; após discorreremos sobre a Licenciatura em Educação do Campo desde a sua criação até os dias atuais. Desenvolvemos uma pesquisa sobre egressos afim de entendermos o conceito e definir a quais egressos estamos nos referindo. Nesta análise percebemos que há uma lacuna quanto as pesquisas sobre egressos da Educação Básica. Por fim, nos dedicamos a temática sobre o Campesinato uma vez que a pesquisa foi desenvolvida com os camponeses egressos da Escola do Carioca.

No segundo capítulo nos dedicamos a fazer a caracterização do município de Piranga, da comunidade do Carioca e a identificação da escola pesquisada.

O terceiro capítulo contemplou o percurso metodológico da pesquisa. O quarto capítulo apresentamos a análise de dados coletados na pesquisa. Para sistematizar tal análise foi elaborada uma estrutura analítica com as fontes utilizadas: com os dados dos questionários, construímos o perfil dos egressos da Escola do Carioca que cursaram a LeCampo entre os anos de 2017 e 2020. Na sequência, fizemos a análise de conteúdo do material das entrevistas semiestruturadas ao qual nos permitiu encontrar a resposta ao problema de pesquisa.

Sistematizamos as informações que foram obtidas nas análises que foram desenvolvidas. Elas dizem respeito a: Qual o olhar dos egressos sobre o campo antes e depois do curso de licenciatura em educação do campo?; Ficar ou sair do campo? O que dizem os egressos?; Qual é a visão dos egressos sobre a escola do carioca antes e depois da Lecampo?; Que papel esta escola exerceu na vida desses sujeitos?; Atuação docente, a visão dos egressos sobre a prática pedagógica; A Educação do Campo contribuiu para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses? Como Produto Educacional desta pesquisa, para além da dissertação, foi elaborada uma formação continuada direcionada a professores que atuam em escolas do/no campo afim de que, tenham acesso a um material pensado para a sua atuação docente, uma vez que, a maior parte dos professores, não passaram pelo processo de formação específica nas Licenciaturas em Educação do Campo.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DO CAMPO¹

Esse capítulo objetiva apresentar uma breve explanação e evidenciar as mudanças ocorridas no processo de Educação Rural com vista a um novo projeto de educação reivindicado pela luta dos movimentos sociais, a Educação do Campo.

De modo a entender os sujeitos da pesquisa e a escola na qual estes estudaram durante toda a educação básica, a escola se enquadra na classificação de uma escola do/no campo. Também apresentaremos um levantamento documental da escola com uma descrição da comunidade à qual a mesma está inserida.

1.1 Educação Rural e Educação do/no² Campo: projeto de mudanças

Historicamente, a educação brasileira tem direcionado seu foco para a lógica da realidade contemplada nas instituições urbanas, de modo que ela se reproduza para a situação educacional da zona rural. Isso decorre a partir do modelo de desenvolvimento implantado no meio rural brasileiro, que gerou sérios problemas para a questão da educação, ofertando privilégios e promovendo distinção entre grupos e classes desde a colonização até os dias atuais.

Para Santos e Vinha (2018), desde o início a educação se sucedeu de forma excludente, o que ainda reflete nos dias atuais. Nosso país nunca colocou a educação como prioridade ou que tivesse uma importância, quando se pensava em educação ela estava apenas ligada ao desenvolvimento econômico do país. A questão fundiária foi algo que também determinou a exclusão dos povos do campo. Em todos os períodos, a elite agrária buscava medidas de permanecer hegemônica.

Fernandes (2012), afirma que devido a industrialização brasileira, a população rural começou a sair do campo para as cidades, diante disto a educação rural começou a ser pensada numa tentativa de manter essa população no campo, pois a elite agrária precisava de trabalhadores.

Dessa forma, é importante ressaltar que para Santos e Vinha (2018) e Fernandes (2012), as primeiras escolas rurais que surgiram eram chamadas de escolas agrícolas, porém estas não chegaram a

¹ O significado de campo é genérico e representa uma diversidade de sujeitos e denominações. Em cada região os sujeitos do Campo são designados de uma forma. Esta diversidade pode ser explicada pelos momentos históricos e político e lutas de resistência vivenciados pelos movimentos no Brasil. (Fernandes; Cerioli e Caldart, 2009)

² De acordo com Caldart (2002, *apud* Fernandes, 2012), para que haja uma interpretação aprofundada sobre o conceito da Educação do Campo é necessário entender e diferenciar o sentido “no” e “do” campo. Devemos usar o termo “do” campo pois ele retrata o direito do povo a uma educação pensada desde o seu lugar até sua cultura e suas necessidades sociais. O “no” campo diz sobre o lugar onde vive, mas não a participação nas decisões políticas que diz respeito à educação que os povos “do” campo irão receber.

funcionar plenamente pois se faltava materiais. Embora construídas no campo, essas escolas foram pensadas na lógica da cidade. Por vários anos a educação no campo nunca teve uma proposta que pensasse nos sujeitos do campo, na sua cultura e modo de vida. Nesse sentido, Costa e Cabral (2016), afirmam que:

O modelo de educativo que subsidia a educação para os povos do campo distancia-se dos hábitos, das tradições, dos costumes, enfim, do modo de ser dessa realidade, e centra-se em bases que não fortalecem a sua cultura, vendo o campo apenas como espaço de produção e os camponeses como sujeitos desta produção, base que está fundamentada nos ideais do capitalismo que, por sua vez, negligencia o desenvolvimento humano. (Costa e Cabral, 2016, p.180).

Nessa perspectiva, Fernandes (2012) complementa que:

A educação rural foi prejudicada ao longo da história de nosso país pelo fato de o sistema educacional não considerar o meio em que vive o educando, já que sustenta a idéia do reprodutivismo na escola. Dessa forma, o espaço escolar, ao invés de ser um lugar de transformação da realidade, “finda” por não cumprir sua função, fortalecendo as desigualdades sociais. Isso porque, para além do “íntimo” da realidade da vida no campo, as iniciativas políticas no âmbito da educação, geradas ao longo da nossa história, não apresentam, em suas diretrizes, o interesse real pelas especificidades dos diferentes sujeitos que habitam o campo brasileiro. Estas pessoas têm suas características particulares, de certo são heterogêneas, por isso merecem, do Estado, políticas públicas exclusivamente criadas a fim de atender, de forma própria, cada realidade. (Fernandes, 2012, p. 60-61).

Nesse sentido, é possível perceber as dificuldades do Estado em adequar as políticas públicas de educação à realidade do campo. Baseado em Marinho (2008), Fernandes (2012) diz que o modelo educacional implantado no Brasil desde o início é historicamente excludente, haja vista que:

Para os nativos (índios), uma educação dominadora, e para os filhos dos portugueses, um sistema de educação implantado com o objetivo de desenvolver os processos de ensino-aprendizagem proveniente da cultura europeia, que já possuía 300 anos de experiência, incluindo universidades. (Fernandes, 2012, p. 61).

Percebe-se, portanto que existe historicamente uma diferenciação dada às classes dominantes, acompanhada de exclusão social, decorrente da concentração fundiária, da escravidão e invasão das terras indígenas. Essa diferenciação permanece no cenário brasileiro marcado por lutas, greves demandadas da sociedade civil, por uma Reforma Agrária.

Dentre a diversidade dos movimentos sociais, surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que além de uma série de ocupações, manifestações e enfrentamentos

contra o Estado, exigem soluções para os problemas do povo do campo. Dentre as exigências se via a necessidade de uma educação voltada e pensada para a população do campo, uma educação do campo. Portanto a

A Educação do Campo nasceu das demandas dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este é um fato extremamente relevante na compreensão da história da Educação do Campo. Dessa demanda também nasceu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a Coordenação Geral de Educação do Campo. As expressões Educação na Reforma Agrária e Educação do Campo nasceram simultaneamente, são distintas e se complementam. A Educação na Reforma Agrária refere-se às políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento dos assentamentos rurais. Neste sentido, a Educação na Reforma Agrária é parte da Educação do Campo, compreendida como um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a Educação como parte essencial para o desenvolvimento do Campo (Fernandes, 2006, p. 28).

Apontamos também, que a Educação do Campo não está dissociada da reforma agrária brasileira. O modelo hegemônico de desenvolvimento do campo baseado no agronegócio é um impasse que afeta diretamente a reforma agrária e a Educação do Campo, visto que para que se tenha uma educação do campo é necessário a permanência e condições de reprodução dos sujeitos do campo e isso só será possível com a realização de fato da reforma agrária.

A educação do campo surge como uma proposta não apenas educacional, mas de resistência, que valoriza a identidade do sujeito do campo na escola, que seus ensinamentos estejam adequados a realidade e necessidades dos alunos do campo, que o calendário escolar esteja de acordo com o ciclo agrícola, entre outras características. (Santos e Vinha, 2018, p. 1).

Constituída como um movimento de luta, a Educação do Campo tem a I Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo, realizada em 1998, como um marco inicial, que foi uma forma de materializar forças às lutas e conquistas que propiciaram a construção dos marcos legais que garantem que os povos do campo tenham direito à educação pública e de qualidade.

Para Cardart (2012), a Educação do Campo se configura como um novo paradigma no campo educacional brasileiro.

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (Caldart, 2012, p. 258).

Nesse sentido Caldart (2012), defende uma Educação do Campo emancipatória voltada a

realidade de vida camponesa e as lutas sociais e culturais dos povos do campo.

Seguindo esta nova abordagem política e educacional que tem suas bases nos movimentos sociais em consonância com Oliveira e Campos (2012), o contexto educacional do mundo rural vem sendo transformado pelo protagonismo dos movimentos instituintes que começaram a se articular no final dos anos 1980 em prol de vários direitos entre eles, o da Educação do Campo.

Ao contrário da Educação do Campo, a educação rural sempre foi instituída pelos organismos oficiais e teve como propósito a escolarização como instrumento de adaptação do homem ao produtivismo e à idealização de um mundo do trabalho urbano tendo sido um elemento que contribuiu ideologicamente para provocar a saída dos sujeitos do campo para se tornarem operários na cidade. Concordando com Oliveira e Campos (2012) Fernandes e Molina (2004) dizem que:

A origem da educação rural está na base do pensamento latifundista empresarial, do assistencialismo, do controle político sobre a terra e as pessoas que nela vivem. O debate a respeito da educação rural data das primeiras décadas do século XX. Começou no 1º Congresso de Agricultura do Nordeste Brasileiro, em 1923, e tratava de pensar a educação para os pobres do campo e da cidade no sentido de prepará-los para trabalharem no desenvolvimento da agricultura. (Fernandes e Molina, 2004. p.62).

Analisando as definições da Educação Rural percebemos que este modelo educacional não conversa com a Educação do Campo uma vez que este conceito esteve associado a uma educação precária, com pouca qualidade e poucos recursos. A Educação do Campo é a emergência de um novo paradigma construído por meio de uma política pública gestada nos movimentos sociais. Ela rompe com o modelo de educação hegemônico, capitalista, da educação rural que tem em seu paradigma a aproximação e valorização do agronegócio, dos latifundiários do sistema que oprime e coloca o camponês como uma figura caricata, alienado e atrasado.

Para entendermos melhor esta definição de paradigmas trazemos a contribuição de Fernandes e Molina (2004) que define que paradigmas são:

[...] são territórios teóricos e políticos que contribuem para transformar a realidade. A prevalência de um paradigma no processo de produção de um determinado conhecimento, de elaboração de construções teóricas e proposições de políticas públicas, contribuem para determinar a formação de uma realidade de acordo com a visão de mundo dos criadores do paradigma. (Fernandes e Molina, 2004, p. 56).

Entendendo que paradigmas são territórios teóricos e políticos que contribuem para transformar a realidade, a Educação Rural e a Educação do Campo são conceitos que coexistem em diferentes paradigmas como afirma Jesus (2004, p. 110),

A esta nova forma denominamos “paradigmas” que não se esgota em um único modelo nem se fecha em um único momento da história, visto que existem muitas formas de pensar que interferem em nossas ações e são elas que nos fazem crer que vivemos sempre em transição e em coexistência de diferentes paradigmas.

Caldart (2012) diz que, se formos olhar a lógica do modelo dominante, é a educação rural e não a Educação do Campo que deve retornar à agenda do Estado. Porém esta realidade é confrontada pela pressão e articulação dos trabalhadores camponeses que se unem na direção de um novo projeto.

Pela lógica do modelo dominante, é a educação rural e não a Educação do Campo, que deve retornar à agenda do Estado, reciclada pelas novas demandas de preparação de mão de obra para os processos de modernização e expansão das relações capitalistas na agricultura, demandas que não necessitam de um sistema público de educação do campo. Porém, isso é confrontado pela pressão articulada que movimentos de trabalhadores camponeses continuam a fazer a partir de outras demandas e na direção de outro projeto (Caldart, 2012, p. 260-261)

A força dos movimentos sociais e sua articulação ajuda a fortalecer a Educação do Campo ao mesmo tempo em que garante a efetivação de seus direitos. Este paradigma construído pelos camponeses tende a resistir aos desmontes impostos pelo sistema capitalista, pelo mercado e pelo agronegócio.

Molina (2010) esclarece que:

A Educação do Campo nasce e se fortalece como um paradigma construído pelos sujeitos coletivos, organizados nos Movimentos Sociais, tendo à frente inicialmente o MST, com a perspectiva de resistir às intensas transformações ocorridas no campo em função das mudanças na lógica de acumulação de capital nesse território. (Molina, 2010, p. 6)

Neste sentido, Caldart (2008), defende que a Educação do Campo deve ser trabalhada em três pontos basilares, o campo, a política pública e a educação afim de que esta luta possa ser efetivada e os sujeitos do campo tenham de fato os seus direitos garantidos. Deste modo, Caldart (2008, *apud* Carmo, 2019, p. 21) diz:

[...] no que tange à origem da Educação do Campo, a mesma deve ser trabalhada na tríade Campo - Política Pública – Educação: no conceito de

campo está presente um campo real, que tem na sua centralidade a produção camponesa, um campo de contradições, de lutas sociais, por terra e trabalho, um campo de sujeitos sociais concretos; quanto à política pública, o debate é de forma, conteúdo, da especificidade dos sujeitos envolvidos, é da luta por direitos coletivos; e na educação os sujeitos devem estar presentes como protagonistas do seu projeto de educação, uma educação com e dos trabalhadores do campo.

Neste sentido tomando a Educação como um dos elementos da tríade Campo - Política Pública – Educação, é que nos colocamos a refletir sobre a educação que está sendo destinada aos camponeses. É uma educação emancipatória como diz Paulo Freire? É a Educação para a Libertação, para o reconhecimento e valorização das suas origens ou é uma educação que tem afastado ainda mais os camponeses do seu meio, do seu vínculo com a terra e de sua luta de classe? Caldart (2012), afirma que esta luta pela escola tem desafiado os camponeses a ocupá-la também nesta perspectiva:

[...] como sujeitos, humanos, sociais, coletivos, com a vida real e por inteiro, trazendo as contradições sociais, as potencialidades e os conflitos humanos para dentro do processo pedagógico, requerendo uma concepção de conhecimento e de estudo que trabalhe com esta vida concreta. Isso tem exigido e permitido transformações nas formas da escola, cuja função social originária prevê apartar os educandos da vida, muito mais do que fazer da vida seu princípio educativo. Acontecem hoje no âmbito da Educação do Campo experimentos pedagógicos importantes na direção de uma escola mais próxima dos desafios de construção da sociedade dos trabalhadores. (Caldart, 2012, p. 263).

Uma destas conquistas é a Licenciatura em Educação do Campo em várias instituições públicas as quais recebem educandos camponeses na graduação específica em Educação do Campo.

Para além do campo educacional de acordo com Jesus (2004) a Educação do Campo é muito mais ampla, ela não se fecha nela mesmo; ela é dinâmica e contempla todas as áreas que atravessam a vida do camponês seja no campo político seja no campo, social ou cultural. Nos dizeres de Jesus (2004, p. 113) a :

Educação do Campo é um conceito que não se fecha nele mesmo, pois incorpora a própria dinâmica dos movimentos sociais do campo e intelectuais que se dedicam à questão agrária brasileira, aos problemas da exclusão social, da distribuição desigual da terra e da renda aos problemas de soberania alimentar, das patentes, entre outros (Jesus, 2004, p.113)

Deste modo de acordo com Caldart (2012), a Educação do Campo é a luta pela educação do campo e não apenas uma educação no campo. Lutamos pelo direito à educação de qualidade em que o sujeito se sinta parte desse processo se reconhecendo como protagonista de sua

história para seguir a sua trajetória. Essa luta torna-se possível por meio da parceria de diversos grupos, instituições, sujeitos e movimentos sociais. É uma luta que se inicia com o camponês e que ganha força com a luta de tantos outros movimentos e setores públicos como universidades que se firmam em embasamentos teóricos para lutar pelos direitos dos homens do campo.

[...] Para a Educação do Campo, desenvolvimento e educação tornarem-se indissociáveis. Para a Educação Rural, desenvolvimento é apenas um tema a ser estudado. Compreendendo o Campo como um território, a Educação precisa ser pensada para o seu desenvolvimento. Compreendendo o Rural como uma relação social do campo, a Educação é pensada como forma de inserção no modelo de desenvolvimento predominante, no caso: o agronegócio. (Fernandes, 2006, p. 38).

A educação do campo não se configura apenas no campo educacional, mas também no campo das políticas públicas. Ela propõe a formação de qualidade ao homem do campo afim de que ele se torne conhecedor de seus direitos podendo reivindicar e lutar contra todo o sistema opressor. Propõe em auxiliar para que as políticas organizativas do campo sejam mais fortes e capazes de enfrentar os grandes desafios que se apresentam como o combate ao neoliberalismo na política educacional brasileira.

Neste sentido a Educação do Campo está contida nos princípios do paradigma da questão agrária, enquanto a Educação Rural está contida nos princípios do paradigma do capitalismo agrário. A Educação do Campo vem sendo construída pelos movimentos camponeses a partir do princípio da autonomia dos territórios materiais e imateriais. A Educação Rural vem sendo construída por diferentes instituições a partir dos princípios do paradigma do capitalismo agrário, em que os camponeses não são protagonistas do processo, mas subalternos aos interesses do capital. (Fernandes, 2006, p. 37).

Sendo assim os desafios da Educação do Campo são vários, esbarramos em sistemas políticos, em falta de acesso à informação que muitas vezes levam o homem do campo a reproduzir conhecimentos que não vão ao encontro dos princípios que norteiam a Educação do Campo. Contudo:

A Educação do Campo carrega em si o significado territorial. Por essa razão, a Pesquisa em Educação do Campo exige dos pesquisadores um conhecimento profundo dos paradigmas, uma atenção desdobrada na construção dos métodos de análise e nas escolhas dos procedimentos metodológicos. Esses cuidados são fundamentais para que os resultados das pesquisas não sejam genéricos, porque os territórios, o Campo e as realidades são específicas, por mais amplas que sejam, estamos tratando dos territórios camponeses. (Fernandes, 2006, p. 38).

Contudo para além desses desafios a Educação do Campo é uma política pública com seus pilares sustentados nos movimentos sociais e nos camponeses que firma a luta para que este novo paradigma se torne realidade para todos os camponeses e também para que a educação rural faça parte do passado.

1.2 Licenciatura em Educação do Campo

A Licenciatura em Educação do Campo é uma nova modalidade de educação requerida pelos movimentos sociais em prol dos camponeses. Esta licenciatura tem como objetivo formar profissionais para atuar nas escolas de Educação Básica do campo. Para Pereira e Molina (2021):

As Licenciaturas em Educação do Campo, como parte do projeto histórico de formação da classe trabalhadora, colocaram para as universidades novos desafios ao proporem uma formação comprometida com a manutenção do vínculo orgânico com as Escolas do Campo e os movimentos sociais. Essas Licenciaturas têm a missão de construir um projeto de escola diferente do que está posto, contribuindo com a elevação do nível de consciência dos estudantes em relação aos projetos de campo em disputa entre o agronegócio e a agricultura familiar camponesa sob a égide da agroecologia, promovendo a formação omnilateral de homens e mulheres do campo e possibilitando o exercício da práxis na formação de seus educadores. (Pereira e Molina, 2021, p.141).

Esta licenciatura representa a conquista dos camponeses. Ter um curso que respeita as especificidades dos sujeitos do campo nas maiores universidades públicas brasileiras e com um currículo diferenciado afim de atender esses sujeitos representa a possibilidade de acesso dos camponeses ao curso superior sem necessariamente ter que sair do campo. Além disto, é também a quebra de paradigmas uma vez que contribui para a elevação da consciência dos estudantes em relação ao projeto de disputa da educação rural que tem em suas bases o agronegócio na lógica capitalista e que não leva em consideração os camponeses, sua cultura, costumes e tradições. Este novo modelo de educação dá força e valoriza os camponeses em seus diferentes aspectos, políticos, sociais, econômicos, de identidade contribuindo para a sua autonomia e garantia de seus direitos.

Em consonância com Molina e Sá (2012) continuam a definição de Licenciatura em Educação do Campo contemplando outras informações importantes a seguir:

A licenciatura em Educação do Campo é uma nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras. Esta licenciatura tem como objetivo

formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de educação básica do campo

A organização curricular desta graduação prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) ofertadas em regime de alternância entre tempo escola e tempo comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo. Esta metodologia de oferta intenciona também evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem como objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício. (Molina e Sá, 2012, p. 466).

Deste modo a Licenciatura em Educação do Campo é a conquista de uma educação pública de nível superior na área da educação que tem toda uma pedagogia voltada para a Educação do Campo e para os povos camponeses.

Segundo Molina e Sá (2012, p. 467):

Na execução desta licenciatura, deve-se partir da compreensão da necessária vinculação da Educação do Campo com o mundo da vida dos sujeitos envolvidos nos processos formativos. O processo de reprodução social destes sujeitos e de suas famílias- ou seja, suas condições de vida, trabalho e cultura não podem ser subsumidos numa visão de educação que se reduza à escolarização (Molina e Sá, 2012, p. 467).

Sendo assim, a ação formativa desenvolvida pela Licenciatura em Educação do Campo precisa contemplar as diversidades dos sujeitos do campo, deve ser capaz de compreender o mundo da vida dos sujeitos, culturas, tradições, religiosidade, entre outros. Esta educação precisa promover uma visão ampliada sobre o mundo e sobre o ser camponês. Esses sujeitos precisam agir em diferentes espaços, tempos e situações. Para Molina e Sá (2012, p. 468):

Este perfil de educador do campo que os movimentos demandam exige uma compreensão ampliada de seu papel, uma compreensão da educação como prática social, da necessária inter-relação do conhecimento, da escolarização, do desenvolvimento, da construção de novas possibilidades devida e permanência nesses territórios pelas lutas coletivas dos sujeitos do campo; pretende-se formar educadores capazes de promover profunda articulação entre escola e comunidade.

Deste modo, o docente com esta formação específica terá condições de atuar nas escolas do campo de maneira diferenciada uma vez que durante todo o percurso acadêmico o currículo contempla as particularidades do campo. Ter licenciados em educação do campo atuando nas escolas do campo facilitará a articulação entre escola e a comunidade o que poderá contribuir para uma maior autonomia e articulação dos sujeitos em todas as esferas da vida.

Afim de entendermos melhor sobre o curso específico de Licenciatura em Educação do

Campo e sua fundação, Maria Isabel Antunes Rocha (2009), esclarece que em 2004 a UFMG recebeu demanda por parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para criar um curso de Pedagogia com o apoio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). No que diz respeito ao ensino, a demanda se configurava como um novo desafio. O curso proposto deveria buscar a formação de educadores e educadoras comprometidos com o projeto educativo e competência para levá-lo a cabo, com qualidade e responsabilidade social. Deste modo, Antunes-Rocha (2009) define que escola do campo é esta demandada pelos movimentos sociais:

A escola do campo demandada pelos movimentos vai além da escola das primeiras letras, da escola da palavra, da escola dos livros didáticos. É um projeto de escola que se articula com os projetos sociais e econômicos do campo, que cria uma conexão direta entre formação e produção, entre educação e compromisso político. Uma escola que, em seus processos de ensino e de aprendizagem, considera o universo cultural e as formas próprias de aprendizagem dos povos do campo, que reconhece e legitima estes saberes construídos a partir de suas experiências de vida. Uma escola que se transforma em ferramenta de luta para a conquista de seus direitos de cidadãos. (Antunes-Rocha, 2009, p. 40).

Sendo assim, a escola do campo não é apenas uma escola localizada na área rural; é uma escola que se compromete com a vida dos sujeitos, que articula o processo de ensino-aprendizagem com as outras áreas da vida. E que transforma o conhecimento em ferramenta de luta para a conquista de seus direitos e para a garantia de um ensino de qualidade para os camponeses.

Deste modo, foi surgindo a necessidade de criar um curso que respondesse às necessidades de fortalecimento e ampliação da oferta da Educação Básica no campo. Após as discussões concluíram que:

A formação por área do conhecimento poderia ser um caminho para garantir o funcionamento de salas de segundo segmento do ensino fundamental e médio no campo, constituindo-se assim como alternativa em um cenário em que a nucleação e transporte dos alunos para escolas distantes de suas residências têm sido as únicas possibilidades para escolarização da população do campo. (Antunes-Rocha, 2009, p. 41).

Sendo assim, de acordo com Antunes-Rocha (2009), após muitos debates, o curso se organizou como uma Licenciatura para formar o professor por área do conhecimento para atuar no ensino fundamental e ensino médio. A organização dos tempos e espaços de funcionamento ficaram definidos da seguinte forma de acordo com a comissão que:

Considerou que a escola e a comunidade são tempos/espaços para construção e avaliação de saberes e que, portanto, seria necessário buscar superar a

perspectiva de que a escola é lugar de teoria e a comunidade é lugar da aplicação/transformação. A escola como mediação para aprender a reelaborar formas de pensar/sentir/agir, e não para manter e/ou substituir formas anteriores. Nessa direção, a Comissão adotou a alternância como referência para organização dos tempos e dos espaços do curso. Assim se afirmaram os conceitos de Tempo Escola e Tempo Comunidade, como processos contínuos de aprendizagem. A organização do tempo/espaço em alternância possui base empírica, teórica e institucional. (Antunes-Rocha, 2009, p. 44).

A aprovação do curso em alternância possibilitou que os sujeitos do campo tivessem a oportunidade de ingressarem na universidade sem sair do campo e além de ofertar uma educação específica para os camponeses

O curso confere aos egressos a habilitação de Professor Multidisciplinar, nas séries iniciais do Ensino Fundamental e de Professor por Área do Conhecimento, em Ciências da Vida e Natureza (CVN), Ciências Sociais e Humanidades (CSH), Línguas, Arte e Literatura (LAL), Matemática, para séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Os sujeitos da pesquisa receberam a habilitação para as séries finais do Ensino Fundamental e Médio. Alguns deles já estão atuando em escolas do campo e em escolas urbanas. A formação por área é uma abordagem que tem toda uma intencionalidade por traz de sua aplicação, Molina (2012, *apud* Molina, 2015, p. 153) a define:

A formação por áreas de conhecimento deve desenvolver-se tendo como intencionalidade maior promover estratégias que contribuam para superar a fragmentação do conhecimento, criando, propondo e promovendo ações docentes articuladas interdisciplinarmente, associadas intrinsecamente às transformações no funcionamento da escola e articuladas, ainda, às demandas da comunidade rural na qual se insere esta escola. A proposta e o desafio é realmente materializar práticas formativas durante o percurso da Licenciatura em Educação do Campo que sejam capazes de ir desenvolvendo e promovendo nos futuros educadores as habilidades necessárias para contribuir com a consolidação do ideal de escola edificado por este movimento educacional protagonizado pelos camponeses nestes últimos 15 anos: uma Escola do Campo.

Sendo assim, a formação por área do conhecimento representa um ganho para as escolas do campo e para os docentes e discentes que se beneficiarão com a interdisciplinaridade e com todo o processo de troca de conhecimento, diferentes visões e abordagens sobre um mesmo tema e a possibilidade de aproximação da comunidade escolar e da atuação dos discentes em seu local de moradia de maneira efetiva.

Segundo Molina (2015, p. 145):

Uma das frentes da expansão da Educação Superior tem se dado no âmbito da formação de educadores do campo, com a implementação de 42 cursos de uma

nova modalidade de graduação, intitulada “Licenciatura em Educação do Campo”. Se considerados os aspectos relativos à ampliação concreta da oferta de formação de educadores e a conquista dos fundos públicos do Estado para manutenção destas graduações esta expansão destes cursos permanentes pode ser tomada como vitória dos movimentos sociais.

A viabilização destas políticas, ocorre com a implantação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), a criação do Programa Nacional das Licenciaturas do Campo (PROCAMPO), sendo que na atualidade temos 56 cursos de Licenciatura em Educação do Campo criados a partir do Pro campo e realizados por 35 institutos federais distribuídos em 31 universidades e em quatro institutos federais, com presença em todas as regiões brasileiras. Atualmente, temos também a oferta do Programa de Formação de Professor (Parfor) que, no ano de 2023, lançou um edital específico para a Educação do Campo.

Em Minas Gerais, no ano de 2024, temos quatro universidades que ofertam o curso são elas: Universidade Federal de Minas Gerais localizada em Belo Horizonte, Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. A expansão das Licenciaturas em Educação do Campo, representam, a garantia de acesso dos filhos e filhas dos camponeses à universidade e a garantia da educação pública de qualidade em diferentes níveis de ensino.

1.3 Estudos sobre egressos

Abordar sobre a palavra Egresso é muito significativo para esta pesquisa. Nela, a palavra toma uma importância maior pois no desenvolvimento da pesquisa esse termo será muito utilizado. Esclareço que ao utilizar o termo Egressos estaremos sempre nos referindo aos sujeitos da pesquisa egressos da Educação Básica.

Nesta pesquisa o termo Egresso³ faz referência ao educando que concluiu o ensino médio na Escola do Carioca e ingressou na Licenciatura em Educação do Campo –UFMG entre os anos de 2017 a 2020 .

Ao buscar trabalhos sobre egressos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e no Banco de Teses da CAPES encontramos vários trabalhos que tratavam sobre egressos e de maneira específica de egressos da Licenciatura em Educação do Campo. Não localizamos nenhum trabalho que abordassem estudo sobre egressos da Educação Básica e especialmente

³ De acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa a palavra Egresso se refere a que saiu, que se afastou, que deixou de fazer parte de uma comunidade. Egresso (2023).

de escolas do campo. Consideramos esta a lacuna da nossa pesquisa.

Dos trabalhos encontrados o que mais contribuiu para a nossa pesquisa foi o artigo de Molina e Pereira (2021), intitulado “Atuação de egressos (as) das licenciaturas em Educação do Campo: reflexões sobre a práxis”. Neste trabalho, os autores fizeram um levantamento nos bancos de dados da Capes tendo como palavras chaves Licenciatura em Educação do Campo e Egressos foi possível a identificação de vinte e cinco trabalhos apresentados em nível de pós-graduação *stricto sensu* que abordam a questão da atuação dos egressos em seus territórios, sendo dez teses e quinze dissertações. Os trabalhos compreendem o período de 2014 a 2020. No estudo de tais trabalhos, foram analisados os títulos, resumos, objetivos e conclusões das pesquisas sobre as Licenciaturas em Educação do Campo (LEdoCs).

Abaixo, temos um quadro com a relação de todos os trabalhos analisados.

Quadro 1 – Levantamento da produção acadêmica na pós-graduação strictu sensu (Dissertações e Teses)

AUTOR	TÍTULO
	DISSERTAÇÕES
PEREIRA, M. L. S. (2014)	As contribuições da Licenciatura em Educação do Campo na transformação das relações de gênero: um estudo de caso com as educandas do Assentamento Virgilândia de Formosa/GO
ROSA, A. C. (2015)	Educadores do PROLEC - A Realidade dos licenciandos em Educação do Campo UFS (Turma 2008): Um Estudo de Caso com os Egressas(os) do Município de Poço Redondo
SAGAE, É. (2015)	Licenciatura em Educação do Campo: um processo em construção
SANTOS, L. (2015)	Concepção e prática da organização escolar desenvolvido no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFS (2008/2012)
TRINDADE, A. C. P. (2016)	Representações sociais de egressas(os) do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA: Formação e atuação no contexto social do campo.
SILVA, A. A. (2017)	Educação do Campo no Instituto Federal do Pará/Tucuruí: Currículo e Educação para as relações étnico-raciais
CASTRO, A. C. R. (2017)	As práticas pedagógicas do educador do campo do território bragantino: um diálogo com os saberes e fazeres cotidianos do Educando
CORDEIRO, D. R. (2017)	Prática cultural docente: o <i>habitus</i> professoral dos egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo/Unifesspa
SANTOS, E. M. (2017)	Trabalho Coletivo, Interdisciplinaridade e auto-organização dos educandos: contribuições da LEDOC para práticas educativas contra-hegemônicas na experiência do Projovem Campo Saberes da Terra do Distrito Federal
PAITER, L. L. (2017)	Reflexões sobre a formação docente na Área de conhecimento Ciências da Natureza: a Licenciatura em Educação do Campo - UFSC
RIBEIRO, M. A. F. (2017)	Território e currículo: a construção do conhecimento na Licenciatura em Educação do Campo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA
SANTOS, E. V. (2018)	Representações sociais de egressas(os) da Licenciatura em Educação do Campo da FaE/UFMG sobre o Campo
SARMENTO, C. S. (2018)	A formação profissional de egressas(os) do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (UFRR): Desafios da profissão na contemporaneidade
NUNES, N. D. (2019)	Representações sociais sobre o campo de professores egressas(os) do curso de Licenciatura em Educação do Campo FAE-UFMG
CARMO, N. C. C. (2019)	Mapeando a Educação do Campo em Minas Gerais: um estudo sobre egressas(os) da Licenciatura em Educação do Campo da UFMG (2005-2011) do Vale do Jequitinhonha
AUTOR	TÍTULO
	TESSES
FERREIRA, M. J. L. (2015)	Docência, Escola do Campo e formação: qual o lugar do trabalho coletivo?
SANTOS, J. B. (2015)	Questão Agrária, Educação do Campo e formação de professores: territórios em disputa
SILVA, M. C. L. (2017)	Caminhos da interdisciplinaridade: da formação por área de conhecimento à prática educativa de egressos da Licenciatura em Educação do Campo Procampo/IFPA, Campus de Castanhal, PA
BRITO, M. M. B. (2017)	Formação de professores na perspectiva da Epistemologia da Práxis: análise da atuação dos egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília
CARVALHO, C. A. S. (2017)	Representações sociais das práticas artísticas na atuação de professores do campo
SANTOS, S. P. (2018)	A Licenciatura em Educação do Campo no estado de Roraima: contribuições para a Escola do Campo
ÂNGELO, A. A. (2019)	Um estudo sobre a prática político-social de egressas da Licenciatura em Educação do Campo da FaE/UFMG: possibilidades e desafios para a formação de educadores do campo
PEREIRA, M. F. R. (2019)	A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília e a práxis docente na transformação da forma escolar a partir da atuação de suas egressas
DALMOLIN, A. M. T. (2020)	À sombra deste Jacarandá: articulações entre Ciências da Natureza e Educação do Campo na formação docente
SANTOS, J. (2020)	Licenciatura em Educação do Campo e Território Ribeirinho: desafios e potencialidades na formação de educadores para a resistência na Amazônia

Fonte: Elaborado pelos autores Molina e Pereira (2021).

Segundo Pereira (2019) ao comentar maioria dos trabalhos analisados apresenta resultados positivos, mostrando que há relativa inserção dos egressos nas escolas públicas do campo.

Parte relevante dos egressos atua nas áreas de habilitação para a qual foram formados. Contudo, foram encontrados egressos atuando nas escolas do campo em áreas diversas da sua habilitação, além disto, há vários egressos trabalhando nas escolas do campo, mas lecionando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apesar de serem habilitados nos anos finais (Molina e Pereira, 2021).

Nesta análise observou-se também que há egressos na gestão escolar, nas secretarias, em escolas urbanas e particulares. Após a investigação e observando os resultados das pesquisas, assim como Molina e Pereira (2021, p. 153) entendemos que a “Educação do Campo vem cumprido com os seus objetivos de formar educadores capazes de promover a transformação da forma escolar”. Visto que, como os trabalhos analisados pelas autoras apontaram, os egressos tem buscado levar os conhecimentos específicos da educação do campo para o seu trabalho e vivências, tem resistido à falta de incentivo e muitas vezes da falta de conhecimento dos gestores e colegas de trabalho quanto a Educação do Campo. Ainda segundo Molina e Pereira (2021, p. 153):

Apesar de todas as limitações impostas pelas redes, dos desafios da falta de tempo e de cumplicidade de outros docentes das escolas em que atuam os egressos e do desconhecimento dos princípios da Educação do Campo por parte dos gestores, percebe-se nas investigações que eles buscam levar parte dos aprendizados para suas práticas pedagógicas. Um dos fatores de maior recorrência nos trabalhos é o esforço desses educadores em sala de aula de buscar caminhos para promoverem o diálogo dos conteúdos trabalhados com a realidade dos educandos que estão buscando formar.

Entretanto, é necessário resistir aos desmontes que o sistema educacional vem sofrendo. Os egressos representam a efetivação da política pública da educação do campo nos territórios e a fomentação deste conhecimento às crianças, jovens, adultos, homens e mulheres sujeitos do campo (Molina e Pereira, 2021).

Em consonância com os estudos sobre os egressos porém com um olhar para os egressos da educação básica da Escola do Carioca que cursaram a Lecampo-FaE- UFMG entre os anos de 2017 a 2020; esta pesquisa tem o intuito de ouvir estes egressos sobre as suas impressões e contato com a Licenciatura em Educação do Campo afim de buscar respostas em entender o que esta licenciatura específica para os sujeitos do campo trás de formação para estes sujeitos, o que eles sabiam sobre a educação do campo antes de adentrar a universidade e o que eles carregam de bagagem hoje.

Decidir por ouvir estes egressos é uma maneira de entender também o papel da Educação Básica na formação dos sujeitos e como a partir dela os educandos se organizam na academia. O que eles dizem sobre este contato e quais mudanças aconteceram em suas vidas e se de fato esta Licenciatura contribuiu para a quebra de paradigmas e reconhecimento como camponeses.

Pesquisar sobre os egressos é relevante porque nos ajudam a entender quanto educadores a realidade educacional e a questionar quais passos estamos dando e qual futuro queremos construir. Esta pode ser uma maneira de criar estratégias para superar os obstáculos e implementar uma educação que realmente atenda as especificidades dos sujeitos. De acordo com Pena (2000), em seu artigo que trata sobre acompanhamento de egressos ela esclarece que:

O acompanhamento de egressos constitui, pois, uma forma de avaliar os resultados de uma instituição, e a partir disso, introduzir modificações na entrada de alunos em uma escola ao longo de toda a sua permanência nela e inserir melhorias contínuas no processo de ensino. (Pena, 2000, p. 29)

Deste modo, desenvolver estudos pautados nesta abordagem nos ajudam a ter maior proximidade com os egressos e ao mesmo tempo a fazermos levantamentos sobre a nossa prática pedagógica e o papel do docente e da instituição de Educação Básica na vida dos egressos. A Escola do Campo segundo Molina e Pereira (2021), é a herdeira do movimento de luta da Educação do Campo:

A Escola do Campo, herdeira do movimento de lutas da Educação do Campo, representa uma expressão de resistência ao projeto hegemônico de educação, que não corresponde aos reais anseios da classe trabalhadora. Por sua vez, a proposta da educação rural representa um padrão pensado no meio urbano, influenciado pelos princípios capitalistas e com uma visão estereotipada do campesinato como sujeitos atrasados e distantes do desenvolvimento (Molina e Pereira, 2021, p.144)

Este movimento de luta é que nos motiva a desenvolver um trabalho nas escolas do campo seguindo as orientações e princípios da Educação do Campo a qual possibilitará fazermos ajustes e reformulações nos pontos específicos dentro da instituição para que possamos estar em um contínuo processo de melhoria para ofertar um ensino pautado na valorização dos sujeitos, dos seus valores, crenças e da sua identidade. Desta maneira teremos uma instituição em contínuo processo de crescimento e desempenhando um papel cada vez mais significativo na vida dos educandos durante e após o seu processo de formação na Educação Básica do campo.

1.4 Campesinato

O campesinato é um conceito histórico e político. É uma das formas da agricultura familiar, que se constitui enquanto um modo específico de produzir e de viver em sociedade. Ele envolve o trabalho familiar, a produção da agroecossistema e sempre visa a autonomia.

Segundo Costa e Carvalho (2012, p. 15), [...] “Campesinato é o conjunto de famílias camponesas existentes em um território [...]. O campesinato é uma forma de agricultura familiar e também uma expressão do modo de vida do campo em que as pessoas se dedicam às atividades agrícolas.

Costa (2000, p. 116-130, *apud* Costa e Carvalho, 2012, p. 115) define famílias camponesas como:

Camponesas são aquelas famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos suas necessidades imediatas de consumo e o encaminhamento de projetos que permitam cumprir adequadamente um ciclo de vida da família- mediante a produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação

Desse modo pode-se afirmar que o conceito de campesinato é extremamente rico e envolve diferentes temáticas desde a questão da terra até as relações que se dão dentro deste espaço. A terra é a principal fonte de recursos naturais para as famílias pois é a base de sustentação de todas as atividades, ela representa o trabalho e o sustento do povo camponês.

Ser camponês vai para além dos limites territoriais, ele está arraigado no nosso modo de vida, na nossa fala, costumes, tradições, religiosidade e não é o espaço físico que nos define. O senso de coletividade é tão forte que nos colocamos a serviço onde quer que estejamos. De acordo com Suzuki *et al.* (2021, p. 199):

o camponês é uma classe sui generis, condição que permite (re)existir no interior dos processos produzidos pelo capitalismo globalizado na atualidade, mas, constituindo-se em diferenciações sociais da mesma classe: empobrecidos ou prósperos.

Ou seja, o camponês é único em seu gênero, sem semelhança com nenhum outro, esta condição permite que o camponês exista e resista aos ataques do sistema capitalista. O camponês é diverso no seu modo de ser e na condição econômica. Temos camponeses empobrecidos e prósperos, mas independente da sua condição financeira, os camponeses tem uma identidade, um modo específico de ser e de lidar com a natureza e resolver conflitos.

Por isso é tão importante entendermos os conceitos de território e identidade. Os

camponeses tem o modo próprio de lidar com a terra e imprimem no território o seu modo de vida, a forma de viver e fazer-se nesse espaço.

Este espaço é produzido por meio das atividades humanas; elas moldam o território e influenciam na organização espacial e social. A unidade territorial é um verdadeiro mosaico de realidades onde se entrelaçam diferentes paisagens, atividades econômicas, manifestações culturais e formas de organização social. Fernandes (2009, p. 2000) define território como

O território é utilizado como conceito central na implantação de políticas públicas e privadas nos campos, nas cidades e nas florestas, promovidas por transnacionais, governos e movimentos socioterritoriais. Essas políticas formam diferentes modelos de desenvolvimento que causam impactos socioterritoriais e criam formas de resistências, produzindo constantes conflitualidades. Nesse contexto, tanto o conceito de território quanto os territórios passam a ser disputados. Temos então disputas territoriais nos planos material e imaterial.

Neste sentido, podemos entender o quanto que o território é importante para os povos camponeses. Ele não é apenas a base de sustentação física e estrutural. Ele representa as relações que se dão neste espaço desde o plano material até o imaterial. Ele tem haver com a identidade camponesa, com os costumes, religiosidade, tradições, sentimento de pertencimento. É um emaranhado de fenômenos e fatores que criam, recriam e moldam o espaço. Seguindo nesta análise sobre o território e territorialidade e os eventos que acontecem neste espaço torna-se fundamental entendermos sobre o campesinato e toda a sua relevância para a constituição dessas territorialidades e relações sociais e econômicas.

Ao tratar de campesinato, José Maria Tardin (2012, p. 179),o define como:

Em se tratando do campesinato, ele se constitui a partir de uma diversidade de sujeitos sociais e históricos que se forjaram culturalmente em uma íntima relação familiar e comunitária com a natureza, demarcando territorialidades com as transformações necessárias à sua reprodução material e espiritual, gerando uma miríade de expressões particulares que, ao mesmo tempo, respaldam-se em elementos societários gerais, marcando sua humanização e humanizando a natureza, em um intrincado complexo de agroecossistemas.

A pesquisa vai ao encontro destes sujeitos sociais do campo que mantêm relações políticas, econômicas, espirituais, de trabalho, cultural e educacional tornando o campo um complexo agroecossistema rico em elementos naturais e culturais. Precisamos do campo com gente, que tem em seu modo de vida e em suas relações sociais e econômicas uma grande história de luta e resistência ao capitalismo e ao agronegócio que a todo tempo tenta se impor e sufocar a força e existência do povo camponês. Ao encontro deste risco de suprimir a existência do campesinato, Tardin (2012, p. 185) salienta que:

Essa expansão e invasão do capitalismo no campo são devastadoras para o campesinato, seja por imporem a mercantilização – um padrão de produção e consumo absolutamente distante da sua trajetória cultural e, étnica, familiar e comunitária-, seja por alterarem intensamente suas bases materiais produtivas, até então profundamente vinculadas aos processos ecológicos e às tecnologias endógenas, seja, ainda, por elevarem as contradições a ponto de fazerem irromper novo ciclo de lutas camponesas no país.

Os desmontes articulados pela sociedade capitalista é um risco para o campesinato. A Educação do Campo é uma política pública que traz um novo paradigma colocando o camponês no centro e pensando um desenvolvimento do campo que atenda as necessidades dos camponeses no campo educacional, de desenvolvimento econômico e o investimento de recursos para a manutenção da agricultura familiar uma das principais responsáveis pelo Produto Interno Brasileiro (PIB).

Mesmo frente a todos os desafios os camponeses continuam lutando pela sua identidade independente do espaço em que está inserido. É neste espaço que se dão as relações sociais, econômicas, religiosas, culturais costumes e tradições que são passados de geração em geração e vai sofrendo modificações de acordo com as características de cada região. Ao encontro deste conceito, e de acordo com Tardin (2012, p. 181) :

A natureza do conhecimento camponês faz dele um efetivo prático-empírico, que preponderante necessariamente faz ensinando e ensina fazendo, ao mesmo tempo em que comunica oralmente explicações dos saberes intrínsecos a cada objeto e prática. Estão presentes em suas relações sociais acentuados valores humanos fundamentais, entre os quais a solidariedade e a fraternidade, que se concretizam em múltiplas práticas de ajuda mútua entre vizinhos, em situações de catástrofes, perdas de safra, doenças e mortes, ou mesmo na organização de festividades comunitárias ou casamentos, batizados, entre outras.

A força do camponês está na coletividade, nas relações sociais e nos valores que são passados de geração pra geração. Este modo camponês, a ajuda mútua faz parte também do seu trabalho e do seu dia a dia. Por isso é tão importante entendermos sobre o campesinato e sobre as relações que se dão nos territórios.

Essas relações são fundamentais para a manutenção do campesinato e também para a nossa pesquisa que se propõe a investigar a contribuição da Educação do Campo para o reconhecimento dos sujeitos como camponeses.

CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PIRANGA E DA COMUNIDADE DE CARIOCA

Neste capítulo, iremos apresentar o território da pesquisa. Primeiro nos dedicamos a desenvolver a caracterização do município de Piranga-MG. Após, caracterizamos a Comunidade do Carioca e fizemos um levantamento sobre a Escola do Carioca.

2.1 O município de Piranga/MG

O município de Piranga com extensão territorial de 658, 812 km² está localizado na Zona da Mata Mineira a 70 km de distância da cidade de Conselheiro Lafaiete e a aproximadamente a 169 Km de Belo Horizonte, capital mineira. Segundo dados de 2019 sua área urbanizada era de 2,51 km².

Figura 1- Localização do município de Piranga- MG



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Piranga,_Minas_Gerais#/media/File:MinasGerais_Municip_Piranga.svg
Acesso em: 29 maio 2024.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo (2022) a população total do município era de 17,018 pessoas e densidade demográfica de 25,83 habitantes por quilômetro quadrado, dois terços dos habitantes vivem na zona rural. Em 2021 o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 1,8 salários mínimos. Em relação à escolaridade e de acordo com o censo de 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 96,3%. Os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no ano de 2021 foi de 6,1 nos anos iniciais do ensino fundamental (rede pública) e de 5,8 nos anos finais do ensino fundamental(rede pública). Sua principal atividade econômica é a agropecuária

responsável por 68% do Produto Interno Bruto (PIB), e as atividades industriais, comércio e prestação de serviços são responsáveis por cerca de 32% do PIB.

A oferta educacional em Piranga é realizada por meio das redes municipal e estadual de ensino. Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação local,⁴ o município atende, Educação Infantil- Maternal (3 anos); 1º e 2º períodos (4 a 5 anos) e o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano (06 a 10 anos).

Conta com um total de 13 escolas sendo que duas estão localizadas na zona urbana e 11 na zona rural. As escolas da zona urbana recebem educandos da área urbana e das áreas rurais mais próximas da cidade.

Abaixo destacamos um quadro informativo com o nome e localidade das escolas municipais situadas na área urbana e nas áreas rurais.

Quadro 2 - Escolas Municipais de Piranga - MG

Instituição	Localidade/ Comunidade	Faixa etária atendida	Zona Urbana/ Zona Rural
Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Professora Maria de Lourdes Ferreira do Patrocínio	Piranga	03 a 5 anos	Zona Urbana
Escola Municipal Francisco Lins Peixoto	Piranga	06 a 10 anos	Zona Urbana
Escola Municipal Santo Antônio do Guiné	Santo Antônio do Guiné-	04 a 10 anos	Zona Rural e Quilombola
Escola Municipal Vereadora Ephigênia Pereira da Fonseca	Mestre Campos	04 a 10 anos	Zona Rural
Escola Municipal Nicanor Cândido Rodrigues	São Bento	04 a 10 anos	Zona Rural
Escola Municipal Carlos Moreira	Manja Léguas	04 a 10 anos	Zona Rural
Escola Municipal Aníbal Félix da Silva	Cunhas	04 a 10 anos	Zona Rural
Escola Municipal Vereador Lordino José da Silva	Taquaraçu	04 a 10 anos	Zona Rural
Escola Municipal Santo Antônio dos Quilombolas	Santo Antônio dos Quilombolas	04 a 10 anos	Zona Rural – Escola Quilombola
Escola Municipal Vargem do Engenho	Vargem do Engenho	04 a 10 anos	Zona Rural

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados da pesquisa (2024).

Salientamos que além das escolas citadas acima, o município oferta o 1º e 2º período da educação infantil em prédios das escolas estaduais a seguir:

⁴ Informações concedidas durante uma conversa com a secretaria municipal de Educação. Essa conversa aconteceu em maio de 2024.

Quadro 3 - Escolas de Educação Infantil de Piranga- MG*

Instituição	Localidade	Faixa etária	Zona Urbana/ Zona Rural
Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel	Comunidade do Carioca	04 a 05 anos	Zona Rural
Escola Estadual Francisco Sales Ferreira	Distrito de Pinheiros Altos	04 a 05 anos	Zona Urbana do Distrito de Pinheiros Altos
Escola Estadual Antônio de Paula Dias (Escola Quilombola)	Distrito de Santo Antônio do Pirapetinga	04 a 05 anos	Zona Urbana do Distrito de Santo Antônio do Pirapetinga

*Escolas Municipais de Educação Infantil que funcionam em prédios de escolas estaduais.

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados da pesquisa (2024).

Ainda segundo a secretária de educação municipal, todos os docentes que atuam nas escolas são habilitados nas áreas que atuam, e o ensino segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Mas que não se aplica a política da Educação do Campo.

Em relação a rede estadual o município conta com cinco escolas, sendo três reconhecidas como escolas do campo, uma como escola do/no campo e uma quilombola.

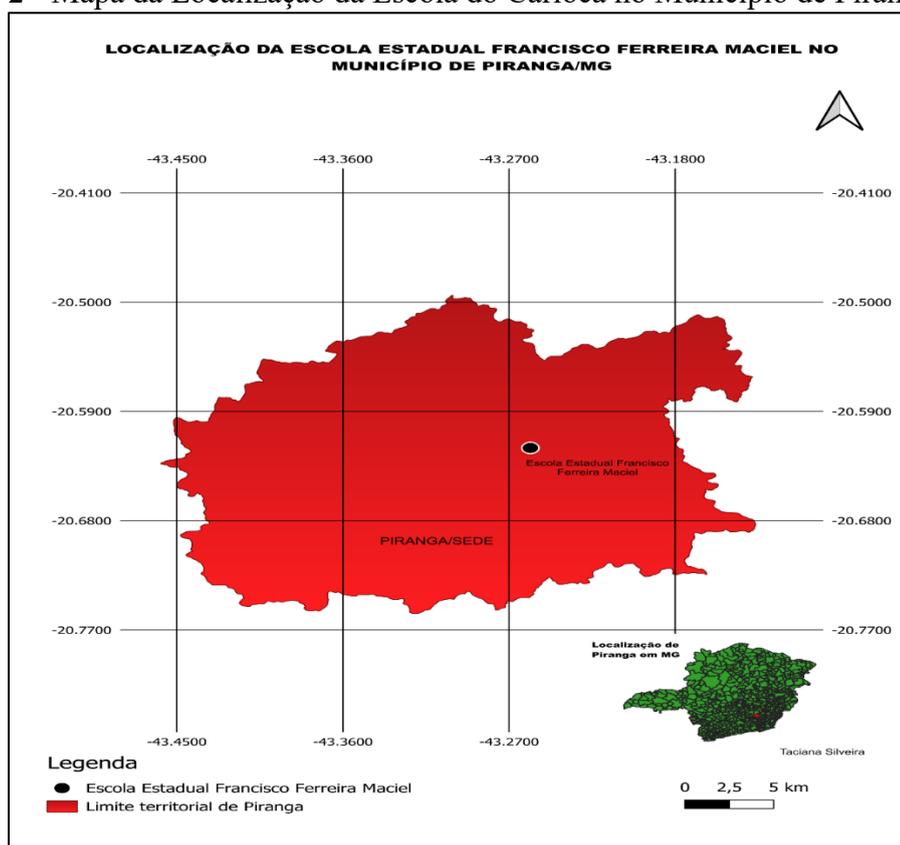
Quadro 4 - Escolas Estaduais de Piranga - MG

Instituição	Localidade	Zona Urbana/ Zona Rural	Tipo	Ensino ofertado
Escola Estadual Coronel José Ildefonso	Piranga	Zona Urbana	Escola do Campo	Ensino fundamental II, médio, técnico e EJA
Escola Estadual Coronel Amantino Maciel	Piranga	Zona Urbana	Escola do Campo	Ensino fundamental I e II
Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel	Comunidade do Carioca	Zona Rural	Escola do/no campo	Anos iniciais, fundamental I e II e ensino médio
Escola Estadual Francisco Sales Ferreira	Distrito de Pinheiros Altos	Zona Urbana do Distrito de Pinheiros Altos	Escola do Campo	Anos iniciais, fundamental I e II e ensino médio
Escola Estadual Antônio de Paula Dias	Distrito de Santo Antônio do Pirapetinga	Zona Urbana do Distrito de Santo Antônio do Pirapetinga	Escola Quilombola	Anos iniciais, fundamental I e II e ensino médio

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados da pesquisa (2024).

A escola da comunidade do Carioca está localizada na área rural e foi a única a receber a denominação e reconhecimento como escola do/no Campo. Salientamos que, os sujeitos desta pesquisa cursaram e concluíram toda a educação básica escolar nesta instituição. Abaixo, apresentamos um mapa da localização da Escola do Carioca no município de Piranga - MG.

Figura 2 - Mapa da Localização da Escola do Carioca no Município de Piranga - MG



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

2.2 A comunidade de Carioca

A comunidade de Carioca está a 12 km distante da sede do município de Piranga/MG, todos os acessos à comunidade são por estradas de terra.

A comunidade possui uma escola, a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel que atende os educandos desde o ensino fundamental I até o Ensino Médio, uma capela Católica que tem por padroeiro São João Batista, os moradores são predominantemente católicos. Possui um campo de futebol, duas mercearias/bar que atendem às necessidades básicas da população local, uma Unidade Básica de Saúde (UBS) com atendimento de segunda a sexta-feira.

Os atendimentos médico e odontológico ocorrem em um dos períodos, manhã ou tarde, pois os profissionais que atendem à comunidade atendem também o distrito de Pinheiros Altos.

Por ter seu acesso, tanto da cidade sede, como dos distritos circunvizinhos, por estradas sem pavimentação, no período chuvoso os atendimentos são comprometidos, devido às más condições das estradas que ligam a sede do município à comunidade impossibilitando que os profissionais cheguem à comunidade.

A Comunidade é atendida pelo Centro de Referência da Assistência Social (Cras-Volante). As atividades do Cras são realizadas em um salão localizado ao lado da Capela de São João Batista e são atendidos, crianças, jovens, adultos e idosos.

O Cras é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social sendo responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios e Distrito Federal (DF). No município de Piranga:

O CRAS vem expandindo seus serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV juntamente com o CRAS VOLANTE, para várias áreas rurais entre elas as comunidades de Carioca, Santo Antônio dos Quilombolas, Santo Antônio do Guiné, São Bento, Morro, Pirapetinga entre outras. Atende também a população urbana em dois espaços distintos, um localizado no Bairro Rosário centro da cidade e o outro no bairro Vila do Carmo, bairro periférico. São promovidas oficinas de violão, dança, ginástica, jiu-jitsu, esporte em geral e artesanato em geral (Prefeitura de Piranga, 2019).

As atividades do Cras são realizadas nas dependências da Capela de São João Batista e são atendidos crianças, jovens, adultos e idosos.

Figura 3- Imagem parcial da Comunidade de Carioca



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Quanto ao transporte na comunidade, há uma linha de ônibus, de segunda a sexta-feira, que atende a comunidade e demais comunidades vizinhas no horário de 7 horas com destino à sede do município e retorno às 13h30min. Nenhuma das vias de acesso à comunidade é pavimentada e, frequentemente, necessitam de reparos.

O baixo padrão de vida da população coincide também com a baixa escolaridade, sendo que muitos moradores não possuem o Ensino Fundamental completo além dos que são declaradamente analfabetos. Contudo, as parcelas referentes à população da comunidade com o Ensino Fundamental completo e o Ensino Médio têm aumentado, assim como no ensino superior desde que a escola começou a ofertar a educação básica por completo. De acordo com o Regimento Escolar a comunidade atendida pela escola tem o índice socioeconômico baixo:

Esse índice é calculado a partir dos questionários contextuais das avaliações do SIMAVE, respondidos pela escola anualmente. A escola interpreta esse índice da seguinte forma: os alunos são de nível econômico e poder aquisitivo baixo, onde a maioria dos pais não possui renda fixa. Acreditamos que a condição social e familiar são fatores que influenciam na aprendizagem. (E. E. Francisco Ferreira Maciel, 2023, p. 5).

Nesta lógica, a escola tem o papel social fundamental, pois cabe a ela a participação no processo de formação do indivíduo enquanto cidadão. Ela precisa repensar a forma de disponibilizar o conhecimento aos seus estudantes para que esses tenham autonomia. A escola segundo Hoffman (1991) deve intermediar o processo de ensino aprendizagem, dar suporte ao estudante para que construa seus métodos de conhecimento; deve despertar a criatividade, a motivação pelo estudo, para ajudá-lo a reconhecer o seu papel na sociedade, pois o caminho para a mudança das realidades sociais começa pela educação. Sendo assim, é difícil definir a função central da escola.

Nesta lógica para Lemos e Silva (2013, p. 2):

A Educação do campo emerge da necessidade de reconhecimento do outro como portador de interesses do coletivo, onde entende as diversidades como meio para acolher as diferenças sem perder, contudo, a visão de totalidade. Entendendo com isso que a construção da sociedade do campo busca constituir a sociedade com uma identidade da população local que organiza a educação formal a partir da lógica da Gestão Democrática na tentativa de estabelecer relações entre a escola e a comunidade.

A dimensão social da escola, conforme Luckesi (2005), não é fator de anulação do estudante enquanto indivíduo. A escola tem o compromisso com cada um, em particular, e com todos, em geral. O sucesso do estudante reflete o sucesso da escola e o fracasso de um estudante sinaliza para a necessidade de revisão do processo educacional. De acordo com Fernandes e

Sachs (2017), a escola do campo, diante de suas particularidades, deve ter o cuidado em não generalizar situações e privar os seus estudantes de saberes sejam eles do campo ou urbanocêntricos. Nesse sentido, a Educação do Campo precisa dar destaque e ter cuidado ao:

[...] tratar e valorizar os fazeres e os saberes de um determinado grupo sociocultural não significa negar os saberes da cultura urbanocêntrica, mas questionar sua centralidade nos currículos escolares. De tal modo, não se defende que a escola abandone os saberes produzidos e direcionados à uma sociedade urbano-industrial, mas que a escola esteja atenta a outros saberes que compõem nossa cultura em sua diversidade. Como um dos princípios da Educação do Campo é o de que cabe à escola do campo possibilitar o acesso ao conhecimento universal, contemplando as particularidades que existem na vida dos educandos, é fundamental criar em nossos planejamentos articulações entre os saberes hegemônicos e aqueles que emergem nas práticas socioculturais dos sujeitos do campo. (Fernandes e Sanchs, 2017 p. 2).

A Educação visa então proporcionar ao estudante a compreensão crítica da realidade, tanto física como social, na busca do significado do conteúdo aprendido. Assim, além da escola ter a função de repassar o saber universal e sistematizado, ela tem, também, a função de proporcionar condições para renovação e transformação pessoal e social.

Afim de entender este movimento da Educação do Campo na Escola do Carioca, vem o questionamento; afinal como a Educação do Campo chegou a esta escola e como está sendo trabalhada? Em busca de respostas destes questionamentos foi realizado uma investigação de como ocorreu a chegada da Educação do Campo na escola localizada na comunidade de Carioca

Em 2016 a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel recebeu um e-mail da Superintendência Regional de Educação (SRE) Conselheiro Lafaiete informando sobre o curso de licenciatura em Educação do Campo- UFMG. Houve o comunicado aos corpos docentes e discentes presentes na instituição sobre a oferta do curso.

Em 2017 duas servidoras da rede estadual e uma educanda recém-formada no ensino médio ingressaram no curso e a partir deste momento ao retornarem à instituição começaram a divulgar sobre esta modalidade de ensino ao corpo docente e discente.

Passaram a trabalhar os conceitos em sala de aula e a incentivar os educandos do ensino médio a darem sequência aos estudos, apresentaram a eles as possibilidades de acesso à Licenciatura em Educação do Campo.

Entre os anos de 2017 a 2020, dez educandos da Escola do Carioca, ingressaram no curso de Licenciatura em Educação do Campo pela UFMG e dois educandos ingressaram no curso pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Atualmente alguns destes licenciados em Educação do Campo lecionam na escola do

Carioca e na Escola Estadual Francisco Sales Ferreira no distrito de Pinheiros Altos-Piranga-MG.

Ter egressos da Licenciatura em Educação do Campo atuando nestas escolas representa um grande ganho para o campo educacional e para expandir os saberes e conceitos do campo uma vez que a formação dos professores do campo vai além de uma formação para atuação na sala de aula, ela contribui com as discussões emergentes das comunidades nas quais as escolas estão inseridas. Fortalecem o elo educação-comunidade constituindo-se em um facilitador no processo-ensino-aprendizagem.

Destacamos aqui a importância dessa formação específica para todo o corpo escolar em especial para os docentes que atuam diretamente com os sujeitos do campo. Nosso intuito é propor uma formação continuada para os docentes que atuam nas escolas do campo para que estejam munidos com as ferramentas necessárias para a prática pedagógica no campo da Educação do Campo.

No ano de 2024 o município recebeu pela primeira vez o curso Escola da Terra ofertado pela UFMG para formação continuada de educadores da rede municipal e estadual que atuam nas escolas do município. Este curso representa a continuação de um movimento que se iniciou em 2017 e que tem se expandido ocupando novos espaços e efetivando a possibilidade de implementação da Educação do Campo em um número cada vez maior de escolas do campo.

O curso está sendo ofertado na Escola Municipal Francisco Lins Peixoto na modalidade da alternância. A alternância é um facilitador para que os professores consigam conciliar o trabalho com a formação.

Deste modo, acreditamos que o conhecimento adquirido na graduação e na formação continuada específica em educação do campo juntamente com a experiência em sala de aula, as trocas entre os docentes, gestores e toda a comunidade escolar seja o início de um movimento que ganhe força e se efetive em toda a rede municipal e estadual de Piranga e região levando aos educandos esta nova modalidade educacional específica para os povos do campo.

Compreendemos que escola, principalmente a escola pública e de Educação do Campo, é o espaço para discutir questões relevantes que possibilitem o desenvolvimento do pensamento crítico por meio de informações, debates, pesquisas, discussões que ajudem o educando a compreender o meio em que vive e o contexto onde está inserido, levando-o a buscar mais conhecimento.

2.3 Identificação da escola pesquisada⁵

A Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel” está situada na Comunidade de Carioca, na zona rural, com distância aproximada de 12 quilômetros da sede do município de Piranga/MG e atende estudantes de dezesseis comunidades rurais.

Segundo os documentos de fundação, a escola foi criada pela lei no 14.222 de 05/04/2002 cuja entidade mantenedora é o Estado de Minas Gerais, tendo como fundador o Sr. Francisco Ferreira Maciel nascido em 8 de dezembro de 1886 na fazenda Paracatu, propriedade dos seus pais. Nesta mesma propriedade, em 1925, o Sr. Francisco fundou, no porão da Fazenda, uma escola para alfabetizar seus filhos e os filhos de seus empreiteiros onde funcionou até 1963.

Figura 4 - Imagem do Primeiro endereço em que a escola funcionou (Porão da Fazenda Paracatu)



Fonte: Acervo da E. E. Francisco Ferreira Maciel (2023).

Nessa época, a escola funcionava em um turno com turmas multisseriadas e basicamente, ensinava-se a escrever o nome, o alfabeto, as quatro operações e a ler pequenos textos. As professoras tinham apenas a 4ª série, lecionavam e faziam a merenda escolar quando havia mantimentos. A escola nessa época não possuía energia elétrica e não era reconhecida pelo poder público. Em meados de 1963, a escola passou a ser denominada Escola de Paracatu, funcionando em parceria com a prefeitura municipal de Piranga até 1966.

No ano de 1964, a Escola de Paracatu passou a funcionar em um paiol na propriedade do Sr. Roque Felisberto a aproximadamente 300 metros do local anterior. Essa nova sede tinha

⁵ Texto produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Roseni de Fatima Rosa, intitulado: “A avaliação educacional sistêmica (SIMAVE) em uma escola de campo: Perspectivas e desafios”, defendido em 2020 no Curso Licenciatura em Educação do Campo – LeCampo - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

uma estrutura melhor e maior que funcionou até o ano de 1981 em dois turnos com turmas multisseriadas. Em 1967, a prefeitura assumiu totalmente as responsabilidades legais de funcionamento da escola até o ano de 1986.

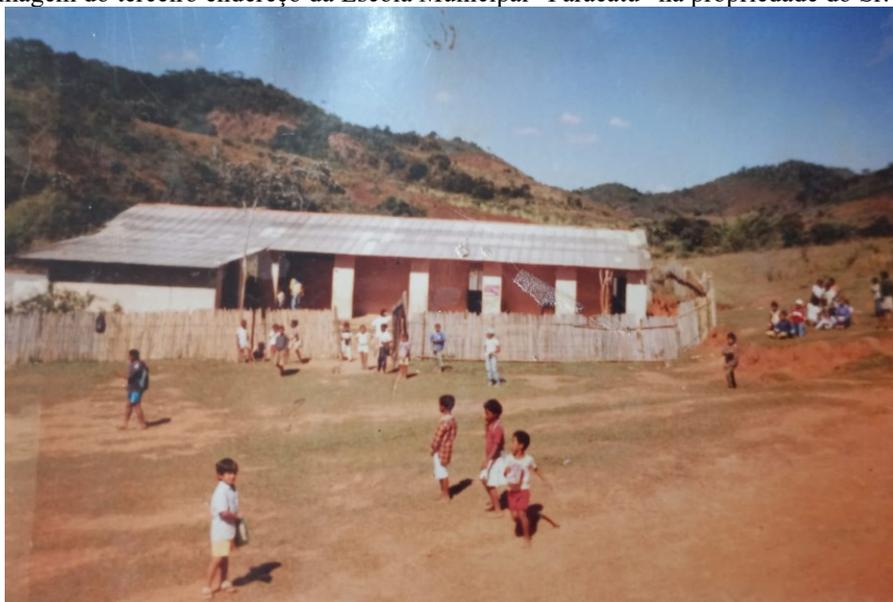
Figura 5 - Imagem do segundo endereço em que a escola funcionou: Paiol na propriedade do Sr. Roque Felisberto



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Devido ao aumento do número de estudantes e à necessidade de ampliação do prédio, a escola foi transferida para a propriedade do Sr. José Campos em 1982 permanecendo nesse endereço até o ano de 1999 com denominação de Escola Municipal de Paracatu.

Figura 6 - Imagem do terceiro endereço da Escola Municipal “Paracatu” na propriedade do Sr. José Campos



Fonte: Acervo da E.E. Francisco Ferreira Maciel (2023).

Figura 7 - Imagem atual do local onde funcionou a Escola Municipal de Paracatu na propriedade do Sr. José Campos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A escola funcionava em dois turnos com turmas seriadas. Apesar das melhorias conquistadas, a merenda ainda era escassa e os estudantes eram ajudados pela vizinhança, que doavam alguns alimentos como verduras, legumes, frutas, quitanda e lenha para a preparação dos alimentos. A escola era distante da comunidade a qual a maior parte dos estudantes eram oriundos. Eles gastavam cerca de duas a três horas para chegarem à instituição, pois iam a pé e sem a companhia de um adulto responsável. Os pais desses alunos trabalhavam como lavradores roçando pastos, na capina e plantio de arroz, milho, feijão, cana de açúcar, café e outros cultivos, sendo que muitos desses trabalhavam à meia⁶ ou à terça com os donos das terras.

Em 1987, a Escola passou para a responsabilidade do Estado intitulada Escola Estadual de “Paracatu” 1º grau (1ª a 4ª série) através do Decreto Estadual no 26.749 de 13/03/87 com autorização de funcionamento de acordo com a portaria no 670/87 publicado no MG 20/04/87.

O prédio foi doado à Secretaria Estadual de Educação – SEE/MG pela prefeitura Municipal de Piranga por meio da lei Municipal 675/86 de 09/01/87. Devida à distância da escola em relação à residência da maioria dos estudantes e à precariedade de sua infraestrutura, as famílias atendidas pela escola se reuniram e exigiram que o poder municipal e estadual tomasse as medidas cabíveis para sanar o problema. De acordo com relatos da comunidade e registros da escola, a comunidade se uniu e pediu para que construíssem uma escola na localidade de Carioca por ser mais próxima das residências dos estudantes e da cidade, facilitando, portanto, o acesso dos estudantes e professores. Durante este período, teve a

⁶ Meia ou terça é o processo de arrendamento de terras, onde o proprietário cede parte de suas terras em troca de uma parcela da produção, conforme o que for combinado entre o proprietário e o arrendatário.

passagem de três prefeitos sendo a obra iniciada e, posteriormente, abandonada. Indignados com o descaso do poder público municipal a comunidade e a escola uniram-se realizando reuniões e protestos e obtiveram uma ordem judicial para a finalização da obra. Segundo os registros, a obra foi finalizada em 1999 e o prédio foi cedido para o Estado em 2000. Estima-se que nessa época, a escola tinha cerca de 80 estudantes, distribuídos em quatro turmas de 1ª a 4ª série. Nesse mesmo ano, foi solicitada à SEE/MG a alteração do nome da escola, pois este estava relacionado ao seu antigo endereço Fazenda Paracatu. Por meio da lei no 14.222 de 05 de abril de 2002, a Escola Estadual de “Paracatu” passa a denominar-se Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”, nome dado em homenagem ao seu fundador.

Figura 8 - Imagem do quarto endereço da Escola Estadual “Paracatu” na comunidade de Carioca



Fonte: Acervo da E.E. Francisco Ferreira Maciel (2023).

Como a escola ofertava apenas os anos iniciais do ensino fundamental, para dar continuidade ao processo de formação, os estudantes deveriam ser transferidos para a Escola Estadual “Coronel José Ildefonso” localizada na sede do município ou para a Escola Estadual “Francisco Sales Ferreira” no Distrito de Pinheiros Altos. Nessa época, somente na sede do município, era ofertado o Ensino Médio no turno noturno. A distância, o transporte escolar precário, as más condições das estradas agravadas principalmente em períodos chuvosos entre outros fatores dificultavam a permanência desses estudantes na escola. Frente às dificuldades de acesso à educação e ao mesmo tempo ao aumento da demanda estudantil, no ano de 2000 foi solicitado à 8ª Superintendência Regional de Ensino de Conselheiro Lafaiete (SRE/CL) a ampliação do ensino ofertado na escola.

Figura 9 - Imagem da Ampliação da E.E. Francisco Ferreira Maciel



Fonte: Acervo da E. E. Francisco Ferreria Maciel (2023).

Somente em 2007, foi autorizada a implementação dos quatro anos finais do Ensino Fundamental, conforme a Resolução SEE no 874 de 17 de janeiro de 2007. No ano de 2010, teve a implantação do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) conforme resolução N° 874 de 2010 completando, portanto, o acesso da comunidade à educação básica completa. Desde sua fundação a escola teve 4 (quatro) coordenadores⁷ e 3(três) diretores⁸ conforme o artigo 27 da Lei no 15293 de 05/08/2004 que institui as carreiras dos profissionais de Educação Básica do Estado de Minas Gerais. Em 2012 foi a primeira vez que a comunidade escolar participou do processo de escolha de diretor através de eleição.

Em 2024, a escola ofertava os Ensinos Fundamental e Médio, atendendo um total de 209 estudantes distribuídos em uma turma de cada ano de escolaridade. No turno da tarde eram atendidos as turmas do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental e o pré-escolar em parceria com a Prefeitura Municipal. No turno da manhã eram atendidas as turmas do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

⁷ Coordenador de escola: é exercida por professor da própria escola, sem afastamento da regência isso ocorre nas escolas com até quatro turmas que ofereçam apenas a educação infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental.

⁸ Diretor de escola: Com carga horária de quarenta horas semanais, será exercido em regime de dedicação exclusiva por servidor ocupante de função ou cargo das carreiras de Professor de Educação Básica e Especialista em Educação Básica.

Figura 10 - Imagem atual da Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”



Fonte: Acervo da E. E. Francisco Ferreira Maciel (2023).

Figura 11 - Imagem atual da Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”



Fonte: Acervo da E. E. Francisco Ferreira Maciel (2023).

Em relação à estrutura física, a escola possui 10 salas de aulas, 1 cozinha, 1 dispensa, 1 sala da diretoria, 1 secretaria, 1 sala de computação, 1 sala dos professores com 2 banheiros, 1 pátio, 1 refeitório, 1 biblioteca, 2 almoxarifados, uma quadra coberta e banheiros para

estudantes. O quadro de funcionários é composto por cinco servidores efetivos sendo três professores regente de turma e duas professoras regente de aulas, os demais servidores são convocados/contratados. Após a identificação da Escola do Carioca e a análise das imagens e de todo o processo de fundação iniciado em 1925 até os dias atuais foi possível perceber que esta escola passou por diferentes períodos históricos e por muitas mudanças na legislação. Ela é uma escola que teve sua origem baseada na educação rural e hoje é uma instituição que vem contemplando a Educação do Campo. É uma instituição que vem se reinventando e ressignificando o seu papel nesta comunidade. As imagens demonstram com clareza não somente a estrutura física desta instituição, demonstra também a força do povo camponês, a luta dos gestores para a permanência desta escola na comunidade e a oferta de todo o ensino da Educação Básica. Podemos afirmar que esta instituição faz parte da história desta comunidade e das comunidades que são contempladas por ela. É por fim uma instituição que permaneceu firme em seu propósito e com uma visão inovadora. Esta instituição é a concretização de um sonho e a certeza de que a união e parceria entre a instituição, o poder público e a comunidade local foram e são fundamentais para o sucesso e permanência levando a todos uma educação de qualidade e o acesso aos filhos e filhas dos camponeses.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesse capítulo, indicaremos qual foi o caminho percorrido para responder à nossa principal questão de pesquisa: A Educação do Campo contribui ou não para a quebra de paradigmas e a identificação do sujeito como camponês?

3.1 Caminhos metodológicos

Esta investigação consiste em um estudo qualitativo para coleta e tratamento dos dados. Para o seu desenvolvimento realizamos o estudo documental e a revisão bibliográfica. O levantamento bibliográfico caracteriza-se pela “identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa.” (Gonsalves, 2001, p. 34). Neste levantamento abordamos as temáticas referentes a Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo, Egressos, e Campesinato.

Para a finalidade da pesquisa, é preciso compreender que “[...] a pesquisa qualitativa parte da noção da construção social das realidades em estudo e está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo.” (Flick, 2009, p. 16).

Do mesmo modo, a pesquisa qualitativa nos interpela a ter um olhar atento sobre a realidade em estudo, considerando uma leitura comprometida de forma que possa compreender a dinâmica dos processos com a clareza de que “não é apenas um investigador que dá sentido ao seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e a sociedade dão significado e intencionalidade e interpretam suas ações e construções” (Minayo, 2008, p. 40).

Considerando que as diferentes visões de mundo podem interferir no processo de conhecimento da realidade, podemos destacar que “de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas e com a organização particular da sociedade e de sua dinâmica interna, criam-se visões de mundo, com nuances e diferenciações relacionadas às condições de vida e às heranças culturais” (Minayo, 2008, p. 40). Contudo, a consciência que se tem de determinada realidade social reflete na forma como a pesquisa será direcionada de que modo que “tal consciência se projeta no mundo da vida, assim como passa a ser registrada nos processos pelos eruditos de construção do conhecimento” (Minayo, 2008, p. 40).

Assim, a escolha pela pesquisa com enfoque qualitativo requer um entendimento de qual sentido emprestamos à pesquisa. Segundo Minayo (2008), pesquisa é definida como a atividade

básica das Ciências na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino.

Pesquisar constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca e, por isso, tem a característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação (Minayo, 2008, p. 47).

Sendo assim, o trabalho apresentado tem suas bases em uma pesquisa de natureza qualitativa, quanto aos objetivos e procedimentos metodológicos, vinculada aos processos de coleta de dados em campo, tendo como principais fontes de informação: a pesquisa de campo, a documental e a bibliográfica.

Foi escolhido como referência para a pesquisa os Egressos da instituição de ensino de Educação Básica, Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel; carinhosamente conhecida como Escola do Carioca uma vez que todos os sujeitos desta pesquisa estudaram nesta instituição, assim como, cursaram a Licenciatura em Educação do Campo ofertada pela FaE-UFGM. O recorte temporal compreende os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Esse recorte foi uma opção metodológica para ser enquadrado dentro da pesquisa o ingresso do primeiro egresso da Escola do Carioca na LeCampo que se deu no ano de 2017 e também para contemplar todas as áreas do conhecimento ofertadas pela universidade a saber: Ciências da Vida e da Natureza (CVN), Ciências Sociais e Humanidades (CSH), Letras, Arte e Literatura (LAL) e Matemática. Ressaltamos que, a primeira vez que a instituição teve conhecimento sobre o curso foi em 2016 por meio de um e-mail enviado pela Superintendência Regional de Ensino (SRE)-Conselheiro Lafaiete à escola que teve a incumbência de fazer o repasse aos docentes e discentes.

Para que pudéssemos conhecer os sujeitos participantes desta investigação, fizemos um levantamento sobre os discentes que concluíram o ensino médio entre os anos de 2016 a 2019 que ingressaram no curso superior de graduação em Licenciatura em Educação do Campo pela UFGM. A solicitação dessas informações foram necessárias porque precisávamos ter conhecimento de todos os educandos que ingressaram na referida graduação neste período.

Após termos acesso a essas informações, contabilizamos 10 egressos que cursaram a licenciatura. Sendo que no ano de 2017 apenas um ingressou para cursar a (CVN); em 2018 três ingressaram na (LAL); em 2019 quatro ingressaram na (CSH) e em 2020 dois ingressaram na Matemática.

Para a coleta de dados, foram escolhidos dois instrumentos, sendo eles: Primeiro o questionário semiestruturado (disponível no Apêndice A), escolhido com a intencionalidade

de mapear informações gerais para traçar o perfil dos egressos, e como segundo as entrevistas narrativas (roteiro de entrevistas, disponível no Apêndice B), com a intenção de recolher dados mais aprofundados a respeito das contribuições da Educação do Campo para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses.

Com objetivo de coleta de dados, foi apresentada a proposta da pesquisa aos egressos, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (disponível no apêndice C), elaborado de acordo com as orientações estabelecidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, para que fossem esclarecidas todas as dúvidas referentes à pesquisa e o seu processo de coleta dos dados.

Depois disso, contatamos cada egresso, solicitando a sua participação na pesquisa, por meio do preenchimento de um questionário. Tozoni-Reis (2009, p. 40) faz a seguinte definição de questionário: “[...] esse instrumento de pesquisa consiste num conjunto de questões predefinidas e sequenciais apresentadas ao entrevistado diretamente pelo pesquisador”. Neste caso utilizamos um questionário semiestruturado, que baseou-se em questões objetivas, permitindo uma maior compreensão sobre os egressos para futuramente montarmos o perfil dos sujeitos da pesquisa.

A confecção do questionário online ocorreu com a utilização do Google Drive na parte de formulários. O questionário foi apresentado e enviado para os egressos por meio online, via redes sociais, e-mail, WhatsApp. Optamos por uma pesquisa online, para diminuir os custos e também conseguir abranger todos os egressos, uma vez que os sujeitos da pesquisa moram em cidades diferentes de Piranga. Com isso, os gastos com deslocamento tornariam o estudo inviável. Nem todos os egressos contatados responderam ao questionário. Dos 10 egressos que tivemos contato, somente 09 participaram deste questionário, aproximadamente 90% do total, um valor significativo para a produção dos dados.

Envidamos esforços para realizar um percurso metodológico que fosse possível identificar se a Educação do Campo contribui para o processo de quebra de paradigmas e identificação dos sujeitos como camponês, a partir do entendimento dos egressos da Escola do Carioca que cursaram a Licenciatura em Educação do Campo- FaE-UFMG no período entre 2017 a 2020.

Para atingir os objetivos foi feita uma entrevista com esses egressos. Gil (2008) define entrevista:

[...] como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com objetivo de obtenção dos dados que interessa à

investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mas especificamente é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (Gil, 2008, p. 109).

Conforme Boni e Quaresma (2005), as entrevistas podem ser classificadas de diferentes formas, entre elas: entrevista estruturada, semiestruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e entrevista. Na entrevista semiestruturada, o pesquisador define um conjunto de questões prévias, que é conduzida de forma semelhante a uma conversa informal, além de ser possível o acréscimo de perguntas adicionais (Boni e Quaresma, 2005).

Nesta pesquisa adotamos a entrevista semiestruturada, uma vez, que possibilita maior flexibilidade e liberdade ao entrevistador e entrevistado ao mesmo tempo em que delimita o volume de informações.

As entrevistas semiestruturadas aconteceram de maneira presencial e online, foram gravadas em áudio, entre os dias 02/04/2024 e 06/04/2024 e posteriormente transcritas. Os 10 sujeitos da pesquisa responderam à entrevista sendo que 08 egressos foram de maneira presencial e 02 online devido à distância e a impossibilidade de nos encontrarmos no período em que as entrevistas estavam sendo aplicadas.

Após o processo de coleta de dados por meio do questionário e da entrevista semiestruturada, foram realizadas a sistematização dos dados e a análise com base na análise de conteúdo da Bardin. Para que fosse mantida a ética no trabalho e o anonimato dos entrevistados, fizemos a substituição dos nomes dos egressos por pseudônimos. Desse modo foram utilizados os seguintes nomes: José, Carlos, Alice, Mônica, Lívia, Luíza, Maria, Caroline, Olívia e Zélia

De acordo com Bardin (2011) tendo finalizado as entrevistas os dados coletados serviram de base para a análise de conteúdo. Para esta autora, a análise de conteúdo pode ser compreendida como o estudo das comunicações verbais e não-verbais, como, por exemplo, entrevistas, jornais, vídeos, imagens, cartas, relatos, entre outros. O funcionamento e o objetivo da análise de conteúdo podem resumir-se em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (Bardin, 2011, p. 48).

Na análise de conteúdo, Bardin (2011) ressalta a importância do rigor, a necessidade de

ir além das aparências e de ultrapassar as incertezas da pesquisa. Portanto, a análise de conteúdo proporciona uma leitura e compreensão crítica das descrições sistemáticas dos dados coletados (Moraes, 1999). Na organização da análise de conteúdo, Bardin (2011) estabelece três pólos cronológicos: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e a interpretação.

Bardin (2011), a pré-análise consiste na organização do material a ser investigado, a formulação de hipóteses e no estabelecimento de indicadores para a interpretação das informações coletadas. Na pré-análise, as entrevistas serão transcritas e juntamente com o dossiê e requerimento serão submetidos a leitura fluente, organização de acordo com sua equivalência e formulação de hipóteses que verificaremos com os procedimentos de análise.

Com o objetivo de sistematizar a análise dos dados coletados, na fase de exploração do material, todos os materiais coletados serão submetidos a codificação. Bardin (2011) define a codificação como um processo de transformação através de recorte em unidades de registro, agregação e enumeração que permitirá o esclarecimento da análise das características fundamentais dos materiais coletados.

Na fase de tratamento dos resultados em inferência e interpretação, foram analisados com ponderação e cautela os dados dos materiais coletados, a fim de serem relacionados aos referenciais teóricos. Haja vista que a inferência na análise qualitativa é construída na presença do tema, palavra, personagens, entre outros, e não na frequência da presença individual na comunicação (Bardin, 2011).

Portanto, o presente estudo privilegiou a análise qualitativa das entrevistas, e não a sua frequência sendo assim, para a realização da pesquisa, este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)- UFMG, ao qual foram seguidas as normas indicadas pelo Comitê. Os entrevistados assinaram um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). Destacamos, também, que foi feito contato com os entrevistados para apresentar o projeto de pesquisa, seus objetivos, benefícios e implicações diversas.

Eles foram informados de que as entrevistas seriam gravadas e transcritas, e que seu conteúdo seria disponibilizado para cada entrevistado a qualquer momento que os mesmos sentissem a necessidade de ter acesso.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS COLETADOS

Esse capítulo será dedicado às análises dos dados coletados na pesquisa, uma vez que os mesmos são fundamentais para a construção do trabalho.

Os sujeitos escolhidos para a pesquisa são egressos da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel (Escola do Carioca), localizada na comunidade rural de Carioca no município de Piranga.

Para sistematizar e analisar os dados obtidos na pesquisa, no primeiro momento analisamos os dados do questionário que foi aplicado e construímos o perfil dos egressos da Escola que cursaram a Licenciatura em Educação do Campo no período que compreende os anos de 2017 a 2020.

No segundo momento fizemos a análise das entrevistas semiestruturadas por meio do método da análise de conteúdo de Bardin (2011) a qual evidencia a resposta ao problema de pesquisa.

No terceiro momento sistematizamos as informações que foram obtidas em cada uma das análises a seguir: A Educação do Campo contribuiu para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses? Qual o olhar dos Egressos sobre o campo antes e depois da Licenciatura? Ficar ou sair do campo? O que dizem os egressos? Atuação docente, a visão dos egressos sobre a prática pedagógica; Qual é a visão dos Egressos sobre a Escola do Carioca antes e depois da LeCampo? Que papel esta escola exerceu na vida desses sujeitos?

Deste modo seguiremos apresentando os dados obtidos na pesquisa. Ressaltamos que para a análise dos dados coletados nessa pesquisa, foram utilizadas as referências teórico-metodológicas adotadas neste estudo. Buscamos realizar uma sistematização dos dados, tendo como centro desta investigação a contribuição da Educação do Campo para a quebra dos paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses.

4.1. Aspectos gerais

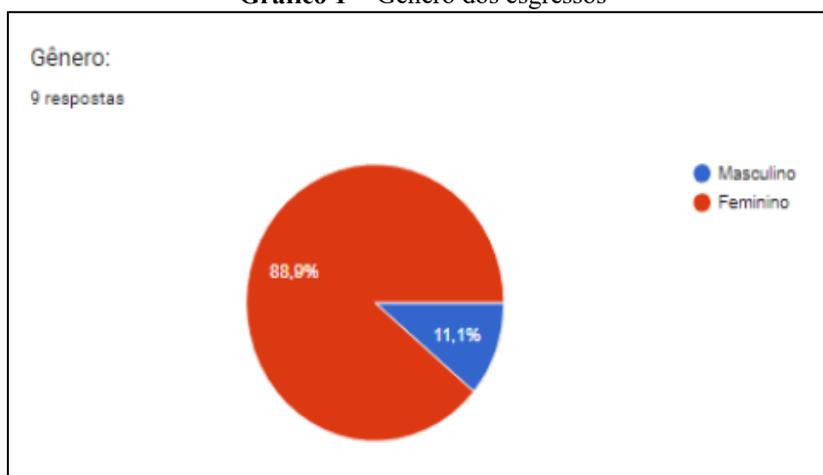
4.1.1 Perfil dos Egressos da Escola do Carioca que cursaram a Licenciatura em Educação do Campo - UFMG

Diante dos dados dos questionários aplicados aos egressos, fizemos um levantamento de informações sobre o perfil dos participantes deste estudo. É importante destacar que todos concordaram em participar da pesquisa voluntariamente, dos 10 egressos que receberam o questionário 09 responderam. As informações analisadas foram referentes ao gênero, cor/raça,

município em que nasceu, faixa etária; ano em que finalizou o ensino médio; ano em que ingressou no Lecampo; renda pessoal e familiar; quem indicou o curso e a justificativa pela opção do curso além da nota que dão ao curso da Lecampo no quesito reconhecimento como camponês.

Dos 09 egressos investigados, há uma predominância de pessoas do sexo feminino, correspondendo a um total de 88,9% de mulheres e de 11,1% de homens.

Gráfico 1 - Gênero dos egressos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Podemos observar no gráfico 2 quando perguntados sobre cor/raça, 77,8% se declararam preto enquanto que 22,2% pardo.

Gráfico 2 - Cor/Raça dos egressos

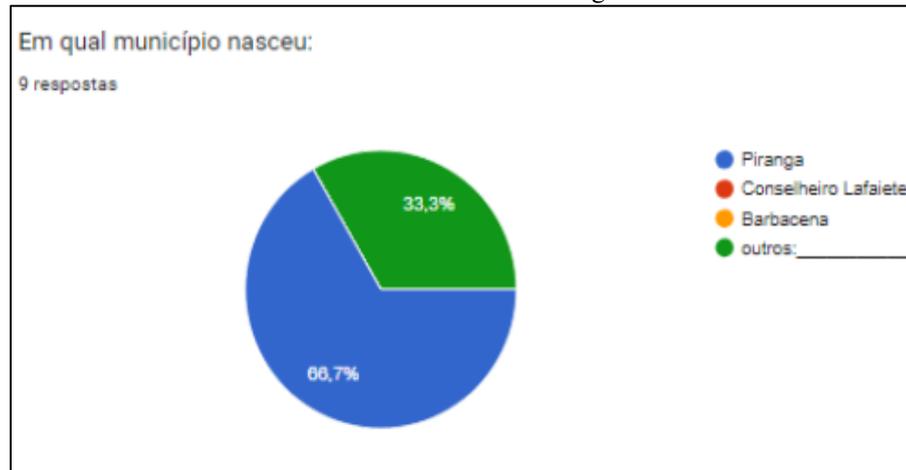


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No gráfico 3 sobre a naturalidade dos egressos, 66,8% nasceram na cidade de Piranga

enquanto 33,3% nasceram em outros municípios.

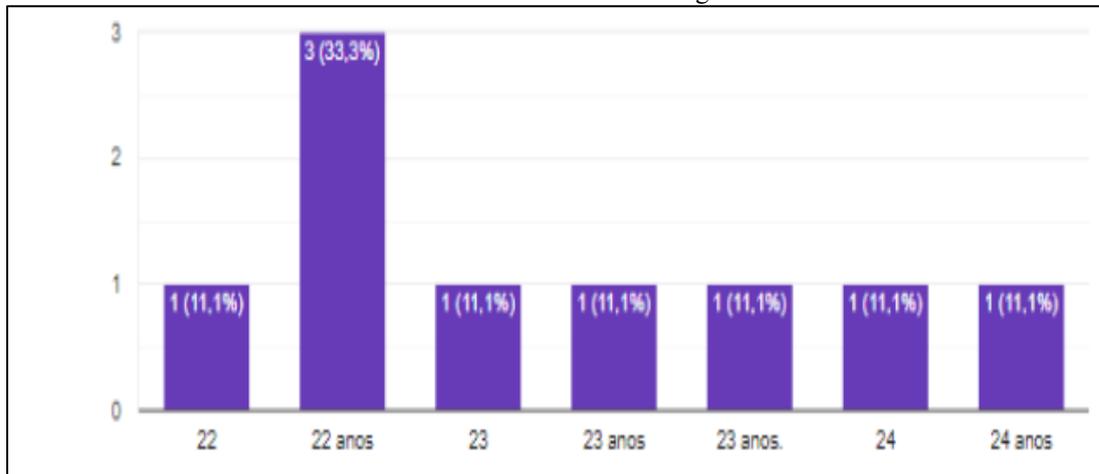
Gráfico 3 - Naturalidade dos egressos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No gráfico 4 sobre a faixa etária, todos se encontravam entre 22 a 24 anos na data da aplicação do questionário o que demonstra que os egressos caracterizam um público jovem, abaixo dos 30 anos.

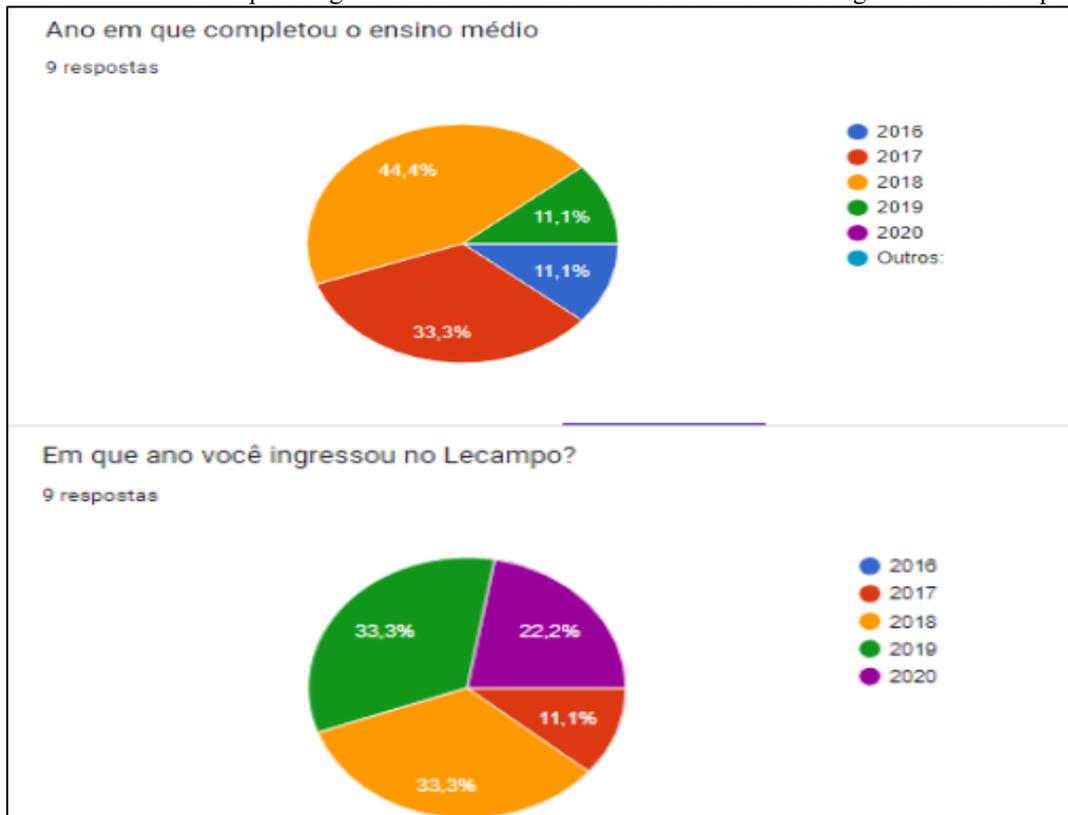
Gráfico 4 - Faixa etária dos egressos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

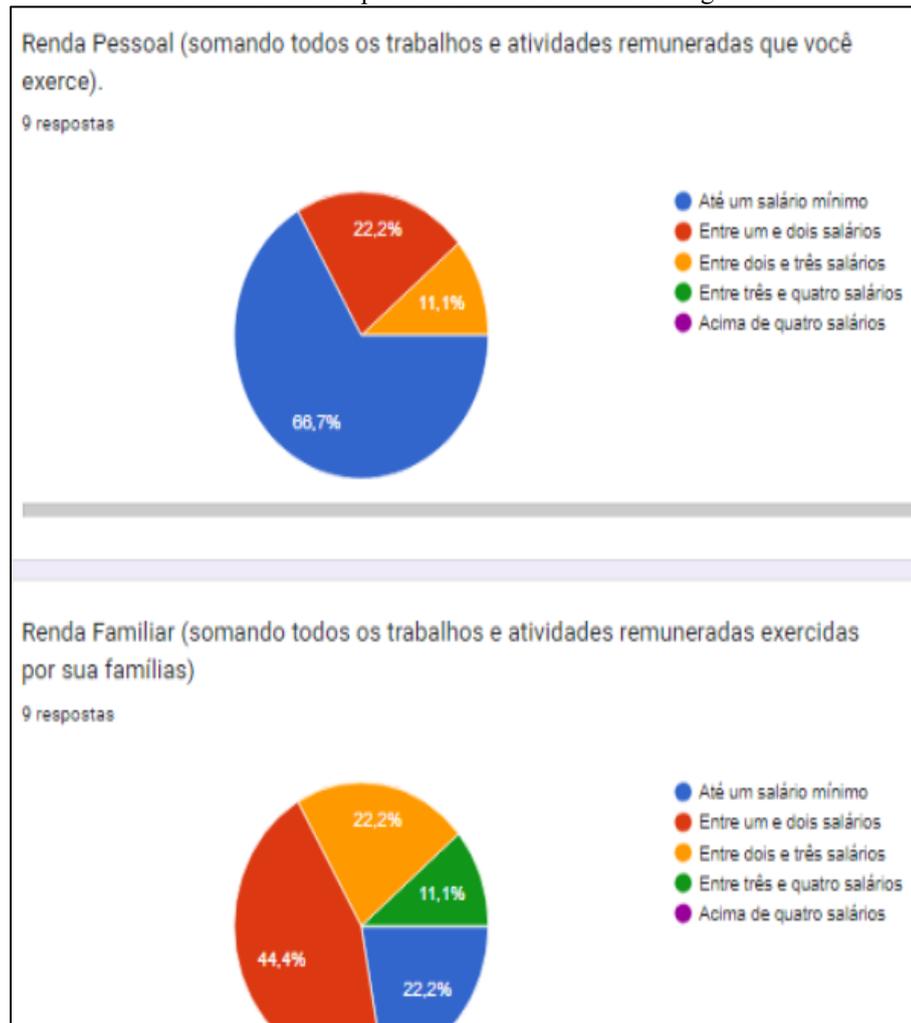
O gráfico 5 nos trouxe duas informações importantes sobre os sujeitos. Eles concluíram o ensino médio no período que compreende o ano de 2016 a 2019 e ingressaram na Lecampo no período de 2017 a 2020.

Com estes dados foi possível observar que todos os egressos entraram na Lecampo no ano subsequente ao término do ensino médio.

Gráfico 5 - Ano em que os egressos concluíram o Ensino Médio / Ano de ingresso na LeCampo

Fonte : Elaborado pela autora (2023).

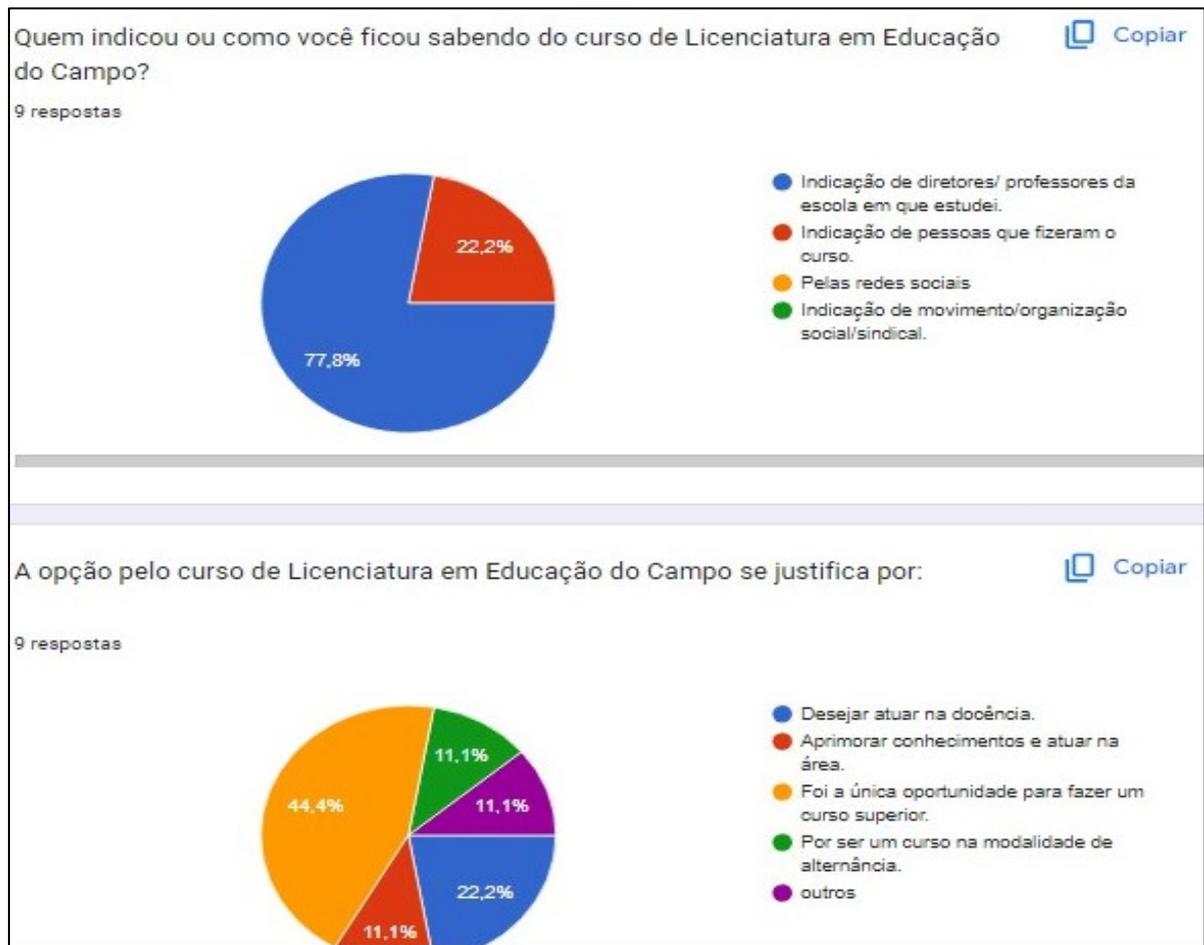
No gráfico 6 quando questionados sobre a renda pessoal, 68,7% dos entrevistados declararam receber até um salário mínimo; 22,2% entre um e dois salários enquanto que 11,1% entre dois e três salários. Em relação à renda familiar, 22,2% declararam ter renda de até um salário mínimo; 44,4% entre um e dois salários; 22,2% renda entre dois e três salários e 11,1% declararam ter a renda variando de 3 a 4 salários mínimos por mês. Frente a estes dados podemos inferir que a maior parte dos entrevistados em relação à renda pessoal recebem até um salário por mês enquanto que a maior parte da renda familiar varia entre um e dois salários.

Gráfico 6 - Renda pessoal / Renda Familiar dos Egressos

Fonte Elaborado pela autora (2023).

O gráfico 7 que trata sobre a indicação do curso e a justificativa pela qual o cursista escolheu a Licenciatura, demonstra que 77,8% ficaram sabendo do curso por meio da indicação do diretor e de professores que trabalham na escola. Estes dados revelam o papel da escola na disseminação das informações e sua influência na vida do educando. 22,2% afirmaram que ficaram sabendo do curso por meio de pessoas que fizeram o curso. Podemos perceber o quanto é importante que os sujeitos permaneçam no campo. Eles são redes de apoio, disseminação de informações e ajudam os seus pares a garantirem os seus direitos. Neste caso específico o direito à educação superior.

Gráfico 7: Quem indicou o curso de Licenciatura em Educação do Campo / Porque o egresso optou por esse curso



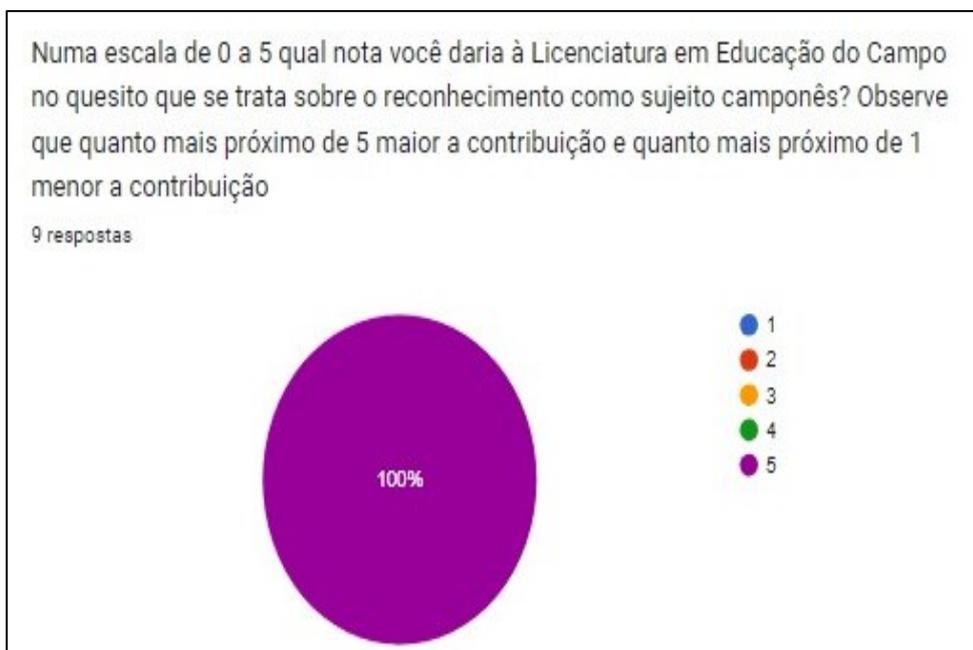
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quando se trata da justificativa pela qual o cursista escolheu a Licenciatura, gráfico acima, 44% declararam que foi a única oportunidade para fazer um curso superior; 22,2% desejavam atuar na docência; 11,1% disseram que gostariam de aprimorar os conhecimentos ; 11,1% disseram que é pelo curso ser na modalidade da alternância e 11,1% disseram que foi por outros motivos. Estes dados mostram o quanto o ensino superior ainda é uma realidade distante para grande parte dos sujeitos do campo e ao mesmo tempo nos ajudam a entender o quanto que a oferta do curso de Licenciatura em Educação do Campo é importante para o acesso dos camponeses à efetivação dos seus direitos quanto cidadãos e a realização da vontade e do sonho de 22,2% dos egressos de terem a habilitação para atuarem na docência. Relevante também é o dado de 11,1% dos egressos que declararam que a modalidade da alternância foi o principal fator para o ingresso no curso.

Para finalizarmos a nossa análise vamos ao gráfico 8 que pediu aos egressos para darem uma nota ao curso de Licenciatura em Educação do Campo no quesito que se trata sobre o reconhecimento dos sujeitos como camponeses; onde quanto mais próximo de 5 maior a

contribuição e quanto mais próximo de 0 menor a contribuição. Todos os egressos deram nota 5.

Gráfico 8 - Nota sobre curso no quesito reconhecimento como sujeito camponês



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Deste modo podemos afirmar que o curso da Lecampo exerce um papel importantíssimo na vida dos sujeitos ao qual ajuda-os a reconhecerem como camponeses. Este reconhecimento traz consigo grandes conquistas como a autonomia; aceitação da sua condição camponesa, valorização da sua cultura e o reconhecimento do campo da Educação do Campo.

4.2 Categorias de análises

4.2.1 Qual o olhar dos egressos sobre o campo antes e depois do curso de licenciatura em Educação do Campo?

O intuito nesta abordagem é analisar qual é o olhar dos egressos da Escola do Carioca sobre o Campo antes e depois da Licenciatura em Educação do Campo.

Esta análise nos ajuda a entender qual o papel que a Educação do Campo exerce na vida dos sujeitos que cursam a Licenciatura. É importante também para analisarmos se os educandos ao finalizarem os estudos na Escola do Campo estão preparados para enfrentar a sociedade com os conhecimentos que adquiriram no seu processo de formação. Haddad (2012), esclarece que a educação é um direito:

Conceber a educação como direito humano significa incluí-la entre os direitos necessários à realização da dignidade humana plena. Assim, dizer que algo é um direito humano é dizer que ele deve ser garantido a todos os seres humanos, independente de qualquer condição pessoal. (Haddad, 2012, p. 215).

A Educação do Campo na concepção de escola do campo, segundo Molina e Sá (2012, p. 234) “trata-se de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo” enquanto que a Educação Rural, é entendida por Fernandes e Molina (2004, p. 37) como uma educação que a “origem está na base do pensamento latifundista empresarial, do assistencialismo, do controle político sobre a terra e as pessoas que nela vivem”.

Estas definições são importantes para podermos identificar os conceitos da Educação do Campo que foram consolidados e refletir para a mudança de nossas práticas pedagógicas se constatado que os egressos saem da educação básica sem um olhar aprofundado sobre o campo.

A Educação do Campo é um conceito novo, quando nos referimos ao olhar dos egressos sobre o campo da Educação do Campo, queremos dizer de acordo com Fernandes (2006) que:

O campo pode ser pensado como território ou como setor da economia. O significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias. Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. O conceito de campo como espaço de vida é multidimensional e nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias. (Fernandes, 2006, p. 28-29)

Neste sentido, os relatos dos egressos Olívia e José contemplam esta abordagem. Eles afirmam que antes da Licenciatura viam o campo como um lugar atrasado, como um lugar de saída. Estes olhares sobre o campo demonstram que os egressos viam o campo como setor da economia sem uma ligação aprofundada com as dimensões humana, mas apenas como um espaço de produção.

Porque quando a gente tá na Educação Básica, a gente já cresce com aquela visão de sair do campo e ir para a cidade para trabalhar. Querendo ou não a gente acaba ficando por lá. Aí a relação que a gente tem com o campo é muito pouca quase nada. (Olívia, egressa)

Antes de eu começar a fazer esse curso, eu tinha uma visão completamente diferente da que eu tenho hoje. Eu acreditava que o povo que mora no campo, o camponês era um pessoal mais atrasado, menos desenvolvido, não tinha tanto conhecimento das coisas. (José, egresso)

A seguir e por meio dos relatos dos egressos, percebemos que eles tiveram uma mudança

no olhar, passaram a compreender o campo como abordado por Fernandes (2006, p. 28) “o campo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana”. Este novo olhar pode ser comprovado:

Mudou completamente. Então, com a Licenciatura em Educação do Campo mudou completamente, porque quando eu cheguei lá que eu vi o campo lá dentro da cidade, dentro da UFMG... Nossa... foi uma sensação maravilhosa. (Olívia, egressa)

Depois eu passei a ver que realmente eu tava completamente errado. O povo do campo é um povo muito rico, muito inteligente, tem muita coisa para ensinar basta a gente pesquisar fundo e a gente correr atrás e procurar colocar ali um objetivo no que você quer compreender sobre o povo do campo porque eles têm muita coisa para ensinar (José, egresso)

Correlacionando as falas dos egressos podemos inferir que a Educação do Campo possibilitou a ampliação do olhar, passaram a ver o campo como lugar de possibilidades, de riquezas, de aprendizado e sobretudo como um lugar de crescimento pessoal.

Este olhar reforça a importância do acesso à educação em diferentes perspectivas e em diferentes níveis de ensino. Para além, mostra que as políticas públicas precisam ser direcionadas de acordo com as especificidades dos sujeitos e garantir o acesso a todos. No contexto, dos egressos desta pesquisa, a Licenciatura em Educação do Campo representou a efetivação desses direitos para os sujeitos do campo.

Ressaltamos que, a Educação do Campo perpassa todo o processo de formação dos sujeitos, educacional, profissional, emocional, cultural, de identidade e contribui para a autonomia e autoconfiança, para o reconhecimento dos seus direitos e a força necessária para lutar pelo acesso deles e de tantos outros camponeses. Deste modo, Fernandes, Cerioli e Caldart (2009), entendem que Escola do Campo é,

[...] aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadoras e trabalhadores do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimento e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população. (Fernandes, Cerioli e Caldart, 2009, p. 53).

Deste modo, entendemos que as Escolas do Campo que ofertam a Educação Básica, em especial a Escola do Carioca de onde advém os sujeitos desta pesquisa, tem um longo caminho a percorrer no que tange à visão dos egressos sobre o campo ao concluírem o ensino médio. Notou-se que a escola ainda não trabalha os conceitos e princípios da Educação do Campo

como é proposto nos materiais que orientam a Educação do Campo para as escolas do/no campo.

Esta constatação pode ser percebida após a análise das contribuições que os egressos trouxeram para esta pesquisa. Ainda temos forte a presença da Educação Rural e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que reforçam a necessidade dos educandos saírem do campo para a cidade. A falta de profissionais com habilitação específica é sentida nas escolas. Por isso é tão importante uma formação continuada para os educadores do campo. A formação contribuirá para que toda a equipe pedagógica, gestores, supervisores e professores tenham conhecimento sobre a Educação do Campo e possam aplicar os conceitos na perspectiva de uma educação emancipadora.

Esta perspectiva foi verificada nos relatos dos egressos da Educação Básica após o contato com a Licenciatura em Educação do Campo. A visão dos sujeitos da pesquisa sobre o campo mudou, eles deixaram claro o quanto esta mudança no olhar e esta nova abordagem foi importante para eles como pessoa e para a valorização do seu povo e de sua comunidade. O acesso desses egressos ao Lecampo representa a quebra de paradigmas de que o campo é um lugar de atraso e reforça que a Educação do Campo não é apenas o espaço escolar, mas todo o contexto das vivências dos sujeitos e suas experiências.

Depois que eu comecei a estudar lá eu não sei, me tornei uma pessoa mais confiante sabe ... eu achava que eu não podia nada porque era da roça que era filha de agricultor aí depois que eu fui para lá a minha mente abriu. Eu fiquei admirada; tipo assim, a gente se enxerga lá sabe? Foi o local que eu mais me senti bem foi na UFMG. Parece que o pessoal lá conviveu com a gente. Não sei, eles entendem, eles conhecem como que é a realidade da gente né porque não é fácil e nem todo mundo dá valor na realidade de quem é da zona rural. (Mônica, egressa)

Eu tinha um pensamento muito pequeno por eu nascer aí no interior. Me fez refletir sobre a importância do estudo para a vida da gente que é do interior. Por exemplo: todo mundo que formava aí casava cedo. Minha mãe mesmo casou muito nova. Ela não teve estudo, não teve oportunidade. A gente mesmo por exemplo, na nossa família, não tinha oportunidade da gente sair, fazer uma faculdade, pagar um curso. Aí apareceu a Licenciatura em Educação do Campo que deu esta oportunidade pra gente. (Luíza, egressa).

Podemos concluir que a Licenciatura exerce um papel fundamental na vida desses sujeitos e contribui para que as realidades locais sejam impactadas com a presença destes jovens nas comunidades, movimentos sociais, escolas dentre tantos outros lugares que os sujeitos do campo ocupam.

4.2.2 Ficar ou sair do campo? O que dizem os egressos?

Esta abordagem sobre a permanência ou não dos sujeitos do campo, no campo, é muito significativa para a nossa discussão. Ela nos ajuda a entender o camponês em suas diversas dimensões desde o que tange a questão da identidade campesina, a cultura até as relações de trabalho. Trazendo para a discussão, Tardin (2012) contribui dizendo que:

Em sua generalidade, o ser camponês está imbricado à natureza numa relação cotidiana, e essa interação se dá por um contínuo conhecer, pelas descobertas, por uma práxis empírica ampla e, preponderantemente, pela experimentação durante largo lapso de tempo, efetivando tentativas que levam a acertos e erros, e, com isso, orientam as escolhas. (Tardin, 2012.p. 180).

Nesta perspectiva, Zoia e Peripolli (2011, *apud* Zoia, Peripolli e Muller, 2019, p. 3), chamam a atenção para a existência de dois projetos de campo:

a realidade do campo brasileiro, hoje, pode ser descrita a partir de dois projetos de campo: o do agronegócio, de um lado e; do outro, o da agricultura familiar camponesa. Ambos apontam para projetos de sociedade que, na sua essência, se contrapõem. Em outras palavras, lutam por projetos que atendam interesses de classes a classe burguesa (agronegócio/ monocultura/latifúndio) versus a classe trabalhadora (multicultivos/ pequenas propriedades/diversidade). (Zoia, Peripolli e Muller, 2019, p. 3)

Deste modo, os relatos dos egressos que desde a infância viveram no campo e que no seu processo de formação acadêmica teve o campo norteando todo o processo educacional, nos ajudam a entender os fenômenos que ocorrem no campo que impactam na decisão de permanecer no campo ou migrar para a cidade. Dos 10 egressos entrevistados, 5 permanecem no campo, Maria, Lívia, Zélia, Olívia e Alice e 5 migraram para a cidade, Caroline, José, Carlos, Mônica e Luíza. Estes dados nos ajudarão a entender quais as motivações que levam os sujeitos a permanecerem ou a saírem do campo.

No relato “Eu sempre falo que a gente deve lutar pela permanência no campo e se a pessoa escolher viver no campo que ela viva bem”(Maria, egressa) demonstra que para permanecer no campo é necessário ter condições suficientes para manter uma boa qualidade de vida; que o campo precisa oferecer recursos para que esta permanência aconteça. Esta necessidade é confirmada pela egressa Lívia e Zélia ao falarem:

Eu pretendo ficar porque, a Educação do Campo, ela ensina isso, te faz perceber que você não precisa sair do campo para ter melhores condições de vida ou seja ,eu decidi ficar no campo porque eu tenho uma profissão para mim trabalhar. Então não precisa sair daqui para poder procurar um emprego

em outra localidade. (Lívia, egressa)

Eu pretendo ficar no campo. Acaba que nem tem muitos professores para o lado daqui. Aí eu prefiro ficar no campo. E também pela questão da locomoção, aqui é mais perto. (Zélia, egressa).

Os excertos confirmam que quando temos as condições necessárias para permanecer no campo esta permanência se dá com muita tranquilidade. A permanência não está somente no fato de ficar no campo, ela envolve questões muito mais complexas como ações afirmativas para outro projeto de campo como é exposto por Zoia, Peripolli e Muller (2019), ao abordar uma das políticas afirmativas que é voltada para a área de educação:

[...] as políticas de atendimento à educação do campo: Procampo (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo) , Pronacampo (Programa Nacional de Educação do Campo), Projea Campo. Ou seja, de um país de camponeses analfabetos, sobretudo entre os mais velhos, agora, a possibilidade de acesso à educação escolar e, conseqüentemente, a outros projetos de vida. (Zoia, Peripolli e Muller, 2019, p. 2)

Portanto, a Educação do Campo representa uma nova possibilidade para os sujeitos do campo ao acesso à educação; contribui para o seu processo de formação que aponta para projetos de sociedade da classe trabalhadora com a valorização da agricultura familiar e a permanência no campo.

Esta concepção de campo também é abordada por Tardin (2012) em suas análises sobre o modo de vida camponês:

Estão presentes em suas relações sociais acentuados valores humanos fundamentais, entre os quais a solidariedade e a fraternidade, que se concretizam em múltiplas práticas de ajuda mútua entre vizinhos... ou mesmo na organização de festividades comunitárias ou casamentos, batizados, entre outra. (Tardin, 2012, p.181).

Estas relações sociais são muito fortes e presentes no modo de vida camponês; o afastamento dos sujeitos das suas vivências acabam provocando um sentimento e uma sensação de não pertencimento, de perder os laços e vínculos com o seu povo. A permanência estreita esses laços, esta afirmação pode ser constatada na fala da egressa Olívia ao demonstrar toda esta vontade e sentimento que atravessam essas relações.

Eu quero ficar aqui para o resto da minha vida. Não quero sair não. Sabe por quê? Porque eu tenho minha família perto de mim, eu tenho tudo que eu preciso que eu necessito aqui no campo. O meu trabalho é aqui no campo. Eu quero é ficar aqui mesmo. O meu lugar é aqui. A diferença do campo para a cidade é que aqui você tem contato com todo mundo, eu não sei explicar, eu só sei sentir. Explicar é difícil. (Olívia, egressa)

Com isto, podemos entender o campo como lugar de vida, de valores e resistência. Que o trabalho no campo ajuda na permanência dos sujeitos, garantia de sobrevivência e

melhor qualidade de vida.

Zoia, Peripolli e Muller (2019, p. 4) argumentam que:

Há que se levar em conta, neste caso, o campo, mais do que um lugar/espço onde se produz mercadorias, seja visto e pensado como um lugar onde seja possível o cultivo de valores e princípios para além daqueles impostos pelo projeto do capital. Em outras palavras, a valorização e incentivo ao cultivo da cultura camponesa, ferramenta integradora do campesinato: um campo que integre; una e atraia. Que possibilite a produção de valores voltados à produção da vida sob as mais diferentes formas. Um campo de outras vivências e convivências. Um campo possível para todos.

Seguindo nesta concepção de campo voltado aos camponeses, Alice expressa a sua vontade em permanecer no campo:

Eu pretendo continuar no campo. Eu sempre tive esse desejo e agora ele ainda está maior. As minhas motivações são de não perder o vínculo com o campo; criar o meu filho aqui no campo. Vejo que aqui, a gente tem uma vida mais tranquila, longe de muito trânsito, longe de poluição de carros, fábricas, motos. Mas assim, vejo que essa mentalidade mudou também, pelo fato de hoje eu está trabalhando em uma escola e ver que é possível eu estar no campo e trabalhar. Porque se eu não tivesse essa oportunidade de trabalhar eu com certeza não estaria tão convicta de permanecer no campo. Eu teria que buscar novos ares”. (Alice, egressa)

Podemos inferir que a permanência no campo é facilitada na medida em os sujeitos conseguem desenvolver-se. De acordo com Zoia, Peripolli e Muller (2019), há outro campo que vem sendo gestado, o campo do camponês:

Hoje, as ações voltadas à juventude camponesa não podem estar direcionadas tão somente às práticas/atividades agrícolas. Há outro campo que vem sendo gestado, ou seja, sob novos paradigmas: o campo como espaço da produção da vida, independentemente da forma como, estes buscam se reproduzir enquanto camponeses. Poderíamos dizer: o campo do camponês. (Zoia, Peripolli e Muller, 2019, p. 15).

Seguindo a análise, quanto à saída do campo, os egressos Carlos, Mônica e Luíza afirmaram que migraram para a cidade em busca de emprego, por não ter conseguido trabalho no campo. Para eles, migrar não foi uma escolha, mas a necessidade de sobrevivência para a construção de um futuro melhor.

Hoje eu moro na cidade. No campo eu não consegui trabalho com uma quantidade de dinheiro que desse pra eu viver, por isso eu tive que migrar para a cidade. Não que tenha sido a minha vontade mas se lá tivesse as condições necessárias para eu ter um salário bom eu iria continuar porque eu não gosto de cidade não. (Carlos, egresso)

Eu me mudei para a cidade. Mas eu gosto é de lá. Só que a questão do

emprego, não é fácil não. A gente tem o custo de vida. Então... assim é difícil, mas eu queria ficar lá. (Mônica, egressa)

Meu sonho sempre foi ficar no campo e ter uma condição de vida boa. Só que aí eu não consegui. Eu tive que sair do campo para vir atrás de uma condição de vida melhor. Eu não consegui permanecer no campo. Mas eu penso em daqui uns anos talvez retornar para eu poder trabalhar aí. (Luíza, egressa)

Estes relatos nos colocam frente aos desafios enfrentados pelos sujeitos do campo, ainda faltam políticas públicas eficientes que atendam os camponeses e contribua para o seu desenvolvimento e permanência no campo:

Para os jovens que vivem e trabalham no campo, a decisão entre ficar e/ou sair do campo é uma tarefa difícil de ser tomada. Há um conjunto de condicionantes imbricados nesse processo que, nas condições em que se encontram, nem sempre conseguem fazê-la da melhor forma possível. Mas, uma coisa é comum a todos: as decisões seguem uma dinâmica que os aproximam: migrar é e está sempre no limite das possibilidades. Ou seja, quando já não há outra saída. (Zoia, Peripolli e Muller, 2019. p. 8)

Diferente do Carlos, da Mônica e da Luíza que afirmaram que gostariam de ter ficado no campo, Caroline afirma que não tem a intenção de voltar a morar no campo enquanto José não deixa claro quais são os seus propósitos em relação ao campo.

Hoje eu moro na cidade, mas eu vejo esta perspectiva futura de crescimento no campo; trabalho no campo a semana toda, final de semana eu estou lá. Mas se for para voltar a morar eu não quero. Eu tenho essa relação de pertencimento com o campo; o que a gente puder contribuir para o crescimento do local para melhorar as condições, a gente não vai medir esforço para fazer isso. Mas eu não tenho essa vontade de ficar no campo, mas, reconheço que eu tenho pertencimento, que eu posso contribuir de alguma forma mesmo que seja pequena para um desenvolvimento melhor do campo e daquele sujeito que nele habitam. (Caroline, egressa)

Depois que eu saí da escola, entrei no curso e migrei para a cidade. Mudei completamente meu modo de vida. Mas eu acredito que o campo nunca saiu de mim. Eu sempre usei todos os meus conhecimentos, a minha vivência tudo da mesma forma. E acredito que mesmo eu hoje morando na cidade, se fosse para eu trabalhar na área da Educação ou alguma coisa do tipo eu sempre usaria a metodologia, o modo de vida, meus conhecimentos tudo que eu tirei do campo para trabalhar na cidade. (José, egresso)

Os egressos Caroline e José deixam claro todo o seu sentimento de pertencimento ao campo e o reconhecimento como camponeses. Assim como eles, todos os egressos da pesquisa. Deste modo, de acordo com Tardin (2012) podemos afirmar que os sujeitos da pesquisa se situa no estado de consciência de classe em si.

É notório, no presente, que a maior parcela do campesinato brasileiro se encontra subsumida na alienação e na manipulação ideológica, enquanto outra parte se situa no estado de consciência de classe em si e uma fração menor, mas significativa, toma a frente da sua organização e ação em movimentos sociais com clara consciência de classe para si, qualificando sua prática política e produtiva. (Tardin, 2012 p. 185).

Deste modo entendemos que os egressos desta pesquisa fazem parte da menor fração discutida por ele uma vez que demonstram ter consciência de classe para si qualificando as suas práticas. “por enquanto eu pretendo ficar no campo, entendo que o campesinato é uma identidade. Não quero que haja essa ruptura. Ah vou pra cidade, acabou a Maria, a Maria não é camponesa mais. Não. Aonde eu for eu serei camponesa, isso não muda” (Maria, egressa).

Sair ou permanecer no campo envolve muitas questões que a maioria das vezes não está no controle e decisão do sujeito.

Neste contexto (campo) que se re/desenha, ou se reinvente, há que se ressaltar a necessidade de se reconstruir no imaginário coletivo, bem como no imaginário da própria população do campo, uma nova visão do campo. Esse novo olhar sobre o campo e seus sujeitos precisa ser levado também para dentro da escola, inserindo-o nas práticas pedagógicas para que os estudantes (crianças, jovens, adultos) possam incorporá-las e vivenciá-las. (Zoia, Peripolli e Muller, 2019, p. 15).

Esta nova visão do campo já está sendo posta, os egressos demonstraram a sua atuação em sociedade principalmente na área educacional. Este estudo reafirma a importância da Licenciatura em Educação do Campo para o reconhecimento dos sujeitos como camponês, para consciência de classe e para decisões que impactam diretamente a sua vida e a vida das pessoas que vivem no campo.

4.2.3 Qual é a visão dos egressos sobre a escola do carioca antes e depois da Lecampo? Que papel esta escola exerceu na vida desses sujeitos?

Esta análise tem por objetivo identificar a visão dos egressos sujeitos desta pesquisa sobre a Escola do Carioca em dois momentos distintos. Primeiro, a visão que eles tinham da escola quando eram alunos e a segunda, refere-se à visão que eles tem da escola atualmente após cursarem a Licenciatura em Educação do Campo. Para finalizarmos esta análise investigamos também qual é o papel que a escola exerceu na vida desses egressos. O nosso intuito é verificar se a Licenciatura em Educação do Campo possibilitou aos egressos reflexões e uma visão crítica sobre a Escola do Carioca no que diz respeito à implementação da Educação

do Campo no currículo escolar.

Para além, pretende-se identificar lacunas quanto a implementação das abordagens da Educação do Campo nesta instituição não para depreciar a escola, mas sim para refletirmos a respeito do currículo abordado e se há necessidade de uma reformulação do mesmo com o objetivo de inserir a Educação do Campo no currículo escolar.

Afim de darmos início à nossa discussão, Neto (2009) aborda sobre a educação emancipatória camponesa:

A Educação, sendo parte da totalidade social, é um direito de formação do ser humano na sua totalidade social e, assim sendo, não pode ser separada do restante da vida social e nem fragmentada em seu conteúdo. Trabalho e cultura, definidores do processo educativo, são fundamentos inseridos na totalidade das relações sociais, estando no centro do contraditório processo de sociabilidade e formação humana.(Neto, 2009, p.31).

De acordo com Neto (2009), a Educação é um direito que precisa estar conectado à vida social. Pensar a educação perpassa por vários processos e pela reflexão sobre que escola temos e que escola queremos.

Desse modo, trouxemos alguns dos relatos dos egressos quanto ao olhar que tinham da escola quando eram educandos. “Era um local de incentivo aos estudos, com direção e professores empenhados em ofertar um ensino de qualidade” (Maria, egressa); “uma escola que conseguiu dar a oportunidade de termos um ensino em um local próximo a nossas casas, visto que anos atrás os moradores tinham que enfrentar mais de 12km para estudarem” (Alice, egressa); “via a escola como um caminho de possibilidades, de sonhos”(Olívia ,egressa); “como minha primeira oportunidade para ir atrás do meus sonhos” (Caroline, egressa); “Foi aquele espaço que me guiou a ser, no sentido acadêmico, quem eu sou hoje (Carlos, egresso). Estes relatos demonstram a importância da escola na vida educacional, pessoal e social desses educandos.

Diverso dos olhares que trouxemos acima, o José deu ênfase aos desafios enfrentados em sua trajetória. Ele frisou que a escola não passava de uma escola comum. Esse relato chamou a atenção sobre o currículo desta escola nos levando a inferir que a escola era semelhante às escolas urbanas e que não adotava um currículo diferenciado que contemplasse a Educação do Campo.

Não passava de uma escola comum pra mim, na verdade, minha visão sobre ela era até negativa. Pra mim era apenas uma escola situada na zona rural, atrasada estruturalmente, mal situada no espaço geográfico pois em períodos chuvosos nós sempre sofriamos para chegar até ela. (José, egresso)

Contudo, entendemos que mesmo não contemplando de forma mais incisiva a Educação do Campo, a escola foi fundamental na trajetória escolar dos egressos, que apesar dos desafios que enfrentavam, tinham a escola como o ponto de partida para alcançarem os seus objetivos e como o lugar de acesso ao conhecimento.

Se frente a todos os desafios a escola desempenhou papel tão significativo na vida desses sujeitos, podemos imaginar o quanto mais ela poderá contribuir com a implementação das abordagens da Educação do Campo. Santos e Vinha (2018), ressalta os princípios da Educação do Campo:

Em seus princípios, essa política destaca a educação do campo como: valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdo curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e às condições climáticas e controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (Santos e Vinha, 2018, p. 7).

Deste modo, pensando nos princípios da Educação do Campo, daremos sequência à nossa análise; agora sob a ótica do olhar dos egressos sobre a escola após o contato com a Licenciatura. Ressaltamos que neste quesito todos os egressos demonstraram ter um olhar mais aprofundado e crítico sobre a escola em relação ao currículo e a falta de implementação da política da Educação do Campo na Escola do Carioca.

Após o curso e por eu está trabalhando no mesmo ambiente escolar que estudei pude perceber que não é bem isso que acontece. Vejo que a escola não valoriza da forma que deveria a realidade que seus sujeitos estão inseridos, a maioria dos conteúdos não dialoga com a realidade. Sem contar que não é enfatizado a importância do campo e como é possível fazer a diferença nele. Não é instigado/ enfatizado a importância de permanecer no campo e contribuir para melhoria do local , e sim a um reforço de estímulo daquele sujeito que deseja sair.(Caroline, egressa).

Apesar de os esforços de alguns egressos do LeCampo, a escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, não se atenta de uma maneira efetiva aos princípios voltados a educação do campo. Infelizmente sua forma de ensino ainda é voltada a forma de ensino proposto nas cidades. Apesar de haver sim, respeito, e atenção do corpo docente pelos sujeitos que fazem parte do ambiente, acredito que por ser uma escola classificada como uma escola do campo, os princípios da Educação do Campo é bem inferior ao que deveria ser de fato.(Carlos,egresso).

Podemos observar que os egressos passaram a entender de maneira aprofundada o que

é a Educação do Campo e demonstraram que os conceitos e princípios não estão sendo trabalhados da forma que deveria. Carlos ressaltou que há o esforço por parte dos egressos que atuam na escola em levar a efetivação da Educação do Campo mas, que ainda é muito desafiador. Complementando as abordagens trazidas nestes relatos Santos e Vinha (2018), corroboram ao dizer sobre estes desafios:

Mesmo que hoje possamos falar de uma educação do campo, esta só foi possível através da luta dos movimentos socioterritoriais e povos do campo. O Estado define como escolas do campo todas aquelas que se encontram no campo. Porém como trazido ao longo da nossa reflexão, a educação do campo está muito além de ter uma escola localizada no campo. Neste artigo, defendemos a educação do campo, porém como foi pontuado, nem todas as escolas no campo são orientadas pelo projeto de educação do campo. (Santos e Vinha, 2018, p. 8).

Estas reflexões nos levam a pensar em estratégias para a efetivação da Educação do Campo nas escolas. Não basta apenas estarmos no campo. É necessário levarmos para dentro das escolas e para as salas de aulas os conceitos orientados pelo projeto da Educação do Campo. Para além, estes conceitos precisam estar conectados com a vida cotidiana dos educandos contribuindo para uma maior proximidade da teoria com a prática e por conseguinte com a comunidade.

Durante as entrevistas, alguns egressos falaram sobre temáticas que deveriam ser abordadas na escola. Após analisarmos consideramos relevantes e passíveis de serem aplicadas. Estas propostas unem a teoria com a prática e é um caminho para a implementação da política da Educação do Campo.

Estando no curso percebi que a escola deveria falar um pouco mais sobre a cultura camponesa e das dificuldades que os camponeses enfrentaram para conseguir um olhar de políticas públicas voltadas para a educação no campo. E quem sabe introduzir práticas que ajudem os alunos a entender melhor a agricultura familiar, e servir de incentivo para que eles não abandonem o campo, o seu local de vivência pela busca de um futuro melhor nas grandes cidades. (Lívia, egressa)

Através do curso de licenciatura pude perceber que as escolas deveriam ensinar mais sobre a cultura do campo e as dificuldades que os agricultores enfrentam para conseguir que as políticas públicas olhem com mais carinho para a educação dos camponeses, e talvez introduzir algumas práticas que possam ajudar os alunos a compreender melhor o lugar onde vivem. Creio que isso iria servir de incentivo para que não abandonem o meio rural onde vivem e vão para as grandes cidades em busca de um futuro melhor. (Zélia, egressa)

A implementação destas abordagens nas escolas do campo, podem trazer grandes reverberações na vida dos educandos que a frequentam como também a toda comunidade escolar. Elas podem representar uma alternativa para superar as lacunas que são enfrentadas atualmente.

Para melhor entendermos esta temática Molina e Sá (2012), contribuem ao trazer a importância da escola do campo nesse processo de transformação social:

A intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, e que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político, atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social. Ela se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra-hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, para promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana. (Molina e Sá, 2012, p. 325).

Deste modo, entendemos que a escola do campo tem uma grande missão, contribuir para a transformação social dos sujeitos do campo e que esta transformação será de fato efetiva se conseguirmos ter uma formação integral dos trabalhadores. Neste contexto, a Licenciatura do Campo representa a efetivação desta formação a qual prepara os docentes para atuarem nas escolas do/no campo e desenvolverem um trabalho assim como defendido por Molina e Sá (2012) para promover a transformação do mundo e a autotransformação humana.

Nesta lógica, sobre o papel que a escola exerceu na vida dos educandos, os egressos relataram a importância da escola no seu processo de formação. Observou-se que todos são gratos à instituição por todo o conhecimento adquirido e por toda a vivência e troca de saberes que aconteceram na instituição. Abaixo separamos alguns fragmentos das falas dos egressos: “Só tenho a agradecer, pois através dela e de pessoas maravilhosas que conheci sobre a Licenciatura em Educação do Campo que consegui realizar meu sonho de ser professora (Luíza, egressa); [...]Ela me possibilitou estudar, aprender disciplinas, conceitos, ensinamentos diversos que me ajudaram a ser quem eu sou pessoalmente e profissionalmente. (Mônica, egressa); A escola teve um papel fundamental na minha vida desde pequena, pois me ajudou a desenvolver melhores percepções sobre o mundo e me preparou para que eu aprendesse sobre os direitos e deveres que tenho para com a sociedade (Zélia, egressa).

Ao mesmo tempo, que as egressas Caroline e Olívia falam sobre a importância da escola em suas vidas; elas pontuaram sobre a ausência da preparação dos educandos para o ensino pautado no projeto da Educação do Campo.

A escola de certa forma exerceu em minha vida um papel muito significativo, pois foi nela que tive a oportunidade de conhecer pessoas essenciais que contribuíram tanto para meu crescimento pessoal quanto profissional. Porém a escola não me preparou para viver e tentar fazer a diferença no espaço onde cresci. (Caroline, egressa)

O papel que a escola exerceu em minha vida foi significativo, pois ela sempre me motivou a querer, buscar e correr atrás de meus objetivos, porém ela não me formou/ preparou para viver a minha realidade, no meu espaço. (Olívia, egressa)

Após os relatos dos egressos podemos concluir que a Escola do Carioca é uma instituição extremamente importante para os sujeitos do campo e contribui de forma efetiva na vida dos educandos. Porém, o trabalho desenvolvido na instituição em relação às abordagens da Educação do Campo ainda é muito tímido. É necessário que estes conceitos sejam trabalhados de maneira mais eficaz e que seja contemplado no currículo escolar além disto, uma formação continuada para os professores é primordial para que todos entendam e tenham contato com a Educação do Campo. Os egressos da Lecampo que estão atuando na escola, tem exercido um papel importantíssimo na disseminação das informações e com um olhar diferenciado para a instituição e para os sujeitos.

4.2.4 Atuação docente, a visão dos egressos sobre a prática pedagógica

Ao fazer a análise das falas dos egressos que atuam como docentes, observamos que eles tocaram em pontos importantes e sensíveis da área educacional e especialmente da Educação do Campo.

Dos professores que estão atuando, a Caroline e a Olívia trabalham na mesma instituição a qual estudaram, no entanto, elas apresentam olhares distintos sobre a docência.

Enquanto Olívia é grata por todo esse processo que está vivenciando, “[..] É uma honra trabalhar na escola que eu sempre estudei durante a minha vida toda. Agora voltei como professora e tô aqui já vai fazer três anos graças a Deus”[..], (Carol, egressa) destaca os desafios enfrentados no dia-a-dia do professor do campo e a sensação de estar atuando em uma instituição que é do campo mas que não conta com profissionais formados em um curso específico da área.

Mas, futuramente eu não pretendo continuar na área porque o sistema é muito complicado. Eu acho que é algo que desgasta muito a gente. Não é só o sistema, mas também o fato de o coletivo não funcionar da maneira que a

gente espera. Porque você aprende no curso de licenciatura a trabalhar um coletivo reforçado, a união com todos. A gente aprende a organicidade, sobre os princípios da Educação no campo. Infelizmente dependendo da instituição que a gente vai lecionar a gente não vai ter esse contato com outros profissionais que tem esse conhecimento. Então eu acho que isso se torna muito difícil. É muito difícil um ou dois no meu ponto de vista, tentar fazer a diferença quando tem mais de quarenta andando diferente. Então isso é uma coisa que desgasta muito a gente. Mexe muito com psicológico sobre o que você quer executar; uma coisa ali perfeita, você quer que aluno ali se reconheça, interaja com o espaço que ele vive. Infelizmente a gente não consegue atingir todo esse nosso propósito. (Caroline, egressa,)

Carlos (egresso) também ressalta ter passado por momentos de desafios enquanto lecionava na instituição em que estudou.

“[...] Em relação à minha vida pedagógica, eu tive a oportunidade de dar aula [..]. Na faculdade eles colocam pra gente uma visão linda sobre todo o meio escolar. Você vai chegar, vai ser um agente transformador, você vai mudar as coisas. E quando a gente chega na escola, a gente vê que não é bem assim. A gente ensina mas não tem total liberdade sobre o que vai fazer. Tem que ter o plano A e o plano B. (...) Eu não sabia como agir em certas situações. Eu me senti acuado” (Carlos, egresso).

O relato de Caroline e Carlos nos mostra o quanto é importante que as Escolas do Campo tenham profissionais formados na área e com conhecimentos específicos que dialoguem com o modo de vida camponês. Eles transmitem as dificuldades que o profissional sente ao começar a atuar nas escolas que não contam com o apoio específico para desenvolver o trabalho. Deste modo, Molina e Sá (2012) ressaltam que:

A intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, e que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político, atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social. Ela se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra-hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, para promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana (Molina e Sá, 2012, p. 325).

Deste modo, entendemos que é necessário que o movimento pela Educação do Campo ganhe mais força e visibilidade e que ele consiga adentrar os espaços afim de levar aos sujeitos do campo a educação que eles sempre lutaram para conseguir. Ao mesmo tempo, é necessário entender todo o movimento que é feito e é extremamente importante para tocar os territórios e os sujeitos presentes nesses espaços.

Essa discussão é observada por Alice que trabalha na escola do campo da comunidade vizinha à comunidade do Carioca e destaca a importância do acesso ao conhecimento aos sujeitos do campo.

Hoje em dia sempre quando a gente tem oportunidade de falar do curso para os estudantes que a gente trabalha na sala de aula, a gente fala porque talvez tem pessoas que não conhecem o curso e a gente falando essas pessoas vão conhecer melhor. E ver que a gente se formou naquele curso, que tá trabalhando por meio dele faz as pessoas se sentirem mais interessadas e vendo que elas são capazes de estudar não só naquele curso de Licenciatura em Educação do Campo, mas vê que eles são capazes de buscar o curso que eles almejam. (Alice, egressa).

Percebemos no relato da Alice que o movimento da Educação do Campo tem acontecido em diferentes territórios. Os professores são verdadeiros replicadores desta política pública e se preocupam em abordar a importância da educação do campo.

Ao encontro do relato da Alice, a Olívia também ressalta esta importância em atuar na escola. Ela vai além ao falar sobre a permanência no campo e a importância de ter pessoas que incentivem os educandos a darem continuidade em seus estudos. Olívia afirma que:

como licenciada em Educação do Campo eu estou trabalhando. É uma honra trabalhar na escola que eu sempre estudei durante a minha vida toda. Agora voltei como professora e tô aqui já vai fazer três anos graças a Deus. Pra mim o curso foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu tenho contato com a minha família toda. A escola é perto da minha casa, eu venho a pé. Então, nossa... eu nem sei explicar. Foi só benção mesmo. Sabe, foi maravilhoso. Aliás eu tenho que agradecer muito também a você Rosiene e a sua irmã Roseni que apresentaram o curso. A gente tem gratidão, a gente leva com a gente aonde a gente vai. (Olívia, egressa).

Esta abordagem trazida pela egressa Olívia demonstra a efetivação da Educação do Campo nos territórios; a permanência dos sujeitos no campo e manutenção dos vínculos familiares, a importância de os educadores serem intermediadores no processo de acesso e ocupação do latifúndio do saber. Para além, versa sobre o impacto da presença do docente da comunidade atuando na escola. Esta representatividade é de suma importância para os educandos como ressaltado por Molina e Sá (2012, p. 327):

A escola do campo pode contribuir para a formação de novas gerações de intelectuais orgânicos capazes de conduzir o protagonismo dos trabalhadores do campo em direção à consolidação de um processo social contra-hegemônico.

Em contexto distinto a egressa Luíza também corrobora para a difusão de sua identidade

em um espaço urbano. Ajuda a entender uma outra perspectiva da Educação do Campo no que tange ao pertencimento e identidade camponesa.

O lugar que eu estou hoje eu não escondo que sou formada através do campo. Que eu sou do interior. Eu faço questão de levar isto pra onde eu vou. Por onde eu passar eu vou levar as minhas raízes. Sempre. Se na escola daqui ou em outro lugar. Eu vou continuando passando os conhecimentos da Educação do Campo. Pra mim uma das melhores oportunidades da minha vida foi a faculdade (Luíza, egressa).

Seu relato facilita o diálogo entre campo e cidade; ajuda a quebrar a visão distorcida do campo como um lugar de atraso acreditando não estar inserido na lógica do desenvolvimento econômico e social. Ocupar novos espaços é uma conquista para todos os camponeses. A difusão da cultura camponesa em diferentes espaços ressalta a contribuição da licenciatura em seu processo de formação e reconhecimento como camponesa. No bojo desta discussão, Molina e Sá (2012) dizem sobre a ligação da formação escolar à formação para uma postura na vida:

A Educação do Campo, nos processos educativos escolares, busca cultivar um conjunto de princípios que devem orientar as práticas educativas que promovem com a perspectiva de oportunizar a ligação da formação escolar à formação para uma postura na vida, na comunidade- o desenvolvimento do território rural, compreendido este como espaço de vida dos sujeitos camponeses. (Molina e Sá, 2012, p. 327)

Deste modo, podemos inferir que os sujeitos desta pesquisa estão cumprindo o seu papel na docência e mesmo frente aos desafios enfrentados acreditam no poder transformador da educação e se colocam a serviço. Molina (2017) ressalta a importância desta atuação ao dizer que:

Enfrentar os gravíssimos problemas educacionais existentes no sistema público de educação encontrado no campo requer muito mais dos educadores do que apenas pensar criticamente sobre as suas próprias práticas, o que é necessário, mas não suficiente. (Molina, 2017, p. 600)

Deste modo podemos concluir que os sujeitos desta pesquisa são educadores que acreditam na Educação do Campo e se fazem presentes no ambiente escolar e nas comunidades ocupando diferentes territórios e propagando o modo de vida do campo e do ser camponês. Eles colaboram para a efetivação desta política pública nas escolas do campo e semeiam o conhecimento em perspectiva de mudança das práticas pedagógicas nas escolas do campo e até mesmo nas escolas urbanocêntricas. Estas práticas são compreendidas por como:

Compreende-se como tarefa intrínseca à formação docente realizada pelas

LEdoCs a elevação dos níveis de consciência dos docentes que por elas transitam, no sentido de cada vez mais irem adquirindo consciência de classe, saindo desta para alcançar a condição de classe para si. (Molina, 2017, p. 601)

Concluimos dizendo que a Educação do Campo mesmo com todos os desafios que enfrenta, está tocando os territórios e sendo tocada por ele.

4.2.5 A Educação do Campo contribuiu para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses?

A abordagem sobre a contribuição da Educação do Campo para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses orienta o nosso problema de pesquisa. A escolha por esta pergunta geradora surgiu das experiências vividas por mim, uma vez que o meu reconhecimento como camponesa se deu somente após contato com a Educação do Campo.

Quando nos referimos a paradigmas, estamos dizendo que existem diferentes vertentes sobre o modelo de educação para os povos do campo. Em nosso referencial teórico aprofundamos os estudos sobre os paradigmas da Educação Rural e da Educação do Campo. Ancorados na discussão de Fernandes e Molina (2004, p. 5), ressaltamos que “os paradigmas são territórios teóricos e políticos que contribuem para transformar a realidade”. O nosso intuito é saber se os paradigmas da Educação do Campo contribuíram para o reconhecimento dos sujeitos da pesquisa como camponeses.

Esta abordagem é pertinente, pois entendemos que somente o fato de estar no campo não é suficiente para este reconhecimento. É necessário que haja um trabalho e um movimento que vá ao encontro do reconhecimento desses sujeitos.

Fernandes e Molina (2004) ressaltam a importância desses paradigmas para determinar a formação de uma realidade:

A prevalência de um paradigma no processo de produção de um determinado conhecimento, de elaboração de construções teóricas e proposições de políticas públicas, contribuem para determinar a formação de uma realidade de acordo com a visão de mundo dos criadores do paradigma. (Fernandes e Molina, 2004, p.5-6).

Deste modo, ansiamos entender se os sujeitos da pesquisa carregam consigo esta visão de mundo dos criadores do paradigma da Educação do Campo quanto ao seu reconhecimento como camponeses e sujeitos do campo que tem um modo de vida específico.

Marques (2008, p. 58) entende o campesinato como “uma classe social e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida”, vai além, ser camponês é deixar suas marcas no espaço e registrar sua história no lugar que está

inserido.

Nesta perspectiva, buscamos entender se os sujeitos da pesquisa se reconhecem camponeses e a contribuição da Educação do Campo na quebra desse paradigma. Olívia e Mônica concordam que antes elas não se reconheciam camponesas, mas que após todo o processo vivenciado por elas e pelo contato com a Educação do Campo este reconhecimento aconteceu.

A gente vive, mora, cresce no campo, mas não sabe o que é ser camponês. A gente sabe que a gente usa a terra, mas a gente não tem aquela relação tão próxima com a terra. Quando a gente entra lá no Lecampo, que a gente tem o contato com o curso, a gente faz todas as disciplinas, as místicas, quando a gente tem todo aquele acolhimento, nossa ...a gente percebe que ser camponês é isso, é a identidade da gente (Olívia, egressa).

Hoje eu me identifico, acho que antes eu tinha vergonha de falar que era da roça. Agora eu falo tipo assim, não tenho vergonha não. De jeito nenhum. Tenho orgulho de ser de lá. Mas antes eu tinha vergonha mesmo. Porque parece que todo mundo te julga. Parece que tem um mau olhar para quem veio da zona rural (Mônica, egressa).

Esta dificuldade em se reconhecer camponês está imbricado em diferentes fatores como tratado por Tardin (2012) ao explicar a generalidade que envolve o ser camponês:

Em sua generalidade, o ser camponês está imbricado à natureza numa relação cotidiana, e essa interação se dá por um contínuo conhecer, pelas descobertas, por uma práxis empírica ampla e, preponderantemente, pela experimentação durante largo lapso de tempo, efetivando tentativas que levam a acertos e erros, e com isso orientam as escolhas. (Tardin, 2012, p. 180).

De acordo com Tardin (2012), o ser camponês está relacionado às relações cotidianas que se dão por meio das descobertas e do conhecimento de si e do contexto em que está inserido. As nossas decisões e experiências nos levam a acertos e erros que orientam as nossas escolhas. Deste modo a escolha dos sujeitos da pesquisa em cursar a licenciatura trouxe impactos positivos para o seu reconhecimento e ao mesmo tempo para uma mudança de visão e de novas possibilidades para o futuro.

Olívia e Mônica expressaram de maneira muito clara esta quebra de paradigmas que tiveram paralelamente com a aproximação dos paradigmas da Educação do Campo. Esta quebra também é constatada neste relato da Alice, egressa “antigamente o que a gente via o que era ser camponesa, era a mulher ficar dentro de casa cuidando das tarefas domésticas e o marido sair para trabalhar”. Esta fala demonstra as relações de trabalho no campesinato e ao mesmo tempo representa também o patriarcalismo tão presente no modo de vida camponês. Tardin (2012),

traz esta abordagem em seu texto sobre Cultura Camponesa dizendo:

A magnitude e a complexidade de seu quefazer exigem das mulheres amplos conhecimentos e habilidades vistos como obrigações de uma boa mulher e como ajuda ao marido. É um contexto secularmente opressor e repressor no qual a relevância dos seus afazeres e a dignidade do seu ser em geral não alcançam o devido reconhecimento, seja no interior da família ou no âmbito social (Tardin, 2012, p. 182).

Deste modo, o acesso à uma educação específica para os camponeses é extremamente necessária para a quebra da visão estereotipada da mulher que é vista para servir ao outro. O reconhecimento de si, dos seus direitos e das infinitas possibilidades dentro do campo é expressado pela Alice quando ela complementa:

Hoje em dia eu tenho uma nova visão do que é ser camponês. Ser camponês é ser o que a gente quer ser. É a gente ter o vínculo com o campo, é a gente reforçar a importância da agricultura familiar, mas é também quebrar aquela visão de êxodo rural que a gente tanto vê, mas eu pensava que o êxodo rural era comum. Hoje eu vejo que a gente tem novas oportunidades. Podemos sair, ir para a cidade buscar um novo curso, um novo trabalho, mas é a gente saber que ser campesino é poder retornar para o nosso local de moradia e colocar em prática tudo aquilo que a gente estudou (Alice, egressa).

Deste modo ser camponês é reconhecer-se mas é também preocupar-se e ter um olhar ampliado sobre os problemas que são enfrentados nos territórios. Quando a Alice fala sobre o êxodo rural que é vivenciado pelos camponeses, nos remete aos problemas que envolvem este movimento e ao mesmo tempo sobre a necessidade de políticas públicas para a efetivação da permanência dos sujeitos no campo. Marques (2008) retrata estes paradigmas ao falar sobre o acesso à terra:

Enquanto o campo brasileiro tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder político e econômico - esteja ele associado ou não ao capital industrial e financeiro -, o campesinato permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições (Marques, 2008, p. 58)

Para Marques (2008), o campesinato se coloca na luta pelo acesso à terra e para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições. Desta forma, a Educação do Campo é um dos movimentos de luta que chega aos camponeses e ajuda a ter clareza sobre os processos vivenciados e sobre o seu papel no campo e na luta pela permanência.

Em seus relatos, os egressos demonstram conhecimento mais aprofundado sobre o campesinato após o contato como o curso de Licenciatura. Esse conhecimento se constrói com

a metodologia da alternância que possibilita aos sujeitos continuarem tendo vínculo com o campo ao mesmo tempo que acessam as escolas e universidades.

É uma metodologia que traz leveza, constrói conhecimento e tece redes que conseguem lincar teoria com a prática. Begnami e Justino (2022, p. 55) dizem que “a Pedagogia da Alternância é compreendida como um sistema educativo, mais que uma metodologia de organização dos tempos e espaços escolares”. Acorados em Gimonet (2007), Begnami e Justino (2022), nos apresentam a complexidade da Pedagogia da Alternância:

A pedagogia da alternância envolve múltiplas relações, ou seja, relações entre tempos e espaços formativos; relações entre sujeitos: escola, família, comunidade, movimentos sociais, movimentos de classes, sindicatos, empreendimentos socioeconômicos; relações de diálogo entre os saberes: práticos e teóricos; relações entre processos metodológicos da práxis: ação-reflexão-ação. Portanto, trata-se de uma sucessão de tempos e espaços, mas conectados, a escola articula o processo educativo com a família, comunidade e o mundo laboral (Begnami e Justino, 2022, p. 55).

A pedagogia da alternância contribui para o acesso do camponês à escola, possibilita o reconhecer-se camponês, provoca mudanças no olhar do sujeito e no seu modo de atuação em sociedade.

Esta consciência de si e de tudo que envolve o campesinato traz força e autoestima para os sujeitos ao demonstrar a mudança de visão. A permanência ou não no campo é pensada, ela não acontece à revelia e sim sob a ótica do conhecimento. Este conhecimento impacta positivamente a vida dos camponeses:

Antes a gente tinha aquele pensamento que a gente não teria futuro no campo. A gente saia daqui de Carioca para ir para cidade mas, para trabalhar como doméstica, não tinha uma outra possibilidade de emprego sem ser esse. Então a Educação do Campo me fez ver que sim, que a gente pode ficar no campo e que a gente vai ter futuro sim e que a gente pode buscar tudo aquilo que a gente buscaria em uma cidade aqui no campo, a gente pode inclusive buscar o meio de investir. (Lívia, egressa).

Esta visão demonstra a importância do acesso dos camponeses às Universidades em seus mais variados cursos. É importante que os camponeses se vejam representados na política, na área educacional, na área de saúde, nos movimentos sociais, na cultura afim de que eles possam ocupar espaços de poder e decisão política.

Caldart (2008) defende que a Educação do Campo deve contemplar o campo, a política e a educação para garantia dos seus direitos para que os camponeses sejam parte ativa nos processos e decisões políticas que impactam diretamente a sua vida e o modo de vida camponês.

A presença da Educação do Campo na universidade é uma conquista para os camponeses. A efetivação desta educação na Educação Básica e na Educação Superior é essencial para que ao final do processo de formação os educandos tenham claro esses conceitos e se reconheçam camponeses desde novos. Acredito que esta efetivação gerará impactos positivo na vida das crianças e jovens além de gerar um sentimento de pertencimento e consciência de si e do espaço em que vive. A egressa Olívia aborda esta situação em seu relato quando diz que:

O curso não só fez sentido, ele deu sentido na minha vida. Eu sempre tive essa vontade de ficar, por mais que eu saísse, eu ia voltar, mas, eu não ia me pertencer. Eu ia continuar com aquela mesma mentalidade que eu tinha. Eu não ia aprender tudo o que eu sei sobre o campo, a minha identidade camponesa. (Olívia, egressa).

A importância de trabalhar a Educação do Campo nas escolas do campo está nesse processo de reconhecimento; muitos sujeitos finalizam os estudos se se reconhecer camponês. A escola básica tem esta missão de exercer o seu papel e ofertar aos sujeitos a educação que foi pensada por eles e para eles.

A Licenciatura em Educação do Campo cumpre este papel ao preparar profissionais para atuarem no campo levando os conceitos para as Escolas de Educação Básica. Ter profissionais que tem este reconhecimento do ser camponês e com uma habilitação específica para o campo atuando na docência é um facilitador para o desenvolvimento das práticas pedagógicas nas escolas do campo.

Este reconhecimento contribui para a segurança do professor ao trabalhar os conceitos e também é uma maneira de motivar os educandos que muitas vezes tem o professor como o principal elo de ligação com o mundo:

O campo tem futuro mas tá faltando mais informação para as pessoas que moram no interior. Falta mais estrutura e pessoas para levar as informações até as escolas. Tipo assim se não tivesse sido você Rosiene e Nica talvez hoje eu estava em casa de família. Não tinha nenhuma formação. A realidade de muitas meninas daí que saem até hoje para trabalharem em casa de famílias, sem estudo. (Luíza, egressa)

Dar-se-á a importância do papel do professor. Ancorados em Antunes-Rocha (2009, p. 40) presente no referencial teórico da pesquisa: “a escola do campo demandada pelos movimentos sociais vai além da escola das primeiras letras, da escola da palavra, da escola dos livros didáticos”, é uma escola que se preocupa com os projetos, econômicos e sociais do

campo. Que considera a cultura e reconhece as formas de aprendizagem próprias dos povos do campo. Antunes-Rocha (2009) continua a sua abordagem dizendo que:

O curso proposto, em seus objetivos e formas de estruturação, deveria buscar a formação de educadores e educadoras compromissados com esse projeto educativo e com competência para levá-lo a cabo, com qualidade e responsabilidade social. (Antunes-Rocha, 2009, p. 40).

Deste modo, a Educação do Campo se preocupa com a formação do professor e para além da docência, preocupa-se com o compromisso, com a qualidade do ensino e sobretudo a responsabilidade social. Esta responsabilidade social é expressa por Caroline:

A gente pode crescer profissionalmente, pessoalmente, pode contribuir para que outras pessoas também cresçam junto com a gente. A gente tem que ter uma visão diferente, tem que acreditar, tem que fazer acontecer no campo porque ele sim, ele pode te dar essa oportunidade de crescimento dessas quebras de paradigmas. (Caroline, egressa).

Deste modo, entendemos que a Educação do Campo contribuiu para a quebra de paradigmas e reconhecimento dos sujeitos como camponeses. Esta afirmação foi comprovada na fala dos egressos sujeitos desta pesquisa que versaram sobre diferentes conceitos e temáticas que envolvem o ser camponês,

Eu vejo o camponês como uma pessoa que é muito resistente, resiliente e forte. Ele se reinventa o tempo todo e precisa se reinventar, porque senão não vai dar conta de ter comida em casa. O Camponês pode ser o que quiser ser". (Maria, egressa,)

Desta forma, o camponês é um em vários e de várias formas em um.

Afirmamos que a Educação do Campo vem cumprindo o seu papel e que os egressos da Educação Básica que cursaram a Licenciatura em Educação do Campo reconhecem-se camponeses e se colocam a serviço da comunidade em prol de uma educação de qualidade sendo e fazendo-se camponês independente do lugar e territórios que ocupam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e das análises dos dados foi possível identificar algumas considerações em relação ao que foi proposto em nosso estudo de investigação. Nesse sentido é fundamental retomarmos nossos objetivos que deram subsídio no desenvolvimento deste estudo. O objetivo geral foi identificar se a Licenciatura em Educação do Campo contribui para a quebra de paradigmas e reconhecimento do sujeito como camponês. Essa análise foi atendida ao perceber, a partir da resposta do questionário em que todos os egressos deram nota máxima quanto a contribuição do curso para o seu reconhecimento como camponês e também a partir das entrevistas nas quais os egressos relataram a importância da Educação do Campo nesse processo de reconhecimento.

Alguns relataram que muitas vezes as pessoas moram e crescem no campo, mas, não sabem o que é ser camponês. O curso da LeCampo os fizeram entender que ser camponês faz parte da identidade reconhecem-se camponeses e se colocam a serviço da comunidade e lutam por uma educação de qualidade sendo e fazendo-se camponês independente do lugar e territórios que ocupam.

Os egressos afirmaram também que a formação específica na Educação do Campo contribuiu muito para a sua vida, hoje eles sentem-se mais autoconfiantes, sentem orgulho em ser camponês; conseguiram mudar a realidade da sua vida com o acesso à educação e também pela oportunidade de conseguir trabalho em sua área e em áreas diversas da sua formação.

Outra abordagem prevista nos objetivos da pesquisa era identificar se a Licenciatura possibilitou reflexões sobre o campo. Durante as análises das entrevistas percebemos que sim. A visão que os egressos tinham sobre o campo era de um lugar de atraso, sem recursos e sem perspectivas para o futuro. A Licenciatura possibilitou a ampliação do olhar, passaram a ver o campo como lugar de possibilidades, de riquezas, de aprendizado e sobretudo como um lugar de crescimento pessoal, profissional e econômico.

Seguindo na análise sobre o campo; nos dedicamos a interpretar os dados que os egressos trouxeram quando perguntados sobre ficar ou sair do campo. Todos os entrevistados demonstraram nutrir amor, admiração e um sentimento de pertencimento ao campo porém, cinco afirmaram que continuam morando no campo e pretendem permanecer no campo enquanto que cinco saíram do campo e apenas dois pretendem voltar a morar no campo. É importante ressaltar que a permanência desses sujeitos no campo envolve fatores muito importantes como a manutenção dos vínculos familiares; por ser um lugar tranquilo e principalmente por terem conseguido trabalho. Enquanto que a motivação dos que saíram versa exatamente pela busca

de trabalho uma vez que não conseguiram trabalho que possibilitasse uma melhor qualidade de vida e situação financeira para realizar os seus sonhos e propósitos.

Outra abordagem que consideramos muito relevante na nossa pesquisa foi o papel da Escola do Carioca na vida desses egressos. A visão dos egressos sobre a escola antes do contato com a LeCampo era de uma instituição que atendia às expectativas dos alunos, que os auxiliava a atingirem os seus objetivos; após o contato com a Licenciatura eles pontuaram que hoje conseguem perceber que apesar da escola exercer um papel importante na comunidade e na vida dos educandos ela ainda não trabalha o projeto de Educação do Campo como é previsto nos documentos que direcionam esta abordagem em todas as escolas do/no campo e/ou que atendam educandos do campo.

Os egressos analisaram dizendo que durante a sua formação na Educação Básica eles não tiveram uma formação que os ajudassem a ver o campo como um lugar de possibilidades, mas pelo contrário, estudaram sob a lógica da educação urbana sem um olhar atento para o campo. O ensino reforçava a lógica do êxodo rural que é muito comum entre os jovens da comunidade até hoje. Entretanto, em nenhum momento os egressos negaram a relevância da escola em suas vidas. São gratos por todo aprendizado e empenhados a defenderem a Educação do Campo por onde forem e a sua efetivação na escola.

Ao serem questionados sobre a sua atuação na docência, alguns falaram sobre o desafio de atuar nas escolas que não seguem o currículo da Educação do Campo. Disseram sentir desanimado por não ter uma equipe que comungam dos meus princípios. Mas ao mesmo tempo, com vontade de inovar; levar para a escola tudo que aprenderam mais acabam ficando desmotivados e sentindo que estão sozinhos. Um outro grupo de egressos fala da satisfação e orgulho em estar atuando na docência e frisa a importância do seu papel na comunidade e na vida dos educandos. Apesar de trazerem olhares diferentes sobre a docência todos acreditam que é possível e necessário levar a Educação do Campo para as escolas afim de auxiliar os educandos, ajudarem a tecer um novo olhar sobre o campo, sobre si mesmo e sobre o SER camponês.

Para além, reforçam o papel que a Escola do Carioca exerceu em suas vidas. Foi a instituição em que eles tiveram o primeiro acesso à Educação e ao mundo externo. Esta instituição cumpriu com o seu papel na maneira e da melhor forma que conseguia fazer na época.

Hoje eles sugerem que a instituição deveria adotar as abordagens da Educação do Campo, inserir novas abordagens no processo de ensino e adaptar o currículo à realidade local.

Ao final dessas considerações podemos concluir que a Licenciatura em Educação do

Campo tem causado grandes mudanças na vida dos Egressos e não somente na vida deles, mas também na Escola do Carioca, no modo de verem a Educação do Campo, o interesse em aprender mais sobre estas abordagens. Além disto, a Licenciatura causa impacto na comunidade do Carioca e de seu entorno principalmente quando esses egressos retornam para a sua comunidade e passam a ocupar novos lugares. Lugares que antes a eles eram negados. A Educação do Campo está reverberando no município e precisa urgentemente de uma formação continuada para os professores como desenvolvido em nosso produto educacional afim de que todos conheçam, entendam e trabalhem no campo o projeto de educação pensado, elaborado, discutido e aprovado com e para os sujeitos do campo.

PRODUTO EDUCACIONAL

Pensar o produto educacional é uma tarefa muito delicada, pois ele é a construção de um material que será divulgado e disponibilizado para que outras pessoas tenham acesso a um conhecimento que possibilite e facilite o desenvolvimento do seu trabalho.

Um recurso educacional pode ser entendido como qualquer ferramenta que possibilite impulsionar o processo de aprendizagem (Sartori e Roesler, 2005). A partir dessa definição, seguiremos o percurso metodológico a saber: Elaboração de uma formação continuada da Educação do Campo, direcionada a professores que atuam em escolas do/no campo afim de que, tenham acesso a um material pensado para a sua atuação em uma escola do/no campo, uma vez que, a maior parte dos professores, não passaram pelo processo de formação específica nas licenciaturas em Educação do Campo.

Este material possibilitará que os professores tenham um maior contato com os princípios da Educação do Campo; além de entender a importância em implementar em suas aulas abordagens que vem ao encontro dos sujeitos do campo, partindo de suas realidades e vivências. Acredito que esse diálogo seja de grande importância para que os educandos se reconheçam e reconheçam a sua história para que possam acessar os seus direitos e entender o processo histórico e de luta do povo camponês. Ademais, com este material, a gestão escolar poderá propor o estudo do material entre os profissionais da instituição com o intuito de que todo o corpo docente conheça os princípios da Educação do Campo e possa desenvolver o seu trabalho considerando as especificidades dos sujeitos que são atendidos pela instituições e que esses possam de fato ter acesso à educação que foi pensada, planejada e conquistada por meio de muita luta para os sujeitos do campo. Por fim, espera-se que esta proposta de formação continuada contribua para a Educação e para o campo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES-ROCHA, M. I. I. Licenciatura em Educação do Campo: histórico e projeto político-pedagógico. In.: ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. (Orgs). **Educação do Campo: desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 .
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução LA Reto e A. rev. e ampl. **São Paulo: Edições**, v. 70, 2011.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Seção 1, nº. 212. Brasília, 2010.
- BEGNAMI, J. B.; JUSTINO, E. F. **Formação por Alternância na Educação do Campo**. 1. ed. Marília-SP: Lutas Anticapital, 2022.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- CALDART, R. S. Elementos para a construção de um projeto político pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, M.; JESUS, S. M. S. (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo, 2004.
- CALDART, R. S. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, C. A. (Org). **Por uma Educação do Campo**. Brasília: Inkra; MDA, 2008.
- CALDART, R. S. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área? In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (org.). **Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir das experiências-piloto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CALDART, R. S. Educação do Campo (verbetes). In: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CARMO, N. C. C. do. **Mapeando a Educação do Campo em Minas Gerais: um estudo sobre egressos da Licenciatura em Educação do Campo da UFMG (2005-2011) do Vale do Jequitinhonha**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2019.
- COSTA, F. A.; CARVALHO, H.M. Campesinato (Verbetes). In: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- COSTA, M. L. ; CABRAL, C. L. O. Da Educação Rural à Educação do Campo: uma luta de superação epistemológica/paradigmática. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 1, n. 2, p. 177-203, 2016.
- EGRESSO. In. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/egresso>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO FRANCISCO FERREIRA MACIEL. Regimento escolar. Piranga – MG. 2023. Impresso.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário**, p. 27-40, 2006.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**, v. 1, p. 197-215, 2009.

FERNANDES, B. M., CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo: texto preparatório. In ARROYO, M. G. CALDART, R. S.; M. C. MOLINA, (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERNANDES, B.M.; MOLINA, M.C. O campo da Educação do Campo. In Molina, M. C., Jesus, S. M. S. (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do campo**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2004.

FERNANDES, F. S.; SACHS, L. Educação do Campo, Ensino de Matemática e multisseriação: propostas e desafios. **Escola da Terra**.2017.

FERNANDES, I. L. C.. Educação do campo: a trajetória de um processo de mudanças para os povos do campo. **Uberlândia: Revista Ed. Popular**, v. 11, n. 2, p. 58-69, 2012.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001, p. 80.

HADDAD, S. Direito a Educação. (Verbete). In: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HOFFMANN, J. **Avaliação, mito e desafio, uma perspectiva construtiva**.41 ed. Porto Alegre: Mediação, 1991.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/panorama> >. Acesso em: 10 abr. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@ Minas Gerais. Piranga. Rio de Janeiro, [online], 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/panorama>. Acesso em: 06 mar. 2024.

JESUS, S. M. S. A. Questões paradigmáticas da construção de projeto político da Educação do Campo. In: MOLINA, M.; JESUS, S. M. S. (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do

Campo, 2004, p.109-130, v. 5.v. 5.

LEMOS, G. T.; SILVA, R. P. Contribuições da Gestão Escolar para Educação no Campo: Projeto Político Pedagógico da Concepção a Execução. Eixo Temático 5 – Política e Gestão Educacional. p.1-12. Universidade Federal de Pernambuco/CAA. **Educação do campo: Projeto Político Pedagógico instrumento de emancipação ou alienação.**

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática. In: **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática.** 2005. p. 115-115.

MARQUES, M.I.M. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 11, n. 12, p. 57-67, jan./jun. 2008.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução nº 2820, 11 dezembro de 2015.** Institui Diretrizes da Educação do Campo em Minas Gerais. Belo Horizonte: 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.

MOLINA, M. C. Apresentação. In.: MOLINA, Mônica Castagna. Reflexões sobre o significado do protagonismo dos Movimentos Sociais na construção de Políticas Públicas de Educação do Campo. **Educação do Campo e Pesquisa II**, v. 1, p. 137-149, 2010.

MOLINA, M. C.. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, n. 55, p. 145-166, 2015.

MOLINA, M. C.. Contribuições das Licenciaturas em Educação do Campo para as políticas de formação de educadores. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 587-609, 2017.

MOLINA, M. C.; PEREIRA, M. F. R. Atuação de egressos (as) das licenciaturas em Educação do Campo: reflexões sobre a práxis. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 30, n. 61, p. 138-159, 2021.

MOLINA; M. C.; SÁ, L.M. Licenciatura em Educação do Campo (Verbete). In: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NETO, A. J. M. Formação de Professores para a Educação do Campo: projetos sociais em disputa. In.: ANTUNES - ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Alves. (Orgs). **Educação do Campo:** desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

OLIVEIRA, L. M. T; CAMPO, M. Educação Básica do Campo. (Verbete). In: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão

Popular, 2012.

PENA, M. D.. Acompanhamento de egressos: análise conceitual e sua aplicação no âmbito educacional brasileiro. **Educação Tecnológica**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 25-30, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www2.cefetmg.br/dppg/revista/arqRev/revistan5v2-artigo3.pdf>>. Acesso: 20 set. 2024.

PEREIRA, M. F. R. A. **Licenciatura em Educação do Campo da UnB e a práxis docente na transformação da forma escolar a partir da atuação de suas egressas**. 2019. 325 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANGA. CRAS EM MOVIMENTO. 2019. Disponível em: <http://www.piranga.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/cras-em_movimento/26929>. Acesso em: 10 abr. 2019.

ROSA, R. F.. **A avaliação educacional sistêmica (SIMAVE) em uma escola de campo: Perspectivas e desafios**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

SARTORI, A.; ROESLER, J.. **Educação superior a distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line**. Ed. UNISUL, 2005.

SUZUKI, J. et al. **Educação e dinâmicas agrárias**. Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2021.

TARDIN, J. M. Cultura Camponesa (verbete) In: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

ZOIA, A.; PERIPOLLI, O. J.; MULLER, J. L.. Jovens Camponeses: sair ou ficar no campo?. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 22, p. e7189-e7189, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Nome completo: _____

E-mail: _____

Contato telefônico: _____

Ano em que completou o Ensino Médio

2016 () 2017 () 2018 () 2019 () 2020 () 2021 () 2022 ()

Turma na qual ingressou no Lecampo

(2017 () 2018 () 2019 () 2020 () 2021 () 2022 () 2023 ()

BLOCO I- Informações pessoais e familiares

01-Gênero

() Masculino

() Feminino

() Outros. Especifique

02. Idade em anos _____

03.Quanto à sua cor/raça, você se declara:

() Amarelo

() Branco

() Pardo

() Indígena

() Preto

() Não desejo me declarar

04. Estado Civil

() Solteiro

() Casado

() Separado

() Divorciado

Outro. Especifique _____

05. Localização:

Onde nasceu :

a) Município: _____ Estado: _____

Zona Rural: _____ Zona urbana: _____

b) Onde reside

a) Município: _____ Estado: _____

Zona Rural: _____ Zona urbana: _____

06: Sobre a configuração de sua residência:

Quantas pessoas moram com você? _____

Com quem reside:

- Com esposo (a) companheiro(a)
- Com os pais
- Colegas de estudo ou trabalho
- Sozinho (a)
- Com outras pessoas. Especifique _____

07. Você tem filhos? sim não

7.1 Quantos filhos você tem? _____

7.2 Qual é a idade dos filhos? _____

8. Renda Pessoal (somando todos os trabalhos e atividades remuneradas que você exerce)

- Até um salário mínimo
- Entre um e dois salários
- entre dois e três salários
- Entre três e quatro salários
- Acima de quatro salários

9. Renda Familiar (somando todos os trabalhos e atividades remuneradas exercidas por sua famílias)

- Até um salário mínimo
- Entre um e dois salários
- entre dois e três salários
- Entre três e quatro salários
- Acima de quatro salários

BLOCO II- Trajetória escolar e acadêmica

1..Onde você fez a maior parte do Ensino Médio

- No campo
- Na cidade

2.Quanto tempo você esperou após concluir o Ensino Médio para iniciar o ensino superior?

- Assim que formei ingressei na universidade
- Menos de um ano
- De um a dois anos
- De dois a três anos
- De três a quatro anos

3. Quem indicou ou como você ficou sabendo do curso de Licenciatura em Educação do Campo?

- Indicação de diretores/ professores da escola em que estudei
- Indicação de pessoas que fizeram o curso
- Pelas redes sociais
- Indicação de movimento/organização social/sindical/
- Outros. Especifique _____

4. A opção pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo se justifica por: (Marque mais de uma alternativa se for o caso)

- Desejar atuar na docência
- Aprimorar conhecimentos e atuar na área
- Foi a única oportunidade para fazer um curso superior
- Por ser um curso na modalidade de alternância
- Outros. Especifique. _____

5. Numa escala de 0 a 5 qual nota você daria à Licenciatura em Educação do Campo no quesito que se trata sobre o reconhecimento como sujeito camponês? Observe que quanto mais próximo de 5 maior a contribuição e quanto mais próximo de 1 menor a contribuição.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

- 1- O que mudou em sua vida após o contato com a licenciatura em Educação do Campo–Lecampo-UFGM?
- 2- A licenciatura provocou reflexões acerca de suas vivências e sobre o seu modo de vida? De que forma?
- 3- O processo de formação te auxiliou na tomada de decisões em alguma destas áreas (Pedagógica, Profissional, Pessoal, Política).De que forma?
- 4- Agora que você já concluiu a licenciatura você continuar no campo e dele viver ou pretende migrar para cidade? Explique as motivações.
- 5- Para você, a Educação do Campo contribuiu para a quebra dos paradigmas, de que o campo não tem futuro ou você ainda acredita nestes conceitos? Se você acredita, de que forma isso ocorre?
- 6- Até que ponto a Educação do Campo conseguiu ir ao encontro do que você buscava? Conseguiu encontrar as suas respostas?
- 7- Você tem mais clareza sobre o ser camponês atualmente? O curso contribuiu para essa clareza? De que forma?
- 8- O curso de Licenciatura em Educação do Campo fez sentido para você? Você pretende dar sequência a estes ensinamentos e repassar estes conhecimentos para outras pessoas?
- 9- Qual é a sua visão sobre a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel antes e depois do curso de Licenciatura em Educação do Campo? Que papel esta escola exerceu em sua vida?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezados (as) licenciados (as) e / ou graduando da licenciatura em Educação do Campo- FaE-UFMG, egressos da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel do/no Campo- Piranga- MG, Eu, Maria de Fátima Almeida Martins, professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional Educação e Docência, a Faculdade de Educação da UFMG, juntamente com Rosiene Cristina Rosa, aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e docência, na linha de Educação do Campo, estamos realizando a pesquisa intitulada **EDUCAÇÃO DO CAMPO: trajetórias de egressos da Licenciatura em Educação do Campo/UFMG na/do Escola do Carioca** e temos o prazer de convidá-lo (a) para participar da nossa pesquisa.

O objetivo é identificar se a Educação do Campo contribui para o processo de quebra de paradigmas e identificação dos sujeitos como camponês, a partir do entendimento dos egressos da Escola do Carioca que cursaram a Licenciatura em Educação do Campo- Lecampo- FaE-UFMG entre os ano de 2017 a 2020.

Os procedimentos que estamos propondo são: questionário e entrevista. Para isso, em determinados momentos há necessidade de gravar áudios das conversas para futura transcrição das informações.

Todo o material coletado (gravações, entrevistas) será utilizado somente para fins acadêmicos (escrita de artigos, capítulos de livros e apresentação em congressos da área educacional) e ficarão arquivados pelo pesquisador, pelo tempo necessário para análise dos dados, defesa da dissertação e publicações científicas. Esse material será devidamente arquivado pelo período de cinco anos. Após esse período, o mesmo será destruído

Todos os dados serão utilizados de forma a garantir o anonimato dos participantes. A identidade dos participantes será mantida em sigilo, de modo a garantir o anonimato desses indivíduos. Este estudo envolve riscos mínimos, como os de constrangimento por participar das gravações das entrevistas. Todos os cuidados necessários serão tomados para que não haja exposição do nome dos entrevistados, nos materiais que serão publicados, e caso você não queira ser gravada (o), isso será respeitado. Com relação aos benefícios da participação no estudo, a pesquisa trará benefícios para a educação pública brasileira pois ao analisarmos aspectos referentes às políticas públicas educacionais para a Educação do Campo poderemos apontar elementos e reflexões que promovam uma melhor efetivação dessas práticas em uma etapa tão importante de aprendizagem das crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Para participar deste estudo, o(a) Sr(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso haja danos decorrentes dessa participação, você tem direito à assistência e buscar indenização. O(A) Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua

identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar em algum tipo de constrangimento.

Em respeito ao que determina o Item II.23 da Resolução Res. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos, estou apresentando o presente Termo de Livre Consentimento e informo que você tem pleno direito de recusar a assinar o presente termo. Além disso, enfatizo que você tem direito a desistir da participação da pesquisa em qualquer etapa do processo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Faculdade de Educação da UFMG, e a outra será fornecida à senhora. Se você se sentir esclarecido em relação a esta pesquisa, peço a gentileza de assinar o termo abaixo. Você receberá de volta uma via desse documento. Coloco meu telefone e e-mail à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Pesquisadoras responsáveis:

Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida Martins –Telefone: (31) 99685-0806- E-mail: falmartins.ufmg@gmail.com Rosiene Cristina Rosa - Telefone: (31) 99819-6080- E mail:rosiene.rosa@educacao.mg.gov.br

EM CASO DE DÚVIDAS ÉTICAS: CEP-UFMG - COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFMG AV. ANTÔNIO CARLOS, 6627. UNIDADE ADMINISTRATIVA II - 2º ANDAR - SALA 2005. CAMPUS PAMPULHA. BELO HORIZONTE, MG – BRASIL. CEP: 31270-901. E-MAIL: COEP@PRPQ.UFMG.BR. TEL: 34094592.

O contato do pesquisador destina-se a dúvidas gerais e sobre a pesquisa, sendo o contato do CEP para dúvidas éticas.

Eu, _____, portador(a) do documento _____ declaro estar informado (a) dos objetivos e fins deste estudo e concordo participar voluntariamente da pesquisa **EDUCAÇÃO DO CAMPO**: Estudo sobre a trajetória de Egressos da Educação Básica à Universidade conduzida pela Prof^a Dra. Maria de Fátima Almeida Martins. Eu li e compreendi as informações fornecidas e recebi respostas para todas as questões que coloquei acerca dos procedimentos de pesquisa. Eu entendi e concordo com as condições de estudo como descritas. Eu entendo que receberei uma via assinada deste termo de consentimento. Eu voluntariamente, aceito participar desta pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) participante:

Eu asseguro que todos os procedimentos descritos neste termo serão seguidos e respeitados e que eu respondi, da melhor maneira possível, a todas as questões colocadas pelo (a) participante.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) pesquisador:

APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da resolução 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada e fará parte integrante da documentação dele.

Rosiene Cristina Rosa

rosiene.rosa@educacao.mg.gov.br

Pesquisadora Principal

Profª Dra. Maria de Fátima Almeida Martins

Falmartins.ufmg@gmail.com

Coordenador da pesquisa

Orientador

Comitê de Ética na Pesquisa/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar/ sala 2005 - Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG

Fone: 31 3409-4592 CEP 31270-901

e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00